

# **DAS TERMAS À CIDADE**

UMA PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO DO  
NÚCLEO TERMAL DE CALDAS DA RAINHA



**ANDRÉ DIOGO MATEUS VENTURA**  
(Licenciado)

Projeto Final para a obtenção do Grau de Mestre  
em Arquitetura

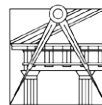
EQUIPA DE ORIENTAÇÃO:  
Doutora Arquiteta Ana Marta Feliciano  
Doutor Arquiteto António Miguel Leite

JÚRI:  
Presidente: Doutor Arquiteto Mário Kong  
Vogal: Doutora Arquiteta Margarida Louro

Lisboa, 2017







# **DAS TERMAS À CIDADE**

UMA PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO DO  
NÚCLEO TERMAL DE CALDAS DA RAINHA

**ANDRÉ DIOGO MATEUS VENTURA**  
(Licenciado)

Projeto Final para a obtenção do Grau de Mestre  
em Arquitetura

**EQUIPA DE ORIENTAÇÃO:**  
Doutora Arquiteta Ana Marta Feliciano  
Doutor Arquiteto António Miguel Leite

**JÚRI:**  
Presidente: Doutor Arquiteto Mário Kong  
Vogal: Doutora Arquiteta Margarida Louro

Lisboa, 2017



## Resumo

TÍTULO | Das Termas à Cidade

SUBTÍTULO | Uma Proposta de  
Revitalização do Núcleo Termal de Caldas  
da Rainha

NOME | André Diogo Mateus Ventura

EQUIPA DE ORIENTAÇÃO |  
Doutora Arquiteta Ana Marta Feliciano  
Doutor Arquiteto António Miguel Leite

Dissertação/Projeto elaborado para a  
obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Lisboa, Junho, 2017

Os lugares termais destacam-se desde a sua origem pelas suas potencialidades terapêuticas e recreativas, ideais à evasão ao ritmo urbano. Numa sociedade cada vez mais industrializada, são atualmente alvo de atenção e reflexão, tentando revitalizar e reabilitar esta atividade centenária. O presente estudo tem em vista o enquadramento histórico e temporal do termalismo e da sua relação com a criação do lugar termal, referindo exemplos nacionais e internacionais.

Partindo desse enquadramento mais geral parte-se para um caso de estudo específico, a cidade de Caldas da Rainha, que pela sua escala urbana e singularidade a nível histórico, representa um caso ideal para reflexão das questões anteriormente referidas e servindo de base a uma proposta de requalificação.

Propõe-se o reforço do papel matricial do termalismo na cidade, tornando-o mais competitivo e reforçando a memória e identidade do núcleo histórico, como ponto de partida à criação de um novo paradigma de desenvolvimento urbano.

Através da reabilitação e revitalização do núcleo termal e histórico, desenvolvidas no último capítulo, reforça-se a importância das tipologias-chave da estância termal, explorando-se um novo tipo de termalismo mais contemporâneo e vocacionado ao lazer e bem-estar, sem nunca perder a relação com a memória e o património existente.

### Palavras-Chave:

Termalismo | Cidade Termal | Caldas da Rainha | Pavilhões do Parque



## Abstract

TITLE | From the Thermal Spa to the City

SUBTITLE | A Proposal for the Revitalization  
of Caldas da Rainha Thermal Nucleus

NAME | André Diogo Mateus Ventura

ADVISERS TEAM |

Doctor Architect Ana Marta Feliciano

Doctor Architect António Miguel Leite

Dissertation/Project to obtain Master's  
Degree in Architecture

Lisbon, June, 2017

Thermal places stand out since their origin due to their therapeutic and recreational properties, ideal as an evasion from the urban rhythm. In an increasingly industrialized society, they are currently a target of attention and reflection, attempting to revitalize and rehabilitate this centennial activity. The current study aims to the historical and temporal framework of hydrotherapy and its relation with the creation of the thermal place, referencing national and international examples.

Starting from this general framework there's a focus on a specific case study, the city of Caldas da Rainha, which due to its urban scale and singularity at a historical level, represents an ideal case for reflection upon the previous questions and serves as a base for a requalification proposal.

It's proposed the reinforcement of the matrix role of hydrotherapy in the city, making it more competitive and reinforcing the memory and identity of the historical center, as a starting point to the creation of a new paradigm of urban development.

Through the rehabilitation and revitalization of the thermal and historic center, developed on the last chapter, it's reinforced the importance of the key-typologies of the spa resorts, exploring a new type of a more contemporary hydrotherapy focused in leisure and well-being, without losing its relation with memory and existing heritage.

### Keywords:

Hydrotherapy | Thermal City | Caldas da Rainha | Pavilhões do Parque



## **Agradecimentos**

Ao longo desta importante etapa, gostaria de agradecer àqueles que, de forma mais direta ou indireta, contribuíram para a realização deste trabalho e do percurso académico em geral.

Aos meus orientadores, à Professora Doutora Arquiteta Ana Marta Feliciano e ao Professor Doutor Arquiteto António Leite, por todo o conhecimento transmitido e pelo apoio nos momentos de indecisão.

Aos meus amigos, que me acompanharam, e alguns mesmo partilharam, este percurso e que o tornaram mais fácil pelos momentos de companheirismo e troca de ideias.

Aos meus pais pelos valores e educação transmitidos, que sempre me incentivaram a seguir os meus objetivos e me apoiaram incondicionalmente na realização dos mesmos.

## Índice

23	<b>1. INTRODUÇÃO</b>
25	1.1. Enquadramento e Objetivos
26	1.2. Metodologia
27	1.3. Estrutura de Organização
29	<b>2. AS TERMAS</b>
30	2.1. O Termalismo
32	2.2. O Contexto Europeu
38	2.3. O Contexto Nacional
42	2.4. O Microcosmos Termal
42	2.4.1. A sua morfologia
48	2.4.2. A sua imagética
50	2.4.3. A dimensão rural e urbana
52	2.5. A Revitalização do Termalismo na Contemporaneidade
54	2.5.1. As Termas de Vidago
58	2.5.2. As Termas de Tibério
62	2.5.3. As Termas de Vals
67	<b>3. A CIDADE</b>
68	3.1. As Caldas de Óbidos
71	3.2. A Fundação Leonorina
77	3.3. A Reforma Joanina
82	3.4. O Plano do Século XIX
82	3.4.1. A hegemonia termal
91	3.4.2. O Hospital D. Carlos I / Os Pavilhões do Parque
94	3.4.3. A suspensão do projeto
96	3.5. A Cidade do Século XX



<b>4.</b>	<b>PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO DO NÚCLEO TERMAL DE CALDAS DA RAINHA</b>	100
4.1.	Estratégia de Intervenção	100
4.2.	A Unidade Termal	105
4.3.	A Unidade Hoteleira	107
4.4.	Tabela de áreas	109
<b>5.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	112
<b>6.</b>	<b>FONTES DOCUMENTAIS</b>	114
<b>7.</b>	<b>ANEXOS</b>	118
7.1.	Registos Fotográficos	119
7.2.	Esboços	122
7.3.	Modelos	128
7.4.	Apresentação Gráfica do Projeto Final de Mestrado	132

## Índice de Figuras

### CAPA

Pormenor de cartão-postal do século XX dos Pavilhões do Parque.

in. <http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/CaldasRainha/147CaldasRainha.jpg>

**01.** A Fonte da Juventude por Lucas Cranach, 1546.

in. [http://www.historicismysteries.com/wp-content/uploads/2011/06/Lucas\\_Cranach\\_d.\\_%C3%84.\\_007.jpg](http://www.historicismysteries.com/wp-content/uploads/2011/06/Lucas_Cranach_d._%C3%84._007.jpg)

### AS TERMAS

**02.** Detalhe das Termas de Vals de Peter Zumthor.

in. [http://7132.com/media/42860/therme\\_slide\\_therme-spa-graubunden-vals\\_02.jpg](http://7132.com/media/42860/therme_slide_therme-spa-graubunden-vals_02.jpg)

**03.** Inalação dos vapores termais, Termas de Monte Real.

in. <http://www.termasdemontereal.pt/media/resort-termal-monte-real-hotel-termas-amp-spa-gallerytermas-3-.jpg>

**04.** Duche de Vichy, Termas de Monte Real.

in. <http://www.termasdemontereal.pt/media/hotel-monte-real-termas-amp-spa-galleryspa-5-.jpg>

**05.** Planta dos Banhos de Caracalla, em Itália.

in. <https://i2.wp.com/www.ruggeroarena.com/wp-content/uploads/terme-di-caracalla-3.jpg?resize=800%2C533caracala>

**06.** Vista atual das ruínas das Termas de Caracalla.

in. <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/564x/d1/b4/ea/d1b4ea47e187219dd9deb72a67f69cfe.jpg>

**07.** Detalhe do Plano dos Arquitetos Wood para Bath, terminado em 1775

in. <https://austenonly.files.wordpress.com/2010/03/woods-plan.jpg>

**08.** Detalhe da fachada do Circus, Bath.

in. <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/7a/6b/63/7a6b63e3d9e5327c732b5b0964629fb7.jpg>

**09.** Postal do início do século XX representando o Palácio das Fontes em Vichy, França

in. <http://www.cparama.com/forum/cartes2013a/1368690778-carte-postale-Vichy-Palais-des-Sources.jpg>

**10.** Postal representativo do Estabelecimento termal de 1ª classe Vichy, França.

in. <http://www.cparama.com/forum/cartes2015/1448494005-image0-001.jpg>

- 11.** Postal representativo do Casino e Jardins da Estância de Vichy, França.  
in. [http://images-01.delcampe-static.net/img\\_large/auction/000/359/091/729\\_001.jpg](http://images-01.delcampe-static.net/img_large/auction/000/359/091/729_001.jpg)
- 12.** Vestígios das Termas Romanas em São Pedro do Sul.  
in. <http://static.panoramio.com/photos/original/7074147.jpg>
- 13.** Vestígios das Termas Romanas de Chaves.  
in. [https://c1.staticflickr.com/1/514/20154339418\\_36e1101c25\\_b.jpg](https://c1.staticflickr.com/1/514/20154339418_36e1101c25_b.jpg)
- 14.** Cartão-postal de 1933 do Balneário Termal de Caldelas.  
in. [http://images-01.delcampe-static.net/img\\_large/auction/000/344/783/706\\_001.jpg](http://images-01.delcampe-static.net/img_large/auction/000/344/783/706_001.jpg)
- 15.** Cartão-postal do Palace Hotel da Curia e respetivos Campos de Tenis.  
in. <http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/Curia03/Curia225.jpg>
- 16.** Cartão-postal do Lobby do Palace Hotel da Curia.  
in. <http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/Curia03/Curia252.jpg>
- 17.** Plano de 1913 por Henri Martinet para Estância Termal do Estoril.  
in. HENRIQUES, João Miguel (2011). O Estoril e as origens do turismo em Portugal, 1911-1931. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, p.36.
- 18.** Planta e Alçado do Projeto de Henri Martinet para as Termas do Estoril, 1913.  
in. HENRIQUES, João Miguel (2011). O Estoril e as origens do turismo em Portugal, 1911-1931. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, p.45.
- 19.** Vista da Estância Termal do Estoril a meados do século XX.  
in. <http://lh3.ggpht.com/-yslaY6hglpQ/VFsquOXvNKI/AAAAAABYrY/FAt0IGT54KQ/s1600-h/Estoril.5416.jpg>
- 20.** Vista exterior do Complexo Termal da Curia.  
in. [http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/CuriaPostais/062\\_Curia.jpg](http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/CuriaPostais/062_Curia.jpg)
- 21.** Perspetiva da arcada de ligação do Casino e Estabelecimento Termal da Curia.  
in. [http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/CuriaPostais/065\\_Curia.jpg](http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/CuriaPostais/065_Curia.jpg)
- 22.** Vista do Complexo Termal da Curia.  
in. [http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/CuriaPostais/061\\_Curia.jpg](http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/CuriaPostais/061_Curia.jpg)
- 23.** Guia da Estância Termal de Vichy, do ano de 1894.  
in. <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/736x/7f/2c/7c/7f2c7cbff12af28685f4b9d-4d6a82302.jpg>
- 24.** Ilustração publicitária da época balnear de 1929 em Vichy.  
in. <http://www.vichy-spa-hotel.fr/sites/www.vichy-spa-hotel.fr/files/styles/image410x700/public/d6-import/image/VICHY-SPA-HOTEL-guide-Vichy-1894.jpg?itok=tZz-a3RM>
- 25.** Planta Geral do conjunto hoteleiro e termal de Vidago.  
in. MARIZ, Suze (2015). Estâncias Termas Contemporâneas - Os casos de Vidago e Pedras

Salgadas. Coimbra: Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra; Dissertação de Mestrado em Arquitetura, p.149.

**26.** Vista da Fachada do Hotel.

in. <http://ultimasreportagens.com/urdata/638/content/images/large/17.jpg>

**27.** Vista exterior do novo Complexo Termal.

in. <http://ultimasreportagens.com/urdata/638/content/images/large/7.jpg>

**28.** Vista de uma das piscinas exteriores.

in. <http://ultimasreportagens.com/urdata/638/content/images/large/112.jpg>

**29.** Pátio entre o Hotel e as Termas.

in. <http://ultimasreportagens.com/urdata/638/content/images/large/114.jpg>

**30.** Passagem aérea de ligação do Hotel e das Termas.

in. <http://ultimasreportagens.com/urdata/638/content/images/large/109.jpg>

**31.** Piscina exterior principal.

in. <http://ultimasreportagens.com/urdata/638/content/images/large/24.jpg>

**32.** Planta piso -1 das Termas de Vidago.

in. MARIZ, Suze (2015). Estâncias Termas Contemporâneas - Os casos de Vidago e Pedras Salgadas. Coimbra: Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra; Dissertação de Mestrado em Arquitetura, p.156.

**33.** Planta piso térreo das Termas de Vidago.

in. MARIZ, Suze (2015). Estâncias Termas Contemporâneas - Os casos de Vidago e Pedras Salgadas. Coimbra: Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra; Dissertação de Mestrado em Arquitetura, p.155.

**34.** Perspetiva interior da passagem de ligação das Termas com o Hotel.

in. <http://ultimasreportagens.com/urdata/638/content/images/large/93.jpg>

**35.** Vista da Piscina Interior.

in. <http://ultimasreportagens.com/urdata/638/content/images/large/97.jpg>

**36.** Vista aérea do Resort Panticosa.

in. <https://www.bing.com/maps/>

**37.** Passagem aérea de ligação das Termas de Tibério com o Hotel e o Restaurante.

in. [http://www.metalocus.es/sites/default/files/metalocus-moneobrock-termas-tiberio\\_42.jpg](http://www.metalocus.es/sites/default/files/metalocus-moneobrock-termas-tiberio_42.jpg)

**38.** Vista do conjunto Panticosa a partir da vertente.

[http://www.metalocus.es/sites/default/files/styles/sin\\_estilo/public/metalocus-moneobrock-termas-tiberia-01.jpg?itok=hsNYYdGk](http://www.metalocus.es/sites/default/files/styles/sin_estilo/public/metalocus-moneobrock-termas-tiberia-01.jpg?itok=hsNYYdGk)

**39.** Vista exterior das Termas de Tibério.

in. [https://farm4.static.flickr.com/3630/3649918254\\_c2de9da50b\\_b.jpg](https://farm4.static.flickr.com/3630/3649918254_c2de9da50b_b.jpg)

**40.** Pormenor da fachada exterior das Termas de Tibério.

in. [https://images.divisare.com/images/dpr\\_2.0,f\\_auto,q\\_auto,w\\_800/v1464780249/g7f-gr5z7doapmtqtbqjw/moneo-brock-studio-thermal-baths.jpg](https://images.divisare.com/images/dpr_2.0,f_auto,q_auto,w_800/v1464780249/g7f-gr5z7doapmtqtbqjw/moneo-brock-studio-thermal-baths.jpg)

**41.** Piscina “Oculus”.

in. [https://images.divisare.com/images/dpr\\_2.0,f\\_auto,q\\_auto,w\\_800/v1464780148/oqf-bq3fwe0yovctrp417/moneo-brock-studio-thermal-baths.jpg](https://images.divisare.com/images/dpr_2.0,f_auto,q_auto,w_800/v1464780148/oqf-bq3fwe0yovctrp417/moneo-brock-studio-thermal-baths.jpg)

**42.** Planta piso do mezanino entre o piso 0 e o piso 1 das Termas de Tibério.

in. [http://www.metalocus.es/sites/default/files/metalocus\\_balneario-panticosa\\_27\\_0.jpg](http://www.metalocus.es/sites/default/files/metalocus_balneario-panticosa_27_0.jpg)

**43.** Planta piso térreo das Termas de Tibério.

in. [http://www.metalocus.es/sites/default/files/styles/sin\\_estilo/public/metalocus\\_balneario-panticosa\\_26\\_0.jpg?itok=rlxxc0BA](http://www.metalocus.es/sites/default/files/styles/sin_estilo/public/metalocus_balneario-panticosa_26_0.jpg?itok=rlxxc0BA)

**44.** Corte transversal.

in. [http://www.metalocus.es/sites/default/files/metalocus\\_balneario-panticosa\\_23\\_0.jpg](http://www.metalocus.es/sites/default/files/metalocus_balneario-panticosa_23_0.jpg)

**45.** Vista de uma das piscinas interiores.

in. [https://images.divisare.com/images/dpr\\_2.0,f\\_auto,q\\_auto,w\\_800/v1464778868/ir-gilhidi2dpvq3wikui/moneo-brock-studio-thermal-baths.jpg](https://images.divisare.com/images/dpr_2.0,f_auto,q_auto,w_800/v1464778868/ir-gilhidi2dpvq3wikui/moneo-brock-studio-thermal-baths.jpg)

**46.** Vista da Piscina da Cascata.

in. [https://images.divisare.com/images/dpr\\_2.0,f\\_auto,q\\_auto,w\\_800/v1464780062/lnenqxytht7qfb81fro3/moneo-brock-studio-thermal-baths.jpg](https://images.divisare.com/images/dpr_2.0,f_auto,q_auto,w_800/v1464780062/lnenqxytht7qfb81fro3/moneo-brock-studio-thermal-baths.jpg)

**47.** Implantação das Termas de Vals.

in. <https://fauinta2014projeto01.files.wordpress.com/2014/12/vals-zumthor.jpg>

**48.** Vista exterior do complexo de Vals

in. [http://www.plataformaarquitectura.cl/cl/765256/termas-de-vals-peter-zumthor/552b-14f5e58ecea1190004f8-fc\\_4-jpg](http://www.plataformaarquitectura.cl/cl/765256/termas-de-vals-peter-zumthor/552b-14f5e58ecea1190004f8-fc_4-jpg)

**49.** Fachada principal das Termas de Vals.

in. <http://ultimasreportagens.com/urdata/16/content/images/large/25.jpg>

**50.** Vista da piscina exterior.

in. <http://ultimasreportagens.com/urdata/16/content/images/large/16.jpg>

**51.** Vista de uma piscina interior.

in. <http://ultimasreportagens.com/urdata/16/content/images/large/9.jpg>

**52.** Zona de circulação com vista para o exterior.

in. <http://ultimasreportagens.com/urdata/16/content/images/large/4.jpg>

**53.** Escadaria de acesso aos banhos.

in. <http://ultimasreportagens.com/urdata/16/content/images/large/31.jpg>

**54.** Corte longitudinal das Termas de Vals.

in. <http://www.archdaily.com.br/br/01-15500/termas-de-vals-peter-zumthor/1288298132-therme-vals-section-01-1000x616/>

**55. Corte transversal das Termas de Vals.**

in. [http://www.archdaily.com.br/br/01-15500/classicos-da-arquitetura-termas-de-vals-peter-zumthor/15500\\_15778](http://www.archdaily.com.br/br/01-15500/classicos-da-arquitetura-termas-de-vals-peter-zumthor/15500_15778)

**56. Planta Piso 0 das Termas de Vals.**

in. <http://www.archdaily.com.br/br/01-15500/termas-de-vals-peter-zumthor/1288298107-therme-vals-plan-01-1000x707/>

**57. Planta Piso -1 das Termas de Vals.**

in. [http://www.archdaily.com.br/br/01-15500/classicos-da-arquitetura-termas-de-vals-peter-zumthor/15500\\_15776](http://www.archdaily.com.br/br/01-15500/classicos-da-arquitetura-termas-de-vals-peter-zumthor/15500_15776)

## A CIDADE

**58. Vista aérea da cidade de Caldas da Rainha.**

in. [https://scontent.flis3-1.fna.fbcdn.net/v/t31.0-8/977150\\_588822164519768\\_1750835345\\_o.jpg?oh=493bde91119680423e296d-75055f7207&oe=599291D2](https://scontent.flis3-1.fna.fbcdn.net/v/t31.0-8/977150_588822164519768_1750835345_o.jpg?oh=493bde91119680423e296d-75055f7207&oe=599291D2)

**59. Perfil esquemático E-W das nascentes do Hospital Termal Rainha D. Leonor, 1959**

in. AIRES-BARROS, Luís (2005). Termalismo e Preservação do Património Cultural e Natural. In Caldas da Rainha: património das águas. Caldas da Rainha : Assírio e Alvim, p.74.

**60. Limites Administrativos aproximados, nos finais do século XV.**

Imagem elaborada pelo autor.

**61. Ilustração da Frontaria do Hospital da N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> do Pópulo de 28 de Março de 1747.**

in. SOUSA, Ivo Carneiro (2005). Um Hospital do *Populus*. In Caldas da Rainha: património das águas. Caldas da Rainha: Assírio e Alvim, p.80.

**62. Torre da Igreja da N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> do Pópulo por volta de 1930.**

in. <http://www.prof2000.pt/users/avcultor/Postais2/CaldasRainha/122CaldasRainha.jpg>

**63. Altar da Igreja da N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> do Pópulo.**

in. <http://www.prof2000.pt/users/avcultor/Postais2/CaldasRainha3/Caldas333.jpg>

**64. Plano da Vila das Caldas a 1742, Atribuído a João Pedro Ludovice.**

in. SERRA, João B. (2005). Percurso de Cidade com Termas. In Caldas da Rainha: património das águas. Caldas da Rainha: Assírio e Alvim, p.106.

**65. Tabela de correspondência da toponímia antiga e atual.**

in. SERRA, João B. (2005). Percurso de Cidade com Termas. In Caldas da Rainha: património das águas. Caldas da Rainha: Assírio e Alvim, p.111.

**66. Cartão-postal representativo do Chafariz das Cinco Bicas.**

in. <http://www.prof2000.pt/users/avcultor/Postais2/CaldasRainha/174CaldasRainha.jpg>

- 67.** Fachada dos Paços Reais no século XX.  
in. [http://www.prof2000.pt/users/avcultur/postais/C\\_RainhaPostais/036\\_CaldasRainha.jpg](http://www.prof2000.pt/users/avcultur/postais/C_RainhaPostais/036_CaldasRainha.jpg)
- 68.** O Hospital Real nos finais do século XIX.  
in [http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais3/CaldasRainha4/468\\_CaldasRainha.jpg](http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais3/CaldasRainha4/468_CaldasRainha.jpg)
- 69.** Vista do Rossio ou Praça D. Maria Pia na transição dos séculos XIX e XX.  
in. [http://www.prof2000.pt/users/avcultur/postais/C\\_RainhaPostais/040\\_CaldasRainha.jpg](http://www.prof2000.pt/users/avcultur/postais/C_RainhaPostais/040_CaldasRainha.jpg)
- 70.** Buvette Termal na Casa da Copa.  
in. <http://www.ak-ansichtskarten.de/shop/ak/60/6009356/AK-Caldas-de-Rainha-Pocinho-do-Estabelecimento-Balnear.jpg>
- 71.** Sala de Inalações do Estabelecimento Termal  
in. <http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/CaldasRainha3/Caldas356.jpg>
- 72.** Vista do Hospital de Santo Isidoro.  
in. <http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/CaldasRainha/181CaldasRainha.jpg>
- 73.** Vista da Praça 5 de Outubro e ao fundo do Teatro Pinheiro Chagas.  
in. <http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/CaldasRainha2/291CaldasRainha.jpg>
- 74.** Vista do Largo Conde Fontalva e ao fundo o Hotel Lisbonense.  
in. <http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/CaldasRainha/143CaldasRainha.jpg>
- 75.** Sala de Refeições do Hotel Lisbonense no século XIX.  
in. <http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/CaldasRainha3/Caldas312.jpg>
- 76.** Frontaria principal do Hospital Termal, ainda ligado às enfermarias de Santo Isidoro [à esquerda na imagem].  
in. <http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/CaldasRainha3/403Caldas.jpg>
- 77.** Vista do Largo da Copa [atual Largo Rainha D. Leonor], à esquerda a Convalescença e à direita o Céu de Vidro.  
in. [http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais3/CaldasRainha4/476\\_CaldasRainha.jpg](http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais3/CaldasRainha4/476_CaldasRainha.jpg)
- 78.** Vista da alameda principal do Parque D. Carlos I.  
in. <http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/CaldasRainha3/Caldas351.jpg>
- 79.** Vista do lago do Parque D. Carlos I.  
in. <http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/CaldasRainha3/Caldas338.jpg>
- 80.** Hospital D Carlos I, Plantas do 1.º andar e rés-do-chão [1 versão], Rodrigo Maria Berquó, c. 1891.  
in. [http://www.arquitecturasdasaude.pt/main/files/images/edificios/dcarlos\\_3.jpg](http://www.arquitecturasdasaude.pt/main/files/images/edificios/dcarlos_3.jpg)
- 81.** Hospital D Carlos I, Corte longitudinal [1 versão], Rodrigo Maria Berquó, c. 1891.

in. [http://www.arquitecturasdasaude.pt/main/files/images/edificios/dcarlos\\_8.jpg](http://www.arquitecturasdasaude.pt/main/files/images/edificios/dcarlos_8.jpg)

**82.** Hospital D Carlos I, Alçado nascente [1 versão], Rodrigo Maria Berquó, c. 1891.

in. [http://www.arquitecturasdasaude.pt/main/files/images/edificios/dcarlos\\_6.jpg](http://www.arquitecturasdasaude.pt/main/files/images/edificios/dcarlos_6.jpg)

**83.** Hospital D Carlos I, Alçado Poente [versão aprovada], Rodrigo Maria Berquó, c. 1892.

in. [http://www.arquitecturasdasaude.pt/main/files/images/edificios/dcarlos\\_10.jpg](http://www.arquitecturasdasaude.pt/main/files/images/edificios/dcarlos_10.jpg)

**84.** Pavilhões do Parque e Lago.

in. <http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/CaldasRainha3/407Caldas.jpg>

**85.** Caricatura de Bordalo Pinheiro a Rodrigo Berquó, de 8 de Agosto de 1893.

in. AIRES-BARROS, Luís (2005). Introdução. In Caldas da Rainha: património das águas. Caldas da Rainha : Assírio e Alvim, p.47.

**86.** Plano de Urbanização , Paulino Montez, 1949.

in. RODRIGUES, Rui Paulo (2011). Estância Termal - Espaço Verde Termal: Catalisador urbano de Caldas da Rainha. Coimbra: Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra; Dissertação de Mestrado em Arquitetura, p.58.

## **UMA PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO DO NÚCLEO TERMAL DE CALDAS DA RAINHA**

**87.** Esquema urbano do Hospital Termal como Matriz do tecido urbano.

Esquema elaborado pelo autor







*Uma terra-de-águas não é um lugar de águas correntes como as de um rio. É um lugar de águas emergentes e vivificantes: imaginário eventual de referências da Antiguidade ou da vilegiatura romântica. É, hoje em dia, lugar global, onde se cruzam saúde e ambiente no seu melhor, mas também o suporte físico de uma actividade económica e cultural de excepção.*

Jorge Mangorrinha (1999)

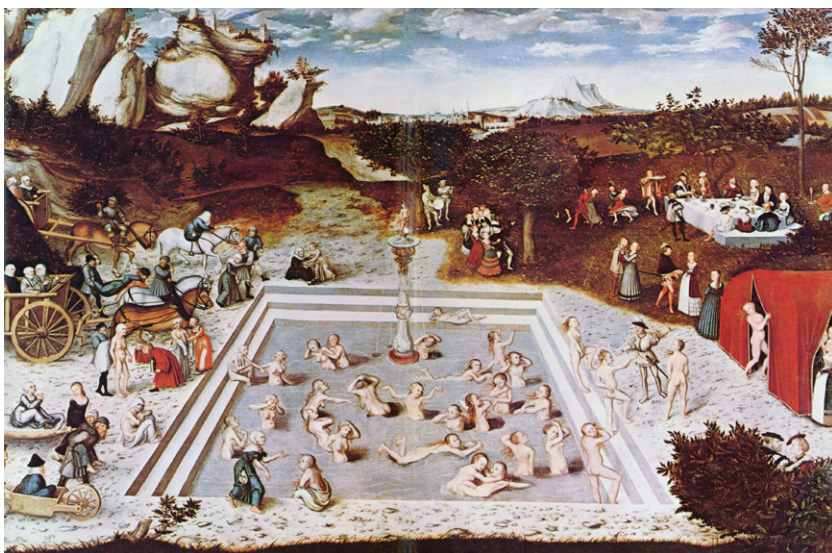


## 1. INTRODUÇÃO

A água é entendida, desde os primórdios da Humanidade com um certo misticismo, pela sua capacidade criadora e regeneradora. Tales de Mileto no século VI a.C., descrevia-a mesmo como princípio de todas as coisas.

Os seus atributos tão particulares trazem ao Homem variadas atitudes. Se por um lado a contemplação da profundidade aquática sugere ao indivíduo uma consciência de intimidade e introspeção, por outro as capacidades refletoras de um plano de água relacionam-no com o meio que o rodeia. As suas qualidades inerentes de transparência e frescura, levam à sua associação com um dos maiores valores do pensamento humano - o valor de pureza. A própria temperatura das águas sugere diferentes associações: a imersão nas águas quentes leva o espírito humano a um estado de deleite enquanto que as águas frias lhe evocam a razão.

Os valores intrínsecos deste elemento natural cedo se associam à regeneração, à purificação do Homem na sua vertente corporal e espiritual. Desenvolve-se de facto um verdadeiro culto das águas, explorando-se o seu entendimento como fonte da vida e dando origem a várias práticas religiosas. São exemplos disso o banho sagrado hindu no Rio Ganges, e o sacramento do batismo na religião católica - o homem



01. A *Fonte da Juventude* por Lucas Cranach, 1546

imerso das águas ascende a um nível espiritual superior.

As fontes termais não seriam exceção neste contexto. Embora as suas capacidades curativas só tenham sido comprovadas cientificamente mais tarde, existem indícios da sua veneração desde tempos longínquos. Em território nacional são prova disso as inscrições em Caldas de Vizela, datadas do período pré-romano e de veneração ao Deus *Bormânico*, o protetor da fonte das águas termais.

O desenvolvimento das técnicas de captação e de utilização da água quer para fins terapêuticos quer para fins lúdicos, fornece à história um catálogo diversificado de artefactos e de rituais a eles associados. Esses rituais e técnicas ganham forma em diferentes escalas e tipologias arquitetónicas, regidas interna e externamente pelas dimensões cultural e social da água. Em última instância, todos estes fatores contribuirão para o papel fundador e organizador que a água exerce sobre os territórios.

Em pleno século XXI, e com a rápida globalização, justifica-se uma discussão em torno do carácter identitário dos lugares. Os *lugares termais*, surgem neste contexto como evocadores de memória e de dependência dos recursos naturais. Ao mesmo tempo fornecem a oportunidade de refúgio e evasão do ritmo acelerado contemporâneo.

### 1.1. ENQUADRAMENTO E OBJETIVOS

Toma-se como objeto de estudo específico a cidade de Caldas da Rainha pelo seu carácter original no cenário termal português e europeu. A fundação e formação da cidade a partir da terapia termal, mais concretamente do Hospital Termal, tornam-na um caso bastante singular. O século XX trouxe à cidade um grande crescimento urbano e demográfico, que por fatores políticos e culturais, levou à secundarização da atividade termal no contexto concelhio. A mudança da gestão do património termal para as mãos da autarquia no final de 2015, pode representar uma oportunidade de planeamento de um novo percurso para a Cidade.

Pretende-se, portanto, com o presente trabalho a reinterpretação do carácter matricial e fundador da atividade termal no contexto urbano. Parte-se do desenvolvimento de um plano de revalorização do conjunto patrimonial termal, como ponto de partida para a afirmação de Caldas da Rainha como Cidade Termal.

O estudo teórico do termalismo - através da análise das suas componentes, do seu contexto histórico e da investigação de casos contemporâneos - aliados à análise do desenvolvimento da cidade, facilitarão a compreensão dos conceitos-base e a definição do programa arquitetónico.

Partindo da reinterpretação do conjunto pré-existente, procura desenvolver-se o seu carácter de unidade. A distribuição estratégica de novas valências e a sua complementação com novos equipamentos, procurarão a valorização do património termal num polo de excelência no conhecimento e terapia termais. Para a compreensão prática das propostas foca-se a intervenção em dois equipamentos principais que se relacionam, uma Unidade Hoteleira - resultado da reabilitação e adaptação dos Pavilhões do Parque - e uma nova Unidade Termal, como resposta às exigências de um novo termalismo.

## **1.2. METODOLOGIA**

O presente Projeto/ Dissertação Final de Mestrado desenvolve-se a partir de uma estrutura metodológica organizadora do processo de trabalho. A compreensão deste processo poderá ser entendida a partir da seguinte sequência:

### **1I Definição do quadro conceptual e do âmbito de estudo**

A primeira fase caracteriza-se pela investigação teórica como forma de melhor compreender as problemáticas abordadas, obtida pela pesquisa bibliográfica e consulta de documentos on-line. Complementarmente estudam-se casos de referência pertinentes à elaboração de um programa arquitetónico.

### **2I Análise do território**

A segunda fase traduz-se na análise do território a intervir, através da recolha e consulta de cartas geográficas, da visita presencial-- ao local, assim como da elaboração de registos fotográficos e desenhados.

### **4I Processo projetual**

Partindo de uma escala urbana para os dois edifícios a intervir, desenvolve-se o projeto como fruto da investigação previamente efetuada.

### **5I Composição Final**

Finalmente procede-se à formulação de uma memória descritiva e justificativa do projeto, assim como um conjunto de peças desenhadas, ilustrativas da proposta final.



### 1.3. ESTRUTURA DE ORGANIZAÇÃO

O presente trabalho está regido segundo uma organização interna específica, que poderá ser traduzida pela complementaridade de duas partes: a teórica e a prática.

1l A componente teórica, pretende o esclarecimento e inter-relacionamento dos conceitos de base, com vista à maturação do processo de projeto.

Primeiramente, desenvolve-se o conceito de termalismo, explorando a sua evolução histórica e os componentes do microcosmos termal, culminando com o estudo de alguns casos nacionais e internacionais de referência no contexto termal contemporâneo.

Numa segunda fase, toma-se como objeto de estudo específico a cidade de Caldas da Rainha, explorando-se o ritual termal como base da formação e evolução histórica da urbe.

2l A componente prática, tem por objetivo a expressão das intenções de projeto, resultantes do processo prático e reflexo da componente teórica.

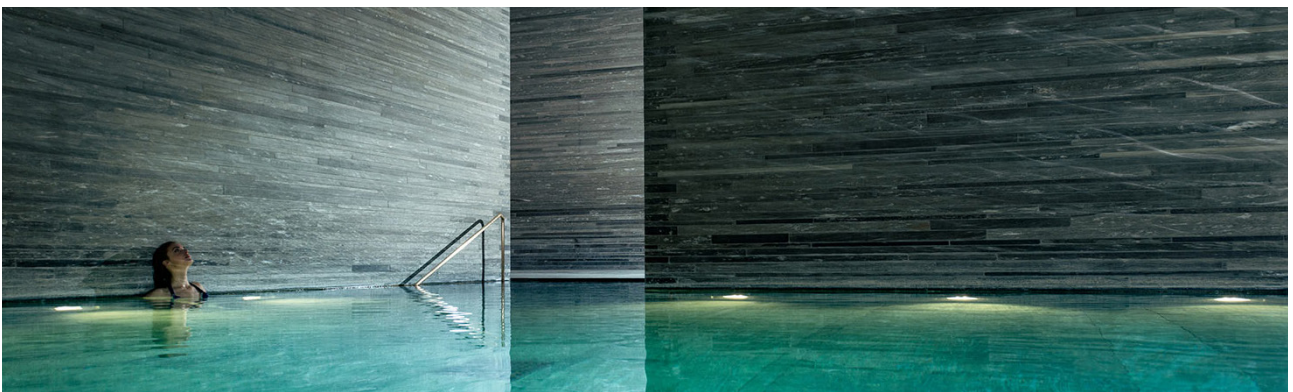


## 2. AS TERMAS

*As águas termais fascinam; curiosamente compostas, estranhamente coloradas, são “outras”. Os gregos e os romanos consideravam-nas remédios universais.*

*(...) Forças obscuras parecem animar estas águas que surgem das trevas: elas regeneram, simbolizam a vida. A atração que inspiram fez florescer uma vasta cultura.*

Mihail Moldoveanu (1999)



## 2. AS TERMAS

### 2.1. O TERMALISMO

*O termalismo implica «águas especiais», no entanto o respeito que inspiram não se justifica somente pelas suas qualidades terapêuticas. «Tomar» estas águas significa também entrar em contacto com um tempo arcaico.<sup>1</sup>*

As práticas medicinais com base na exploração do elemento água dividem-se em três grupos: a *hidroterapia*, baseada no emprego externo da água doce em função das suas qualidades físicas, temperatura e força de pressão; a *crenoterapia*, redutoramente associada ao termalismo, traduz-se na aplicação interna ou externa das águas minerais segundo as suas qualidades terapêuticas específicas; e por fim a *talassoterapia* que explora os benefícios da água do mar.

A análise da palavra termalismo depreende desde já a dependência do recurso das águas termais. Estas águas são resultado da infiltração de águas meteóricas que após longa circulação subterrânea, e sob condição de formações geológicas especiais, retiram delas o quimismo e o geocalor que lhes conferem as potencialidades curativas. A sua dependência dos fatores geológicos regionais, irão conferir a cada fonte termal uma composição química específica com qualidades medicinais próprias.

O termalismo traduzir-se-á portanto, na utilização com fins terapêuticos das águas minerais, do gás termal e das lamas -

02. [Página Anterior] Detalhe das Termas de Vals de Peter Zumthor.

1 MOLDOVEANU, Mihail (1999). Ciudades Termales en Europa. Barcelona: Lunweg Editores, p.9. [Tradução do Autor]

apoiada pela estruturação de um conjunto de meios medicinais, sanitários, administrativos, sociais e de acolhimento<sup>2</sup>.

Embora não se saiba ao certo quando terão sido descobertos os benefícios do tratamento termal para o Homem, é conhecida a sua aplicação desde os tempos da Antiguidade. Aparece-nos sob a mão de Platão a primeira terminologia termal, utilizando o termo *thermài* para definir a água quente e os edifícios para a sua utilização.

Fruto dos rituais e conhecimentos científicos de cada época, o conceito de termalismo tem evoluído ao longo dos tempos, acompanhando as novas exigências do mercado e as novas técnicas de tratamento. Num cenário contemporâneo e de vida acelerada, a exploração medicinal das águas tem vindo a ser complementada com as componentes preventiva, de bem-estar e lúdica.

A Estância Termal, como representação territorial primária da atividade termal, traduzir-se-á portanto no conjunto de *equipamentos induzidos pela actividade termal e por todas as estruturas que se lhe juntam, por forma a permitir uma estada agradável ao aquista<sup>3</sup> e uma ocupação diversificada, já que a expressão do lugar tem repercussões psíquicas, afectivas e culturais, bastante complexas, que contribuem para o equilíbrio biológico e terapêutico, tal como para o relacionamento social que o encontro nas termas proporciona aos seus utentes.*<sup>4</sup>

2 RAMOS, Adília (2005). O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística. Aveiro: Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial da Universidade de Aveiro; Tese de Doutoramento em Turismo, pp.12-13.

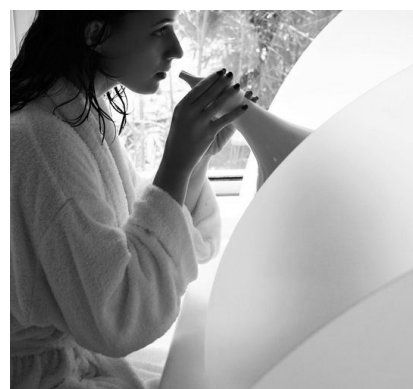
3 Aquista é a designação dada ao frequentador de temas.

4 MANGORRINHA, Jorge (2002). À Volta das Termas - Viagens no Espaço e no Tempo. Caldas da Rainha: Nova Galáxia, p.37.

[De cima para baixo]

03. Inalação dos vapores termais, Termas de Monte Real.

04. Duche de Vichy, Termas de Monte Real.



## 2.2. O CONTEXTO EUROPEU

### OS BANHOS ROMANOS

A cultura termal europeia tem raízes na Antiguidade, passando pela experiência de várias civilizações como a egípcia, a celta e a ibera, culminando no franco desenvolvimento greco-romano tornado referência principal nos projetos termais ulteriores.

Os gregos reconhecem já as capacidades terapêuticas da água termal embora as suas potencialidades medicinais sejam exploradas apenas sob uma forma rudimentar. A higiene passa a ser uma preocupação diária, generalizando-se os banhos públicos, que ao mesmo tempo desempenhavam uma função desportiva, de culto do corpo, e de espaço de urbanidade onde se reuniam as variadas classes sociais e se debatiam os problemas da cidade.

Os romanos, por sua parte, não se limitariam a seguir a herança grega. Reconhecidos pelo seu espírito científico e capacidade técnica, viriam a desenvolver fortemente as práticas balneares, chegando a realçar a água como elemento essencial da organização do espaço urbano<sup>5</sup>.

As águas são encaminhadas através de sistemas engenhosos de canalização, passando as termas a ocupar o lugar central da vida pública e conhecendo instalações cada vez maiores e mais sumptuosas. Abertas a ambos os sexos e todos os estratos sociais, viriam inclusivamente os seus maiores complexos a dispor de valências como bibliotecas, salas de conferências, espaços comerciais e jardins.

A sua componente terapêutica não seria de todo menosprezada, desenvolvendo as práticas medicinais e distinguindo as águas doces das águas termais, sendo estas últimas divididas segundo as suas propriedades físicas e indicações terapêuticas específicas. Esta distinção

---

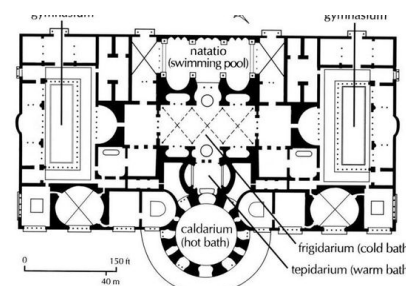
5 MOLDOVEANU, Mihail (1999). Ciudades Termales en Europa. Barcelona: Lunwerg Editores, pp. 53-55.

teria também impacto na denominação dos complexos balneares, sendo nas *thermae* utilizada a água doce para funções higiénicas e estéticas sendo implementadas nos centros urbanos, enquanto que nas *balnea* acrescentavam-se a estas funções a componente curativa proveniente do uso das águas termais, o qual influenciaria a sua localização junto a nascentes termais<sup>6</sup>. Não obstante as suas diferentes denominações, as suas estruturas não apresentam grandes diferenças a nível tipológico. O hipocausto é uma estrutura a nível do subsolo que permite a circulação de ar quente, distribuído estrategicamente pelo piso superior dando uma temperatura específica a cada sala. A disposição do piso balnear em si é feita a partir de uma entrada, destinada aos exercícios físicos, ao qual se seguem os vestiários. Após uma breve aclimação numa água a temperatura média, o *tepidarium*, segue-se a sala do *caldarium*, extremamente quente que promove a transpiração abundante. Prossegue-se à aplicação de azeites e massagens, culminando seguidamente o percurso numa breve imersão em água fria no *frigidarium*.

Foi a expansão do Império Romano que levou à proliferação do ritual dos banhos um pouco por toda a Europa, construindo complexos de maiores ou menores dimensões e que não seguem forçosamente uma estrutura tão rigorosa como a anteriormente apresentada. Foi também a queda deste mesmo Império que levou à caída das práticas higiénicas e do termalismo faustoso, apresentando-se a maioria dos estabelecimentos balneares abandonados no século V<sup>7</sup>.

### A IDADE MÉDIA

O termalismo atravessaria durante a Idade Média uma fase letárgica, iniciada pela destruição da maioria dos complexos balneares pelas invasões bárbaras a partir do século IV. A prática banhear não seria porém totalmente abandonada, destacando-se para isto a influência da Igreja



05. Planta dos Banhos de Caracalla, em Itália.



06. Vista atual das ruínas das Termas de Caracalla.

6 AIRES-BARROS, Luís (2005). Termalismo e Preservação do Património Cultural e Natural. In *Caldas da Rainha: património das águas*. Caldas da Rainha : Assírio e Alvim, pp. 68-69.

7 MOLDOVEANU, Mihail (1999). *Ciudades Termales en Europa*. Barcelona: Lunwerg Editores, pp. 53-55.

Católica que apesar de condenar *o luxo e a promiscuidade dos banhos mistos* romanos e a sua conotação com as práticas pagãs, dá um sentido renovado ao termalismo. As águas santas, como seriam apelidadas, associavam-se ao culto religioso contribuindo para uma purificação do Homem quer a nível físico quer espiritual<sup>8</sup>.

Algumas estações termais a partir do século XIII começam mesmo a ter um reconhecimento social que ultrapassa o meio onde se inserem. As epidemias que se espalhavam um pouco por toda a Europa, desaconselhavam os banhos comuns, explorando-se formas de banho privado usufruídas essencialmente por aristocratas e clérigos.

Na Península Ibérica a invasão árabe ocorrida a partir do século VII traria também uma certa renovação de alguns complexos balneares, que complementam as tradições romanas e ibéricas com o imaginário muçulmano. A sua presença acentuou-se acima de tudo em território espanhol, tendo sido Granada a província que mais tempo teve ocupação moura até finais do século XV.

A queda do domínio mouro na Península Ibérica correspondia à chegada dos turcos ao oposto extremo oriental europeu. A sua expansão entre os séculos XV e XVIII deu-se por um vasto território concentrado no leste europeu, e que levou as práticas turcas a estes territórios. A sua herança islâmica coloca a água num papel central da vida social e religiosa, assistindo-se à construção de vários complexos balneares, os *hammam*, na sua maioria compostos por piscina circular coberta por uma cúpula rasgada por vários lanternins de pequenas dimensões. Este empreendimentos impactariam de tal forma os rituais quotidianos das populações que aí habitavam, que ainda hoje em dia se faz sentir a soberania da prática termal em cidades como Budapeste com as suas termas de Rácz e Király<sup>9</sup>.

---

8 AIRES-BARROS, Luís (2005). Termalismo e Preservação do Património Cultural e Natural. In Caldas da Rainha: património das águas. Caldas da Rainha : Assírio e Alvim, pp. 68-69.

9 MOLDOVEANU, Mihail (1999). Ciudades Termales en Europa. Barcelona: Lunwerg Editores, pp. 53-55.



## O RENASCIMENTO

As influências islâmicas reuniram-se à abertura intelectual do Renascimento, resultando numa reforma do termalismo europeu. É neste contexto que se consolida, entre as diferentes elites, o hábito de proceder a circuitos entre vilas termais notáveis, procurando não só, o restabelecimento físico pela cura mas, também, proceder a uma análise comparativa entre as diferentes estações termais de renome e conhecer e admirar paisagens, hábitos e costumes estrangeiros<sup>10</sup>. Neste sentido é explorada a componente estival e turística destes lugares, acentuando-se as suas características pitorescas e de contacto com a natureza. No final do século XVI os centros termais proliferam pelo território europeu, destacando-se Plombières e Vichy na França e Baden-Baden e Ems na Alemanha.

Já no século XVIII o carácter rural das estâncias termais viria a ser abalado pelas primeiras experiências dos arquitetos Wood em Bath, que para aí propuseram um novo conjunto urbano. A particularidade do seu traçado pitoresco acentuava a expansão da cura para o exterior, criando o ritual do passeio das águas, que afetaria quer as práticas termais quer a imagem do microcosmos termal [ver imagens 07 e 08].

## A EUFORIA TERMAL DO SÉCULO XIX

A este desenvolvimento inglês, segue-se o entusiasmo do resto da Europa. O carater vernacular das estruturas termais é definitivamente abandonado, adquirindo as construções uma dimensão monumental, os parques ganham em superfície e em complexidade. *Os estabelecimentos de banhos aperfeiçoam-se, novos hotéis veem a luz, as salas de baile fazem-se ostentosas enquanto o casino se impõe na vida das estações de cura*<sup>11</sup>.

10 RAMOS, Adília (2005). O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística. Aveiro: Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial da Universidade de Aveiro; Tese de Doutoramento em Turismo, pp.40-41.

11 MOLDOVEANU, Mihail (1999). Ciudades Termales en Europa. Barcelona: Lunwerg Editores, p.111. [Tradução do Autor]

07. Detalhe do Plano dos Arquitetos Wood para Bath, terminado em 1775 - podemos verificar a originalidade do traçado pela sequência de square-circus-crescent.



08. Detalhe da fachada do Circus, Bath.

Todos estes elementos compõem um novo modelo urbano, a Vila Termal, localizada preferencialmente longe de grandes centros urbanos, que explora a extraterritorialidade procurada para veraneio. O Parque demarca a paisagem e une os equipamentos através de caminhos frondosos e assumindo-se palco da festa termal. As valências culturais, desportivas e sociais multiplicam-se, proporcionando ao visitante uma experiência o mais diversificada e prazerosa possível. Guy Mapassant afirmava mesmo: *São incríveis essas terras-de-águas. São os únicos lugares feéricos que subsistem na terra. Aí se passam mais coisas durante dois meses que no resto do universo durante o resto do ano*<sup>12</sup>.

Sob estas premissas dá-se verdadeiramente a hegemonia termal, impulsionadora de reformulações e construção de estâncias termais, destacando-se numa primeira fase os complexos alemães e austríacos. Baden-Baden, na Alemanha destacar-se-ia pela sua criatividade geradora de novas tipologias arquitetónicas. Primeiro em 1821 com a construção de uma enorme Casa de Conversação, o *Kurhaus*, e em 1840 o *Trinkhalle*, uma galeria que permitia a deambulação após a ingestão da água termal, prática proveniente já do século anterior através da exploração da nascente termal numa fonte ou *buvette*<sup>13</sup>.

Por sua vez, a Revolução Francesa tinha tido impactos negativos nas curas termais em França, facto que viria a ser revertido em meados do século XIX sob Napoleão III. Este demanda a conversão das estâncias de Vichy e Plombières em complexos luxuosos às quais alia um perímetro de proteção. A sua elegância e refinamento anunciam o gosto *art nouveau* e estendidos ao parque, evidenciam o seu carácter de *ciudades-miniatura*. A sua elevada procura é reforçada pela acessibilidade melhorada dos caminhos-de-ferro, que ajuda a afirmação das terras-de-águas como lugares burgueses onde floresce a produção cultural e artística.

Já no final do século prospera pela Europa o estilo eclético, mantendo a

---

12 Citação de Guy Maupassant em Mont Óriol, edição de 1990, referido em MANGORRINHA, Jorge (2002). [Tradução do Autor]

13 MOLDOVEANU, Mihail (1999). Ciudades Termales en Europa. Barcelona: Lunwerg Editores, pp. 111-112.



tradição mas ligando-a a um espectro alargado de referências estilísticas, prolongado até à década de 1940 e fortalecido pelo novo público provindo da desintegração dos impérios coloniais. As guerras mundiais e a afirmação das praias como destino estival de eleição, levariam à quebra definitiva desta fase áurea do termalismo.



09. Postal do início do século XX representando o Palácio das Fontes em Vichy, França.



10. Postal representativo do Estabelecimento termal de 1ª classe Vichy, França.



11. Postal representativo do Casino e Jardins da Estância de Vichy, França.

## 2.3. O CONTEXTO PORTUGUÊS

Pese embora existam alguns vestígios da exploração das fontes termais portuguesas pelos Celtas e os Iberos, como nas já referidas Caldas de Vizela, os primeiros grandes promotores das termas nacionais foram os romanos.

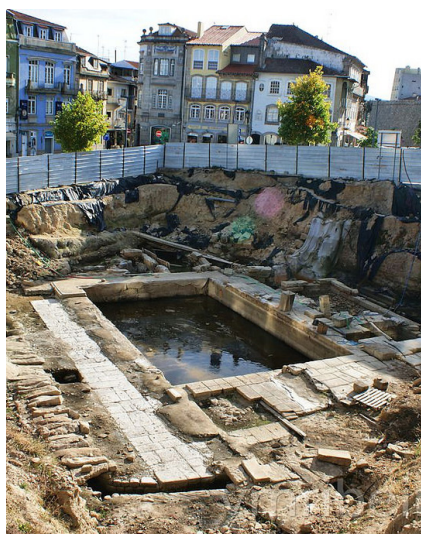
O denominado período lusitano-romano caracteriza-se pela tomada do território português por parte do Império Romano. Foi o estabelecimento dos primeiros romanos, conhecidos pelo culto do banho, que levou à construção de complexos balneares, mais ou menos sumptuosos mas que dificilmente apresentam as salas em sucessão características do banho higiénico. As ruínas que nos chegam aos dias de hoje dão-nos informações sobre as suas características específicas e estendem-se por toda a Lusitânia, como em Chaves e S. Pedro Sul.



12. Vestígios das Termas Romanas em São Pedro do Sul.

A queda do Império Romano traz, como no cenário europeu, uma decáida do uso das águas com fins higiénicos e sociais, levando ao arruinamento da maioria das estruturas balneares. O século VIII traria um certo renascimento da prática termal por parte dos muçulmanos, mas apenas se conhece a intervenção em complexos espanhóis, não havendo informações relativamente ao território luso.

Na Idade Média, surgem as já referidas águas santas. É neste sentido que algumas das estruturas termais em desuso tenham sido alvo de reconstrução e exploração por parte de ordens religiosas. A elas associadas surgiam as gafarias e albergarias, destinadas ao tratamento dos doentes leprosos. O uso destas águas seria alargado também à família real, destacando-se o tratamento de um ferimento de guerra de Afonso Henriques nas águas de São Pedro do Sul por alturas da fundação da nação.



13. Vestígios das Termas Romanas de Chaves.

Já no século XV destaca-se o exemplo mais singular da época medieval em Portugal (e de certa forma na Europa) com a construção do Hospital de Nossa Senhora do Pópulo, atual Hospital Termal, já com influência da racionalidade renascentista e sob o qual nos debruçaremos mais tarde.



Seria contudo no século XVIII que o tratamento termal passaria a ser feito sob condições mais rigorosas através da fundação da Academia das Ciências e da análise científica das águas. Estes avanços permitiram a proliferação das construções balneares termais um pouco por todo o país como em Longroiva, Monfortinho ou mesmo Lisboa, generalizando-se também a sua e a frequência por parte da Corte e da burguesia.<sup>14</sup>

Este fulgor vir-se-ia exponenciado no século seguinte, transformando-se as termas em verdadeiros destinos estivais de fuga ao quotidiano, plenos de atividades culturais e sociais que iam de encontro à crescente população burguesa.

O seu desenvolvimento é tal que a sua qualidade começa a ser comparada com as mais afamadas estâncias europeias, continuando no entanto a sua ocupação a ser feita por aquistas nacionais e alguns espanhóis.

A 1875 Ramalho Ortigão afirmava: *A vida moderna faz doenças novas, que encontram allivio no descanso e na distracção; distrahir-se alguém em Lisboa de abril a outubro é difficil: as caldas conciliam tudo: mudança de ares, exercicio ameno, banhos, copinho, peregrinação, entretenimento, vita nuova!*<sup>15</sup>

Ainda no século XIX dá-se a institucionalização do sector termal, regulamentando-se as concessões dos balneários termais, e as suas respetivas práticas terapêuticas. Ao mesmo tempo, muitas termas conheceriam a melhoria nos seus acessos, contribuindo para isso a o melhoramento dos respetivos eixos viários e da construção da linha férrea que abrangia alguns destes destinos pela sua capacidade turística.

Na transição dos séculos XIX e XX, e no seguimento da tendência europeia, os balneários termais vão sendo complementados com outros equipamentos de natureza cultural, desportiva e ambiental, com vista à

---

14 MANGORRINHA, Jorge (2000). O Lugar das Termas. Lisboa: Estúdios Horizonte, pp. 33-35.

15 ORTIGÃO, Ramalho (1875). Banhos de Caldas e Aguas Mineraes. Porto: De Magalhães e Moniz Editores, p.6.

resposta de uma procura crescente e cada vez mais exigente<sup>16</sup>.

Portugal conhece igualmente um grande desenvolvimento nos seus equipamentos hoteleiros, surgindo os primeiros Hotel-Palace sob influência parisiense. A imponência e sofisticação associam-se ao estilo *art nouveau*, dando origem às estâncias termais das Pedras Salgadas e de Vidago. Num estilo mais eclético nascem também os estabelecimentos termais da Curia e de Caldelas<sup>17</sup>.

A preferência gradual pelos banhos de mar, traria um abrandamento no fulgor termal, posteriormente reforçado pelas Guerras Mundiais. Este último fator não teria repercussões tão nefastas como no termalismo dos países diretamente envolvidos, mas causaria também o declínio do termalismo português e a sua ocupação por uma nova clientela, os refugiados da guerra.

A generalização dos serviços de segurança social no período do pós-guerra, trouxeram ao termalismo um crescimento tímido, atingido a partir da mudança de tipo de utilizador. O utente passa a pertencer maioritariamente a uma população mais envelhecida e com menos recursos económicos que busca as propriedades medicinais das águas em doenças reumatológicas, respiratórias e crónicas. A vertente recreativa dos espaços termais é posta num plano secundário e dá-se o fim do período áureo do termalismo português.

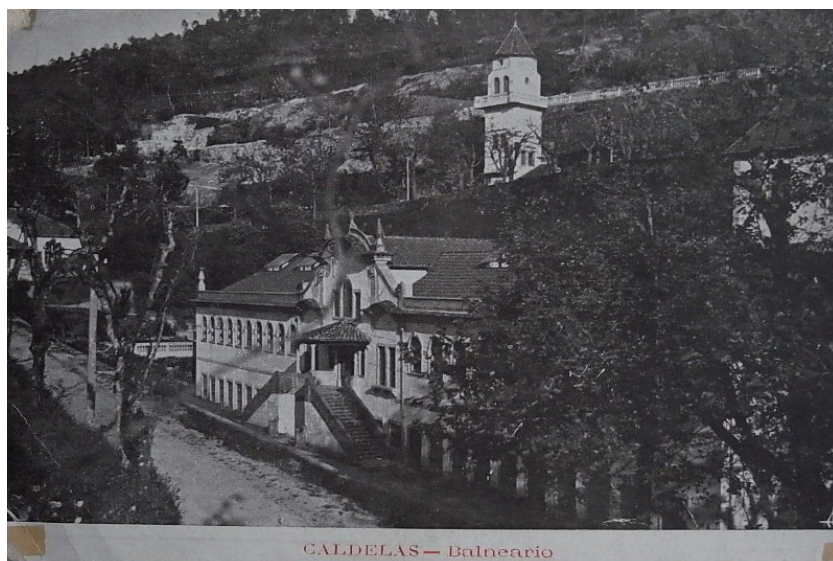
Face à quebra evidente no século passado, surgem agora alguns planos que visam a reestruturação e revitalização dos espaços termais, explorando a sua vertente terapêutica e lúdica. Tende-se à generalização do conceito de *Turismo de Saúde e Bem-Estar*, acompanhando com algum atraso as tendências europeias<sup>18</sup>.

---

16 MARTINS, Maria Teresa (2009). Aglomerados Termais Portugueses - Proveitos da sua revitalização na competitividade urbana. Porto: Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto; Tese de Mestrado em Engenharia Civil, pp. 44-45.

17 MOLDOVEANU, Mihail (1999). Ciudades Termales en Europa. Barcelona: Lunwerg Editores, pp. 194-195.

18 MARTINS, Maria Teresa (2009), pp. 45-46.



14. Cartão-postal de 1933 do Balneário Termal de Caldeas.



15. Cartão-postal do Palace Hotel da Curia e respetivos Campos de Tennis.



16. Cartão-postal do Lobby do Palace Hotel da Curia.

## 2.4. O MICROCOSMOS TERMAL

A conjugação das atividades terapêuticas e lúdicas na exploração da água, levou ao desenvolvimento de lugares com características específicas e particulares, que podemos traduzir num verdadeiro microcosmos termal. É a partir desse recurso essencial, a água, que se desenvolve a identidade destes lugares, refletida tanto nas suas estruturas físicas como na sua ambiência geral.

### 2.4.1. A sua Morfologia

Às águas primordiais, frequentemente impercetíveis aos espíritos superficiais, sobrepõem-se rituais sociais cujo *palco é, segundo ritmos quase imutáveis, o grande hotel, as termas, o parque e o casino. A arquitetura da cidade termal concretiza estas diversas funções intrincadas*<sup>19</sup>.

A evolução das Estâncias Termais ao longo dos séculos regeu-se sob uma multiplicidade de fatores - de ordem geográfica, geológica, social e histórica - que se revelaram estruturantes no desenvolvimento do território e que resultaram em formas de implantação distintas e em aglomerados mais ou menos extensos. Existe contudo uma premissa fundamental na formação destes lugares - a existência de uma nascente termal. As tipologias comuns de apoio à sua exploração e as relações que estabelecem entre si permitem estabelecer pontos de comparação entre diferentes estâncias.

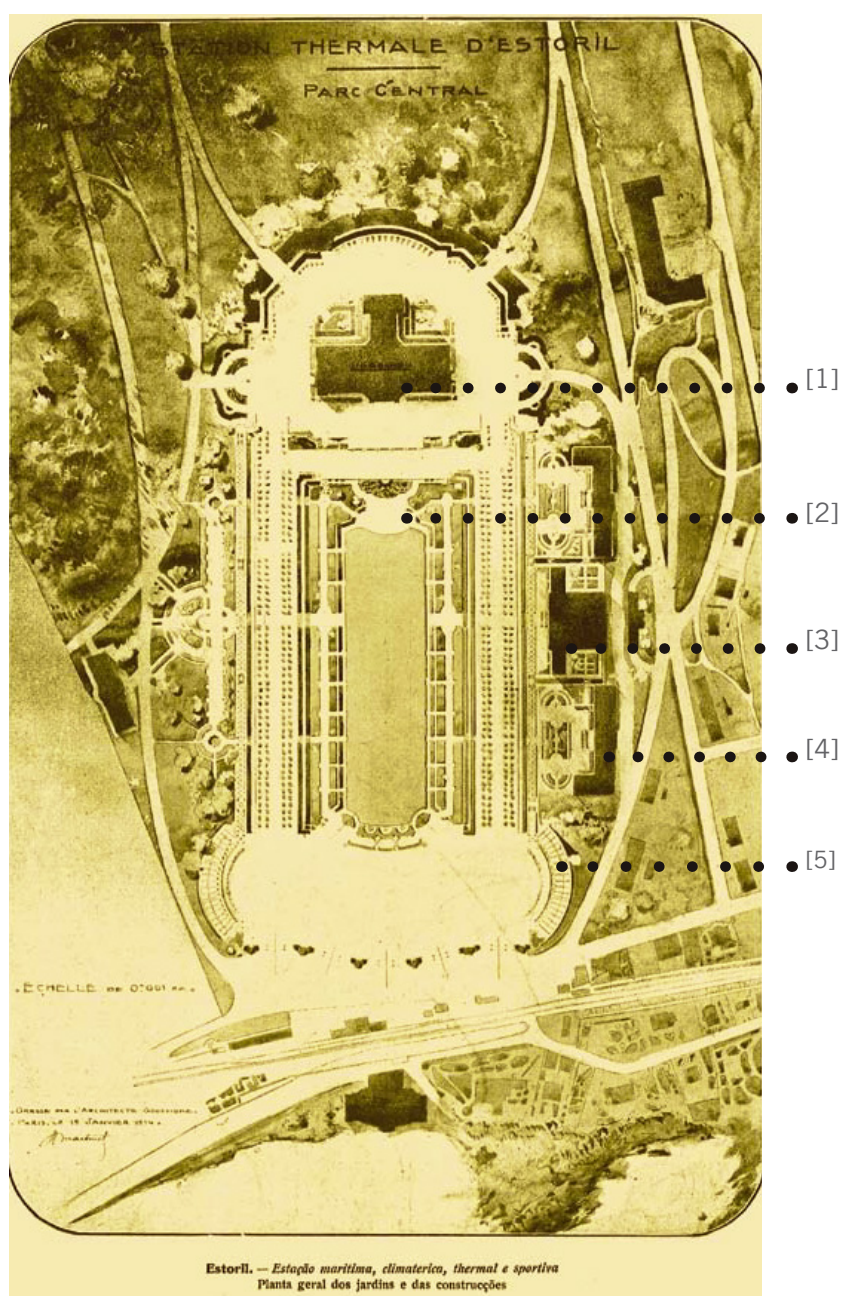
As termas surgem neste contexto como matriz da *localização, génese, desenvolvimento e imagem dos locais, conferindo-lhes uma forma específica, mais ou menos elaborada e evidente, e um valor simbólico determinante*<sup>20</sup>.

---

19 JARASSÉ, Dominique - Los salones de Europa, Balnearios e Literatura, In MOLDOVEANU, Mihail (1999). Ciudades Termales en Europa. Barcelona: Lunwerg Editores, p.23. [Tradução do Autor]

20 MANGORRINHA, Jorge (2000). O Lugar das Termas. Lisboa: Estúdios Horizonte, p.222.

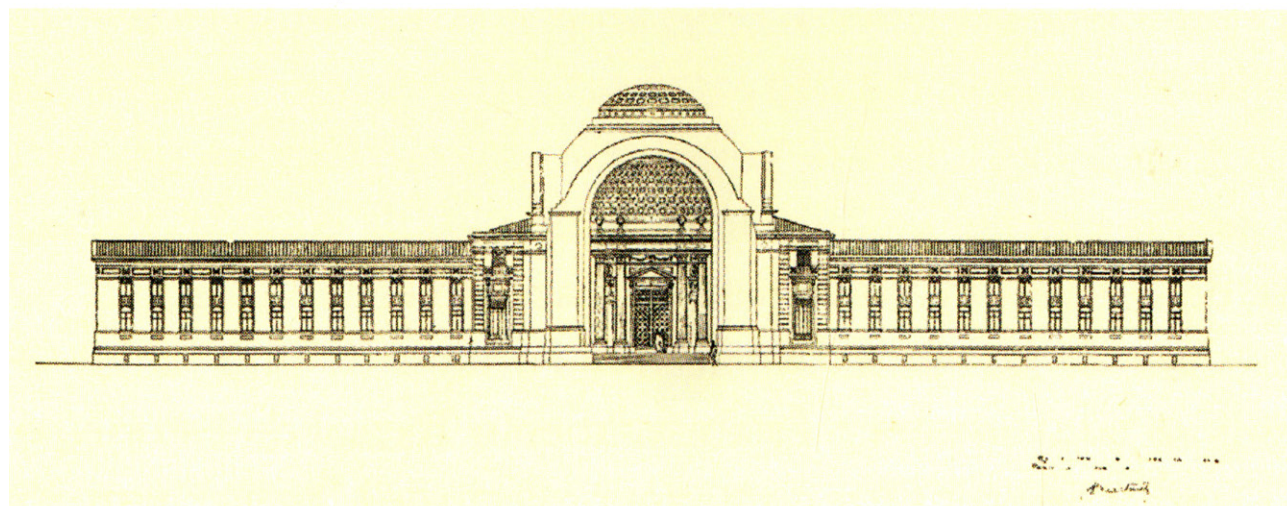
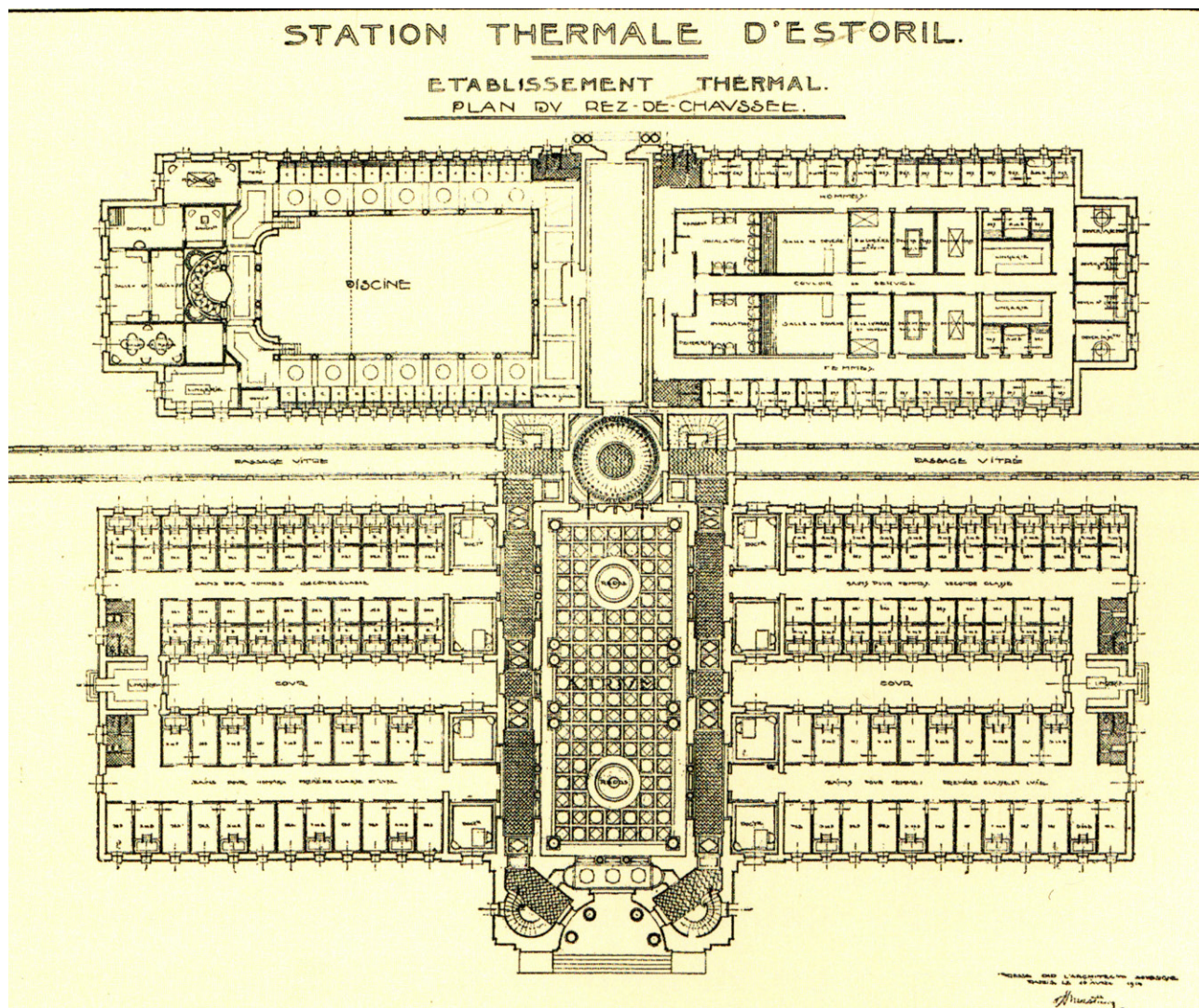




17. Plano de 1913 por Henri Martinet para Estância Termal do Estoril.

- [1] Casino
- [2] Parque
- [3] Estabelecimento Termal
- [4] Hotel
- [5] Estabelecimentos Comerciais





A partir do Estabelecimento Termal desenrolam-se e relacionam-se todos os equipamentos do aglomerado - ambientais, culturais, recreativos e hoteleiros - que proporcionam ao aquista uma experiência agradável, diversificada e coerente.

O Equipamento Termal, dentro da sua evolução histórica formal e da diversificação das formas de aplicação terapêutica dos recursos termais, assumiu uma pluralidade de tipologias, destacando-se o balneário, a fonte ou buvette e as piscinas.

É no Balneário que se concentram os tratamentos termais, pelo que a sua implantação se faz normalmente sobre as nascentes, evitando a contaminação das águas terapêuticas. Por vezes, e por aumento da afluência de aquistas, o equipamento é composto pelo corpo principal e primitivo ao qual são acrescentados novos corpos de tratamento.

A disposição interna e externa deste edifícios é caracterizada pelos métodos racionais e higienistas comuns a todos os equipamentos de saúde, ganhando porém uma complexidade decorativa fora do vulgar. A disposição interior faz-se a partir da sucessão de salas e gabinetes de tratamento, acedidas por um corredor comum. Tal sucessão de compartimentos justifica-se pela diversidade de tratamentos e pela divisão por sexo e classe social, características dos séculos XIX e XX.

Por outro lado, a buvette ou fonte termal, desempenha a função de ingestão da água termal. Também a sua localização depende da proximidade da nascente, podendo integrar-se no complexo balnear ou dispor de edifício próprio. Por norma a fonte é um elemento bastante decorado devido à sua forte componente simbólica, e servindo de ponto fundamental da convivialidade e interação entre aquistas.

As piscinas, por sua parte, foram os elementos primitivos do microcosmos termal e acabaram por perder alguma da sua importância no contexto nacional aquando do crescimento da procura dos banhos individuais a partir do século XVIII que se fazia em tinas e banheiras. Já no século XX e com a evolução das práticas terapêuticas, deu-se um ressurgimento destes elementos, que agora se desenvolviam quer no interior do

18. [Página Anterior] Planta e Alçado do Projeto de Henri Martinet para as Termas do Estoril, 1913.



Balneário quer no espaço exterior.

O Hospital é outra das valências da componente termal, desempenhando funções de investigação clínica e de medicina social, assumindo-se o Hospital Termal de Caldas da Rainha como um caso raro neste contexto. Construído no século XV, apenas teria alguns seguidores no norte da Europa e apenas três séculos mais tarde.

Nos outros casos, o alojamento dos aquistas era feito ou a partir do aluguer de habitações nas imediações dos banhos ou em equipamentos hoteleiros próprios. Para a comodidade do utente o Hotel situa-se nas imediações do Balneário, observando-se nalguns casos a complementaridade das duas funções num mesmo edifício, facilitando a rentabilização financeira do complexo.

O próprio passeio de interligação dos equipamentos do microcosmos termal revela-se objeto de arquitetura. Proveniente dos estudos científicos do século XVIII, recomenda-se a formulação de espaços verdes em torno dos complexos termais, com vista à manutenção da qualidade terapêutica dos mananciais bem como da valorização das características paisagísticas e climáticas das *terras-de-águas*. Os Parques envolvem então as tipologias anteriormente referidas, conferindo-lhes unidade através do desenho de alamedas e praças e complementando-as com novas valências de âmbito lúdico e cultural como o casino, os salões de baile e os salões de chá assim como de equipamentos de apoio à prática desportiva.

Os Parques Termais representam assim a expansão dos equipamentos para o exterior, adquirindo o microcosmos uma escala territorial e comunitária, cenário das funções culturais e sociais.



CURIA - Estabelecimento thermal e parque.

[À esquerda de cima para baixo]

- 19. Vista da Estância Termal do Estoril a meados do século XX.
- 20. Vista exterior do Complexo Termal da Curia.
- 21. Perspetiva da arcada de ligação do Casino e Estabelecimento Termal da Curia.

[Em baixo]

- 22. Vista do Complexo Termal da Curia.



CURIA - Parque e arcada do terraço.



CURIA - Casino

### 2.4.2. A sua Imagética

Norberg-Schulz defendia a existência um espírito próprio de cada lugar - o *Genius Loci* - entendido a partir de uma compreensão do lugar pela atmosfera geral dos lugares, reconhecendo a essência das partes que os constituem.

Complementar ao espaço físico e palpável, surge então um domínio sensitivo e poético que contribui para a definição da identidade do lugar. Um conjunto de signos e símbolos compõem este universo imaginário, revelados no contexto da Estância Termal nas formas de interação entre aquistas e equipamentos, nos comportamentos sociais e nas cenografias e arquiteturas que produzem.

A perceção visual do cenário termal associa-se aos outros sentidos - os cheiros do Parque Termal e das próprias águas terapêuticas, o som da queda de água na buvette - dando-lhe uma caráter de quase intemporalidade, estimulador da produção cultural e artística e da interação social.

*A força desses lugares reside talvez no paradoxo de um inconciliável enredo em torno da saúde: os prazeres defronte da “ameaça” das doenças, confrontação que se anula, porém, no desenho e no assombro dos espaços de imaginário e de intensa vocação poética.<sup>21</sup>*

Os primeiros microcosmos termais portugueses surgem associados ao culto religioso, o *culto das águas*, onde a terapia corporal é conjugada com a purificação espiritual. Esta aliança entre o bem-estar corporal e mental seria reforçada ao longo dos tempos conhecendo o seu auge no século XIX, com a celebração da festa termal. O termalismo vê fortalecida a sua componente estival, de fuga ao quotidiano e procura do desconhecido, tomando o prazer uma escala física e renegando a doença. Ao mesmo tempo denota-se um certo espírito de ostentação social, contraposto de certa forma pelo cosmopolitismo da coabitação de diferentes classes sociais no mesmo contexto.

---

21 MANGORRINHA, Jorge (2002). À Volta das Termas - Viagens no Espaço e no Tempo. Caldas da Rainha: Nova Galáxia, p.38.



*O aquista começa por um rito de separação do seu quotidiano residencial, transporta-se para fora, em busca de cura e, também, do contacto com um círculo de vivências diferente, seja pela tipologia social, seja pela ambiência conquistada pelo espaço novo, inesperado se se tratar da primeira vez. Segue-se o rito da iniciação do banho, a que se segue o rito de passagem, reencontrando com o corpo próprio, num templo sagrado que o convoca para uma repetição prescrita da experiência iniciática e íntima, e com o corpo da natureza, nos espaços rituais de experiência colectiva e de representação de reconhecimento social.*<sup>22</sup>

A fuga ao quotidiano demonstra uma necessidade de renovação e de descoberta de algo novo. A linguagem arquitetónica dos equipamentos do contexto termal refletem essa necessidade assumindo ideologias revivalistas, da confrontação de inspirações culturais distintas, da procura de um certo exotismo e cosmopolitismo. *É um mundo idealista à volta de um aglomerado urbano imaginário e sintético*<sup>23</sup>.

22 MANGORRINHA, Jorge (2012). O que é uma Cidade Termal? [s.l]: [ed. autor], p.9.

23 MANGORRINHA, Jorge (2000). O Lugar das Termas. Lisboa: Estúdios Horizonte, p.240..



[Da esquerda para a direita]

23. Guia da Estância Termal de Vichy, do ano de 1894.

24. Ilustração publicitária da época balnear de 1929 em Vichy.

### 2.4.3. A Dimensão Rural e a Dimensão Urbana

*[As termas] São paraísos perdidos, tanto sob o efeito de um crescimento urbano desarmónico e inestético (Caldas da Rainha), ou mantêm, na generalidade, a mesma estrutura e limites físicos, mas conhecendo períodos de alguma estagnação e abandono, o que não permitiu desenvolvimentos do ponto de vista morfológico (Cucos, Piedade e Vimeiro).*

*Qualquer intervenção projectual nestes territórios deve conduzir a uma análise abrangente da estância termal como um todo, respeitando ou reforçando ligações tradicionais entre equipamentos e espaços.<sup>24</sup>*

Pela sua associação à evasão ao espaço urbano e reencontro com a natureza, não será de estranhar que a grande maioria das termas portuguesas se encontrem em territórios rurais. As edificações que compõem a estância cingem-se muitas vezes aos equipamentos de apoio à prática termal e implantam-se maioritariamente em território privado. Ao manterem esta escala reduzida, reforçam a ideia de um microcosmos, de um pequeno mundo idealista e de contato com o meio natural.

Não obstante, é também a variação da dimensão espacial que ocupam que lhes dará características particulares a nível da estrutura, da arquitetura e principalmente do relacionamento entre o conjunto de equipamentos. *O impulso do termalismo “moderno” - a partir do século XVIII - corresponde à aparição de uma multitude de aglomerações novas, cidades-miniatura cuja missão é revalorizar as termas e distrair um público cada vez mais numeroso.<sup>25</sup>*

Estas novas cidades enchem-se de um idealismo próprio que as distingue das outras cidades onde se vive o resto do ano. Representam uma visão utópica de cidade ideal - são lugares exóticos, paradisíacos, elegantes cosmopolitas, que celebram a natureza, a saúde e o prazer.

---

24 Idem, p.237.

25 MOLDOVEANU, Mihail (1999). Ciudades Termales en Europa. Barcelona: Lunwerg Editores, p.9.



As terras-de-águas são por tudo isto lugares *de direitos e deveres*. *De direitos, porque devem ser conservadas como um lugar que permita o acesso à saúde, à estética, à cultura; de deveres, porque todos os agentes actuates nesse lugar devem-no preservar com essas características.*<sup>26</sup>

Como limite da expansão territorial da Estância termal a Cidade Termal, requer a máxima atenção com vista à manutenção da sua identidade enquanto lugar e à conservação da qualidade de vida quer dos residentes, quer dos visitantes. O seu planeamento deve ter em conta a preservação do seu património construído e natural, dando especial atenção aos seus recursos hidrotermais que servem de base às práticas sociais, culturais e mesmo económicas dessa região.

---

26 MANGORRINHA, Jorge (2002). À Volta das Termas - Viagens no Espaço e no Tempo. Caldas da Rainha: Nova Galáxia, p.134.

## 2.5. A REVITALIZAÇÃO DO TERMALISMO NA CONTEMPORANEIDADE

Assiste-se atualmente a uma nova realidade no contexto do termalismo. As novas tendências apontam para o crescimento de uma procura mais direcionada ao bem-estar, ao exercício físico e à beleza. Explica-se assim a proliferação da nova tipologia do SPA, *Salutem per Aqua*, que mantém o carácter ancestral das termas no uso das águas, desta vez sem características minerais e medicinais específicas e deixando de depender a sua localização da existência de uma nascente termal.

Estas novas tendências refletem uma necessidade de redesenho das Estâncias Termais, não esquecendo a requalificação e sustentabilidade do termalismo clássico - relacionado com as curas e os tratamentos de algumas doenças crónicas.<sup>27</sup>

*O desafio passa por encontrar em cada lugar a serenidade adequada para impor uma nova ordem no quotidiano do utente, e que esse mesmo lugar forneça impulsos benéficos e suscite a regeneração do corpo.*<sup>28</sup>

Afirmam-se os planos de bem-estar nos estabelecimentos termais, que podem contar com novas valências como saunas, banhos turcos, terapias aeróbicas, aromaterapia, acupuntura, dietética, massagens e ioga. As terapias mais tradicionais afirmam-se como forma de tratamento natural, na medida que se dispensa a ingestão de fármacos.

Num mundo cada vez mais industrializado, as estâncias termais representam um refúgio ao stress quotidiano. De facto em alguns aglomerados termais denota-se o aumento da procura hoteleira, não refletida necessariamente no aumento do número de aquistas. Para isto contribuíram certamente os planos estratégicos de intervenção nos aglomerados termais que exploraram a sua atratividade, e que se tornaram destinos turísticos por si mesmos.

---

27 MANGORRINHA, Jorge (2006). Portugal e as suas Termas: uma aproximação estratégica. In *Jornal Tinta Fresca*, Edição nº65 de 20 de Março de 2006.

28 MANGORRINHA, Jorge (2002). À Volta das Termas - Viagens no Espaço e no Tempo. Caldas da Rainha: Nova Galáxia, pp. 39-40.

*As soluções de desenvolvimento passam pela procura da modernidade em torno da memória, recuperando com criatividade o património, integrando-o nas vivências da cidade e criando para esta novos desempenhos estratégicos.*<sup>29</sup>

O património termal, construído ou imóvel, centra-se na relação entre três elementos fundamentais: a água, as pessoas e os costumes. As intervenções na primeira metade do século XX não demonstraram muitas vezes o tipo de sensibilidade necessária em relação ao património termal, perdendo-se muitas vezes pedaços importantes da história do termalismo. Contudo esta tendência seria invertida a partir da década de 1970, com a nomeação de alguns edifícios termais como monumento histórico, e com a tomada uma atitude mais responsável na intervenção do património termal.

Às intervenções em núcleos existentes soma-se a construção de raiz de novos complexos termais, desenvolvendo-se em ambos uma estratégia que une o património, a arquitetura e os novos planos de tratamento com vista ao reforço da atividade cultural e competitividade económica dos lugares.

Seguidamente apresentam-se alguns desses casos, como meio de estudo, útil ao desenvolvimento do Projeto Final de Mestrado. A nível nacional serão analisadas as Termas de Vidago de Siza Vieira, pela conjugação da reabilitação da unidade hoteleira com o novo complexo balnear e pelo respeito do património e das memórias do local. A nível internacional escolheram-se dois casos, as Termas de Tibério do estúdio Moneo/Brock na Espanha e as Termas de Vals de Peter Zumthor na Suíça. A escolha do primeiro deve-se ao seu programa extenso, que parte de um plano urbano revitalizador e reintegrador das diferentes componentes do aglomerado e que termina na construção de um novo complexo termal. Já as Termas de Vals foram escolhidas pela forma subtil como aliam os elementos da água, da luz e da pedra, que se reflete no programa arquitetónico e nos próprios detalhes construtivos.

---

29 MANGORRINHA, Jorge (2002). À Volta das Termas - Viagens no Espaço e no Tempo. Caldas da Rainha: Nova Galáxia, p. 291.

### 2.5.1. As Termas de Vidago

Álvaro Siza Vieira, 2010

O Parque do Vidago localiza-se na freguesia que lhe dá o nome, 15km a Sul da cidade de Chaves. Pelas suas características ambientais, geológicas e geográficas, está desde a sua origem fortemente ligado à exploração das águas minerais que aí brotam e cuja identificação e exploração remonta à época romana<sup>30</sup>.

O contexto da Estância viria a conhecer um grande desenvolvimento na transição dos séculos XIX e XX, devido à sua elevada afluência. O crescente turismo termal e a melhoria dos seus acessos pela implementação de uma linha férrea, culminariam na construção na década de 1910 de uma grande unidade hoteleira com valência termal, que adquiria representatividade a nível europeu - o Palace-Hotel Vidago.

As últimas décadas do século XX reconheceram um declínio da frequência termal, à qual toda a Estância Termal não foi indiferente. A euforia termal deixou consigo um vasto património construído e natural, com características particulares e cujo simbolismo e potencialidades futuras potenciaram a elaboração de propostas de intervenção revitalizadoras do conjunto. Do núcleo atual o primeiro edifício a ser intervindo foi o do antigo Balneário do Vidago (localizado nas proximidades do já referido Hotel) transformado e ampliado em 2000 pelos arquitetos Francisco e Tiago Silva Dias, subjugado à sua nova função de Centro de Congressos.

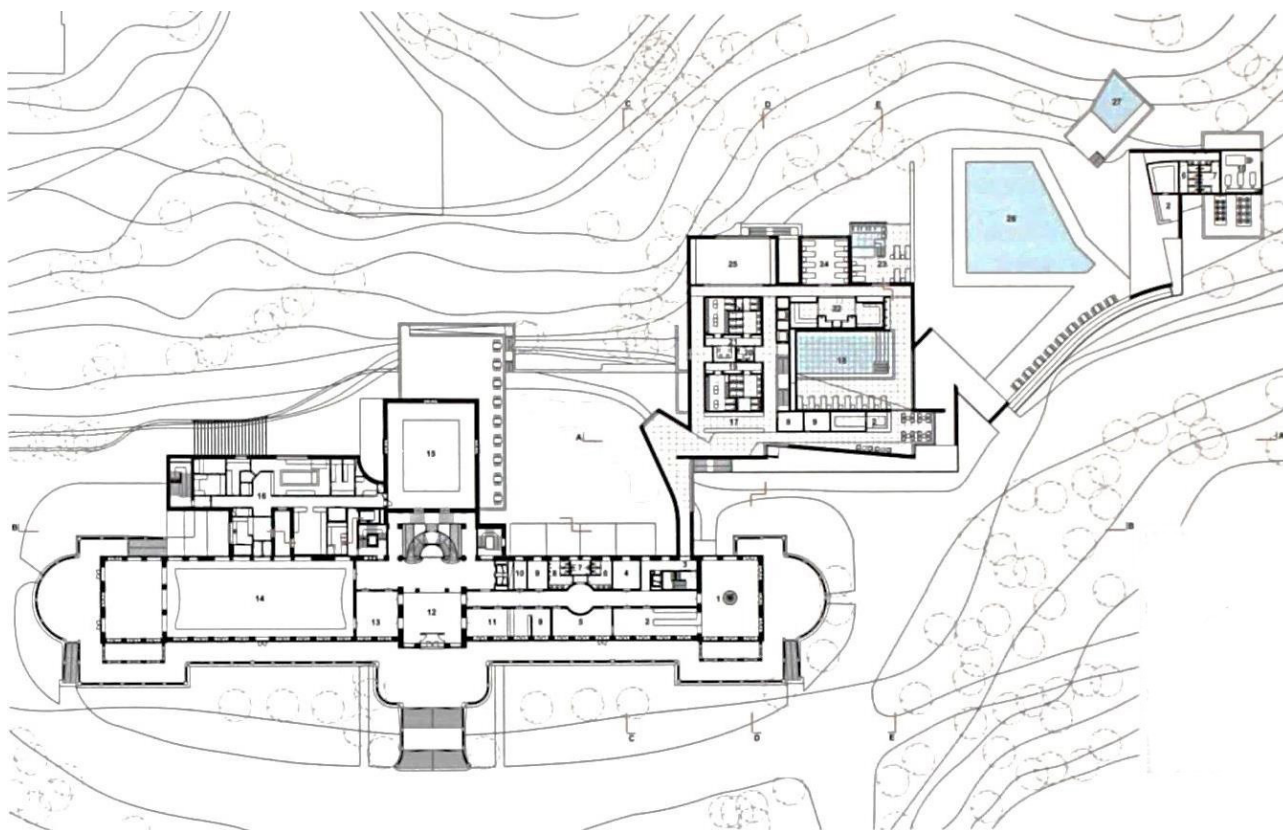
Esta intervenção só viria, no entanto, a tomar coerência pelo cuidadoso plano de Siza Vieira. A sua proposta passou pela recuperação e modernização do antigo hotel, agora classificado com 5 estrelas e composto por 73 quartos e 9 suites e complementado por um novo balneário termal direcionado ao lazer, bem-estar e beleza corporal em resposta às novas exigências do mercado. O espaço urbano não seria descuidado, sendo recuperada a paisagem envolvente, como o campo de

*Na página seguinte  
[De cima para baixo]:*

- 25. Planta Geral do conjunto hoteleiro e termal do Vidago.
- 26. Vista da Fachada do Hotel.
- 27. Vista exterior do novo Complexo Termal.

---

30 MARIZ, Suze (2015). Estâncias Termas Contemporâneas - Os casos de Vidago e Pedras Salgadas. Coimbra: Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra; Dissertação de Mestrado em Arquitetura, p.98.





[De cima para baixo]:

28. Vista de uma das piscinas exteriores.
29. Pátio entre o Hotel e as Termas.
30. Passagem aérea de ligação do Hotel e das Termas.
31. Piscina exterior principal.



golfe do Hotel e reabilitação do respetivo House Club de Golf de Vidago.

A questão da memória está subjacente em todo o plano, procurando-se o relacionamento dos novos equipamentos com as pré-existências e os próprios rituais sociais do lugar. É a partir do passado que se desenvolvem as potencialidades para o futuro. Neste sentido, a estrutura e a volumetria geral do hotel são mantidas, concentrando-se as alterações essencialmente nas zonas de serviços e nos quartos. Para a valorização do conjunto, procedeu-se contudo à demolição de algumas construções que interferiam na imagem e fluência espacial do conjunto.

A intervenção de Siza concentra-se assim a poente, com a construção do novo estabelecimento termal ligado por passagem aérea ao Hotel. Com este sistema resolve de forma elegante a ligação entre as duas valências e mantém a fluência do espaço natural.

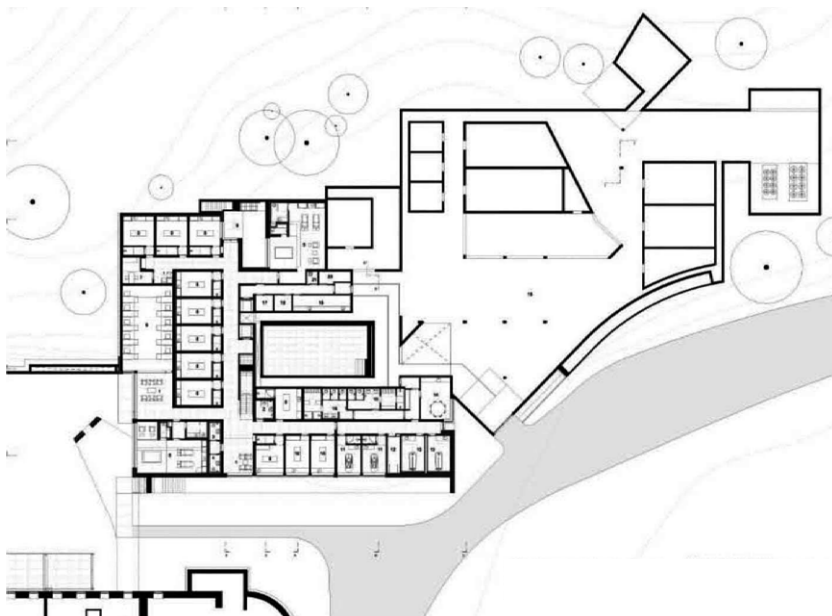
Se por um lado o arquiteto procura uma diálogo harmonioso com o pré-existente, por outro evidencia-se a diferença estilística e temporal entre os dois corpos. Mantém-se a cor salmão nas fachadas exteriores em ambos os edifícios, mas contrasta o novo corpo - de forma orgânica e repartida - com o bloco rígido que constitui o Hotel. Embora independentes, a sua inter-relação é evidente, não retirando a nova intervenção qualquer preeminência da pré-existência e chegando mesmo a valorizá-la.

O desenho do novo edifício faz-se a partir da sucessão de vários corpos baixos, de um ou dois pisos, que satisfazem a ligação ao hotel e se adaptam à topografia do local. A forma desenvolve-se essencialmente a partir das relações de interior-exterior, de exposição solar e de relação com as memórias do lugar, renegando um programa funcional rígido a nível dos interiores. *A identidade do programa que está no meio desaparece em detrimento de uma coisa que é periférica, que procura fazer contactos. A forma, então, domina.*<sup>31</sup>

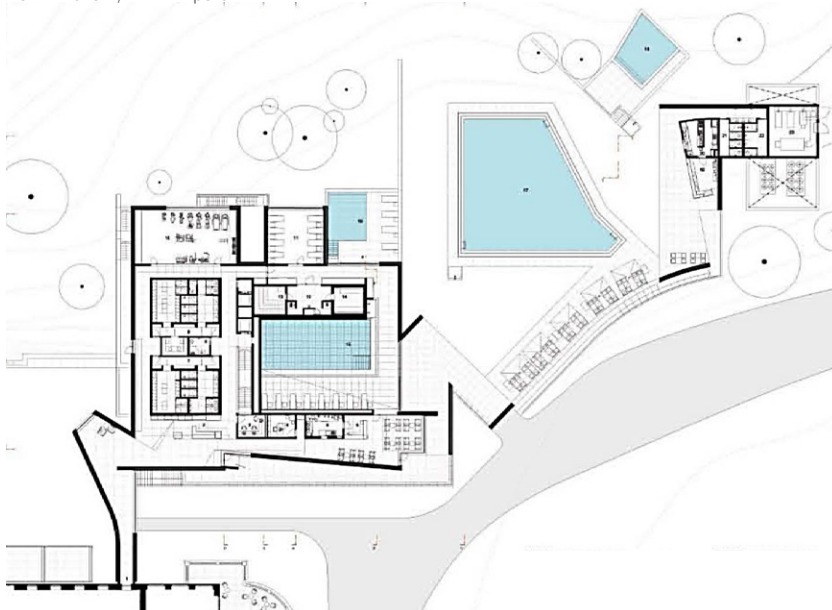
O passeio arquitetónico é portanto um motivo do projeto, quer no interior, quer no exterior. A relação com a água, fortalecida pela existência de piscinas interiores e exteriores, é fundamental no desencadeamento dos

31 MARIZ, Suze (2015). Idem, p.154.

espaços bem como a relação com o espaço natural. O percurso exterior ganha especial protagonismo pelo desencadeamento de elementos como escadas, rampas e muros que reforçam e direccionam a exploração da envolvente e das relações entre construído e natural e entre novo e antigo.



1. Sala de Espera; 2. I.S. mob. reduzida; 3. I.S. femininas; 4. I.S. masculinas; 5. Sala de tratamento para casal; 6. Sala de relaxamento; 7. Gabinete médico; 8. Sala de tratamentos; 9. Pátio; 10. Sala de Beleza; 11. Hidroterapia; 12. Fonte de água; 13. Massagem Vichy; 14. Sala de Staff; 15. Vestiários Masculinos; 16. Vestiários Femininos; 17. Sala de Toalhas; 18. Área Técnica; 19. Sala de preparação; 20. Armazém; 21. Limpeza



1. Acesso ao Spa; 2. Recepção; 3. Gabinete de Marcas; 4. Gabinete do Diretor; 5. Cozinha; 6. Bar Interior; 7. Vestiários Masculinos; 8. I.S. de mob. reduzida; 9. Vestiários Femininos; 10. Ginásio; 11. Sala de Relaxamento; 12. Hall de Calor; 13. Sauna; 14. Banho Turco; 15. Piscina Interior; 16. Piscina exterior infantil; 17. Piscina exterior; 18. Área Técnica; 19. Bar da Piscina; 20. Cozinha; 21. I.S. femininas; 22. I.S. masculinas; 23. Área Técnica.

[De cima para baixo]

[À esquerda]:

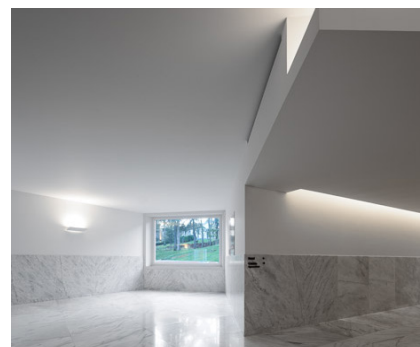
32. Planta piso -1 das Termas de Vidago.

33. Planta piso térreo das Termas de Vidago.

[Em baixo]:

34. Perspectiva interior da passagem de ligação das Termas com o Hotel.

35. Vista da Piscina Interior.



## 2.5.2. As Termas de Tibério

**Moneo/Brock Studio, 2007**

*Situado no Vale do Tena, nos Pirinéus Aragoneses, o resort de Panticosa está num lugar natural privilegiado. A condição fechada em cuja base se encontra o resort, delimita um espaço amplo e sobretudo vertical<sup>32</sup>. O calor das nascentes de água termal contrastam com o frio e a neve das montanhas que o rodeiam, reforçando o protagonismo da água em todos os seus estados naturais.*

Após cinco décadas de degradação a Estância Termal de Panticosa em Espanha, sofre um profundo e ambicioso projeto de revitalização, promovendo a recuperação do aglomerado pré-existente, quer do spa quer dos serviços hoteleiros, complementando-os com um conjunto de novas valências. *O critério dominante nesta reabilitação foi não alterar a imagem existente, propondo-se sobretudo intervenções substanciais que pretendem recuperar, para a envolvente, uma qualidade do construído que hoje pode dar-se por esquecida e perdida<sup>33</sup>.*

O plano, dirigido por Rafael Moneo, é composto pela resolução da circulação motorizada, através da construção de um parque subterrâneo na periferia; pela reabilitação da Igreja e dos Pavilhões Termais; pela renovação do Grande Hotel, do Casino e do Restaurante, interligados por uma passagem aérea envidraçada; e pela construção de três novos edifícios - um Centro de Congressos, um Centro de Alto Rendimento Desportivo e um novo Balneário Termal. Este último ficou a cargo do atelier nova-iorquino Moneo/Brock.

As Termas de Tibério, denominação do balneário termal, inscrevem-se na encosta oriental do Vale, assumindo-se como o edifício com maior proximidade da montanha. A oeste é rodeado por um espelho de água, fazendo-se o acesso principal a partir de uma pequena ponte sobre o

*Na página seguinte*

*[De cima para baixo, da esquerda para a direita]:*

36. Vista aérea do Resort Panticosa.

37. Passagem aérea de ligação das Termas de Tibério com o Hotel e o Restaurante.

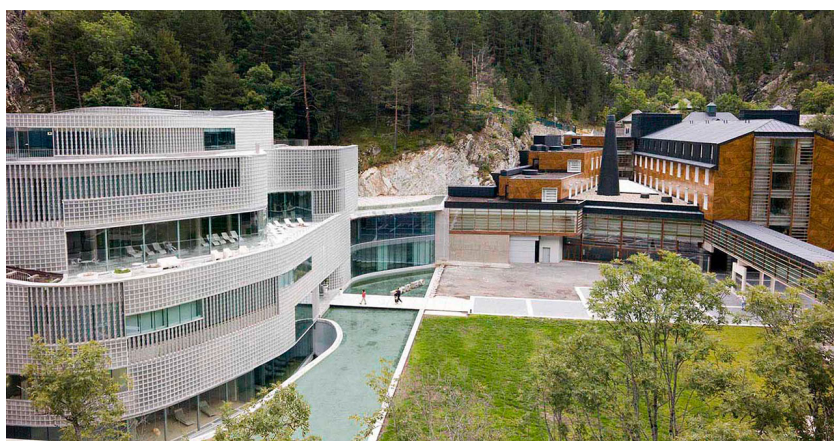
38. Vista do conjunto Panticosa a partir da vertente.

39. Vista exterior das Termas de Tibério.

32 MONEO, Rafael (2011). Panticosa Resort - Grande Hotel, Hotel Continental. In *Arquitectura Ibérica nº37 Hotéis*, Outubro de 2011. Sintra: Caleidoscópio, p.114.

33 MONEO, Belén; BROCK, Jeff (2011). Banhos Termais de Tibério (Panticosa Resort). In *Arquitectura Ibérica nº37 Hotéis*, Outubro de 2011. Sintra: Caleidoscópio, p.102.







mesmo. A nível do primeiro piso, o seu acesso pode ser também feito através da já referida passagem envidraçada, que liga assim o Hotel, o Casino, o Restaurante e as Termas.

Segundo os arquitetos *a primeira dificuldade do projecto consistia em encontrar um equilíbrio entre a sua envolvente construída e natural, e um extenso programa, o que obrigou a enterrar parcialmente o edifício e ao qual não queríamos que faltasse a luz natural nem o contacto com o exterior.*<sup>34</sup>

Desta forma, o projeto desenvolve-se através da sucessão vertical de planos curvos semitransparentes que funcionam como retenção e expansão da montanha. Ao mesmo tempo, as coberturas ajardinadas promovem mais uma vez a interligação do edifício com a vertente. Pela sua condição de coberturas visitáveis permitem a proximidade física do visitante com a montanha.

Os vários tipos de elementos da fachada (tijolos trapezoidais de vidro, planos de quartzo e planos de vidro) apresentam graus de transparência distintos, criando diferentes relações entre interior e exterior. Ao mesmo tempo diversificam as experiências lumínicas no interior assim como proporcionam diferentes níveis de privacidade em relação ao exterior. *O bloco Panticosa dota a construção de uma certa qualidade líquida que coexiste com a cristalina, onde a dureza do material da fachada coexiste com o seu aspecto suave*<sup>35</sup>.

O interior, que se dispõe sobre uma forma quase labiríntica, apresenta diferentes alturas de pé-direito, reforçadas nos espaços mais representativos. Para a orientação do aquista contribui a condição luminosa das fachadas, rasgada pontualmente por vãos totalmente transparentes que reforçam as relações com pontos estratégicos da envolvente.

[De cima para baixo]

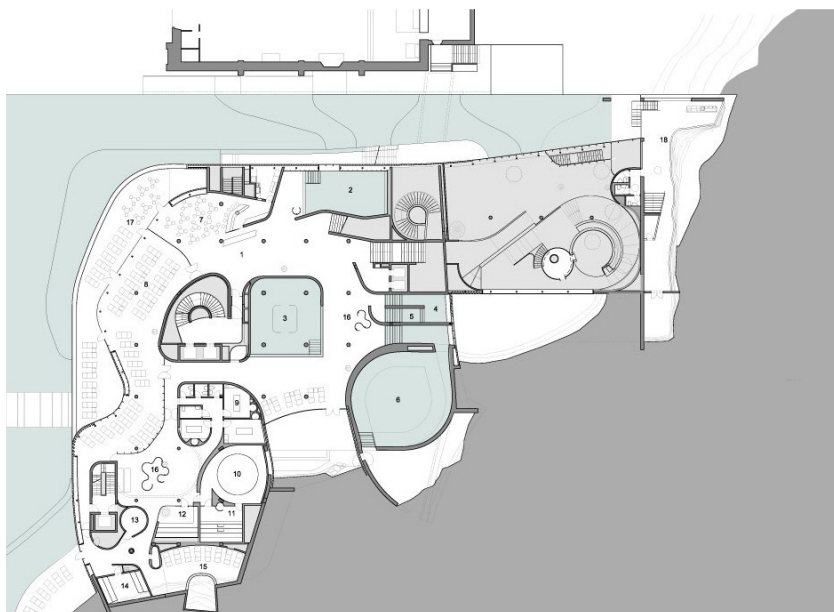
40. Pormenor da fachada exterior das Termas de Tibério.

41. Piscina “Oculus”.

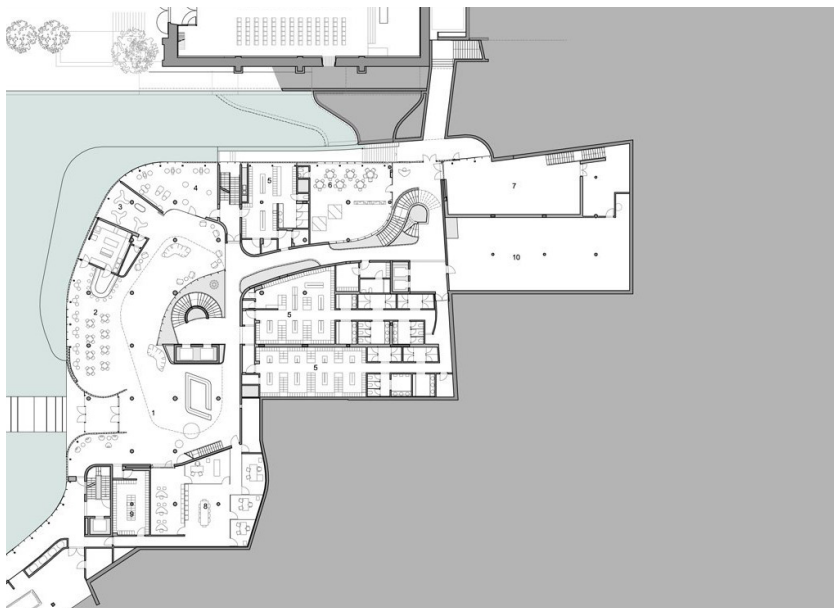


34 MONEO, Belén; BROCK, Jeff (2011). Banhos Termais de Tibério (Panticosa Resort). In *Arquitectura Ibérica nº37* Hotéis, Outubro de 2011. Sintra: Caleidoscópio, p.114.

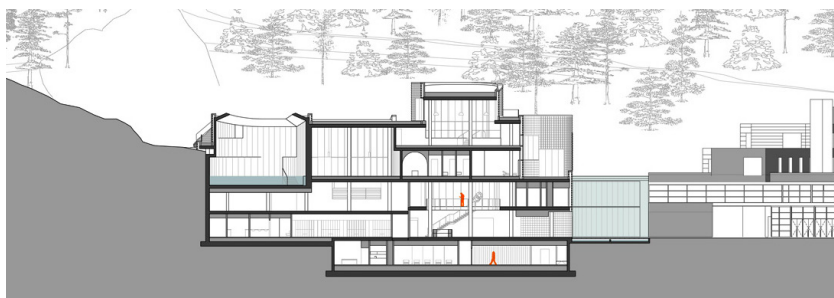
35 MONEO, Belén; BROCK, Jeff (2011). Idem, p.116.



1. Recepção; 2. Café; 3. Loja; 4. Salão de Beleza; 5. Balneários; 6. Sala infantil; 7. Parque infantil; 8. Escritórios; 9. Balneários; 10. Zona Técnica



1. Recepção das piscinas; 2. Piscina da cascata; 3. Piscina Hidroterapêutica 4. Piscina aromática; 5. Piscina Fria; 6. Piscina "Oculus"; 7. Café; 8. Solário; 9. Salas de Esfoliação; 10. Hammam; 11. Sala de Vapor; 12. Sauna Finlandesa; 13. Igloo; 14. Caldarium; 15. Sala das rochas; 16. Duches; 17. Terraço; 18. Bar Exterior



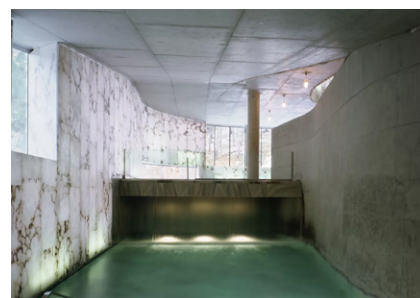
[De cima para baixo]

[À esquerda]:

- 42. Planta piso do mezanino entre o piso 0 e o piso 1 das Termas de Tibério.
- 43. Planta piso térreo das Termas de Tibério.
- 44. Corte transversal.

[Em baixo]:

- 45. Vista de uma das piscinas interiores.
- 46. Vista da Piscina da Cascata.



### 2.5.3. As Termas de Vals

**Peter Zumthor, 1996**

Situadas numa pequena aldeia dos Alpes suíços, as Termas de Vals surgem num contexto de revitalização do termalismo hoteleiro da zona na década de 1990.

O reconhecimento das características geotermiais das nascentes de Vals, associada às suas deslumbrantes paisagens naturais, levaram à sua afirmação como destino turístico associado à terapia termal nos finais do século XIX. Já em 1960 surge um complexo hoteleiro com valências termolúdicas, que contrastava com o aglomerado envolvente, fortemente ligado às tradições arquitetónicas alpinas.

A evolução das práticas termais nas décadas seguintes rapidamente comprovaram a inadequação das estruturas terapêuticas do complexo, dando origem ao atual projeto de Peter Zumthor. Procedeu-se assim à reconstrução e expansão do novo complexo termal, interligado ao Hotel pré-existente.

O contexto impactou fortemente o arquiteto que tirou partido das características que distinguiam aquele lugar com vista ao desenvolvimento de todas as etapas do seu projeto. A montanha ganha assim um papel fundamental, partindo da sua associação à caverna ou pedreira como pretexto ao encontro do homem com a nascente.

*Montanha, pedra, água, construir em pedra, construir na montanha - a nossa procura por dar a esta corrente de palavras uma interpretação arquitetónica, traduzir em arquitetura os seus significados e a sua sensualidade, guiaram o nosso desenho para o edifício e passo a passo deram-lhe forma.*<sup>36</sup>

Na página seguinte:

[De cima para baixo, da esquerda para a direita]

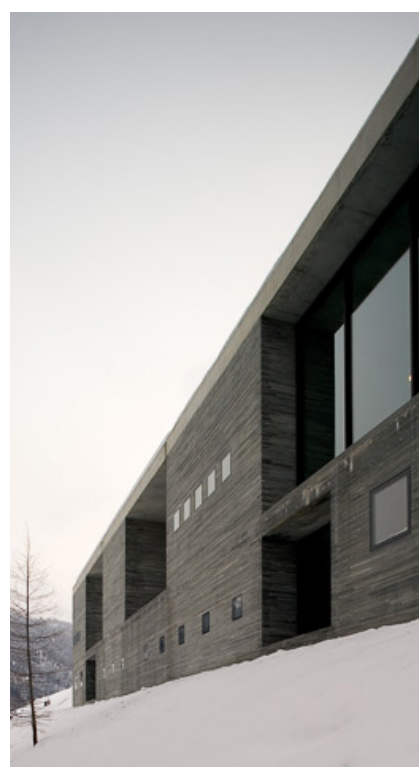
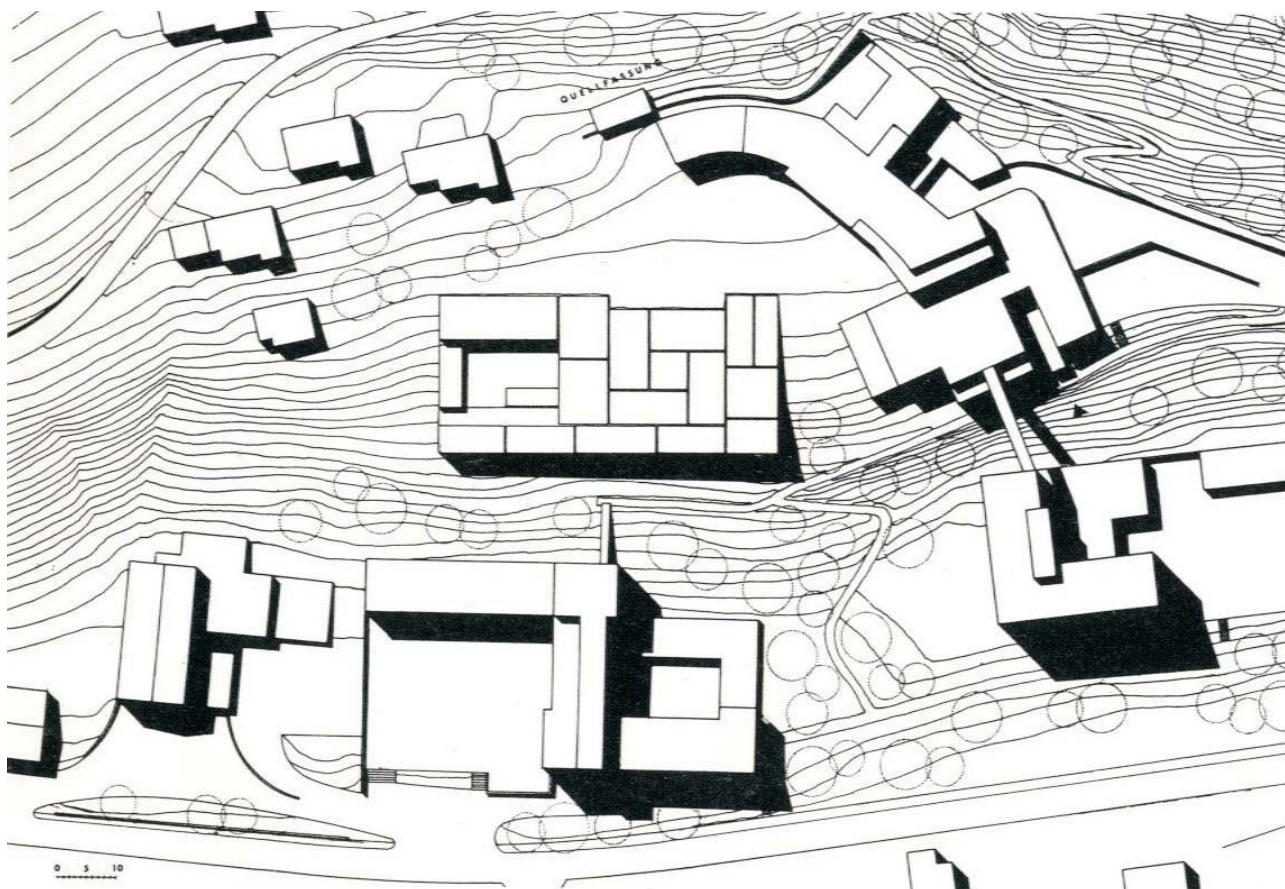
- 47. Implantação das Termas de Vals.
- 48. Vista exterior do complexo de Vals
- 49. Fachada principal das Termas de Vals.

---

36 ZUMTHOR, Peter; BINET, Hélène (1999). Peter Zumthor Works, Buildings and Projects 1979-1997. Basel: Birkhäuser, p.135.

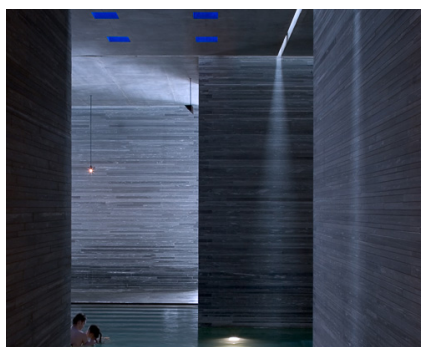
“Mountain, stone, water, building in stone, building with stone, building into the mountain - our attempts to give this chain of words an architectural interpretation, to translate into architecture their meanings and sensuousness, guided our design for the building and step by step gave it form.” [traduzido pelo autor]





*[De cima para baixo, da esquerda para a direita]:*

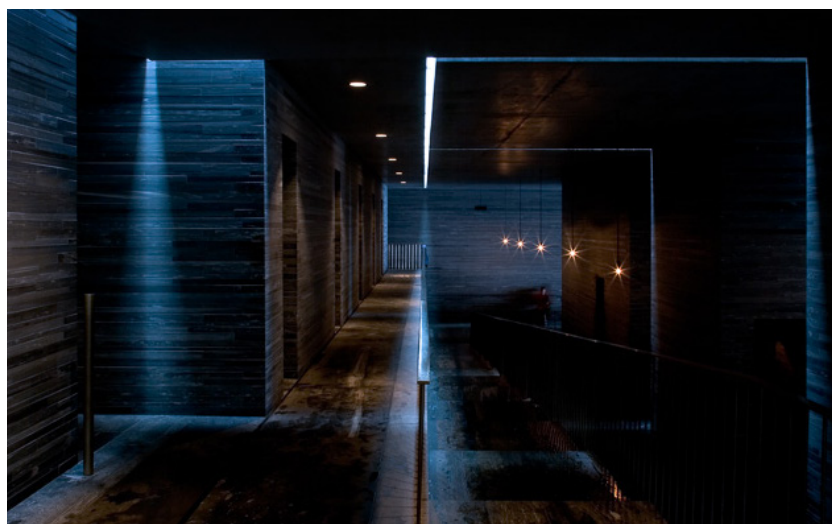
- 50. Vista da piscina exterior.
- 51. Vista de uma piscina interior.
- 52. Zona de circulação com vista para o exterior.
- 53. Escadaria de acesso aos banhos.



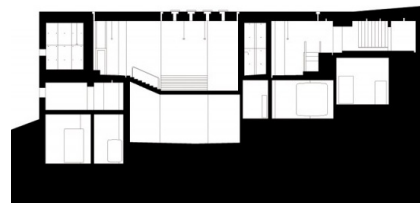
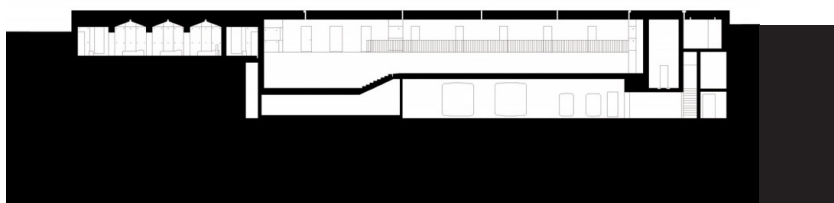
Explora-se, assim, a ideia de escavação da matéria, partindo da forma de um bloco parcialmente embutido na montanha. Surge deste processo de escavação a distinção entre os blocos funcionais e o vazio de circulação, estrategicamente relacionados de forma a criar uma fluência coerente dos espaços e as relações pontuais com a envolvente natural.

Estes blocos, revestidos a gnaiss, a pedra natural da região, são cobertos superiormente por um manto verde que parece surgir do prolongamento da montanha. Adquire-se assim exteriormente um imagem de ancestralidade, como se o edifício tivesse surgido com a montanha.

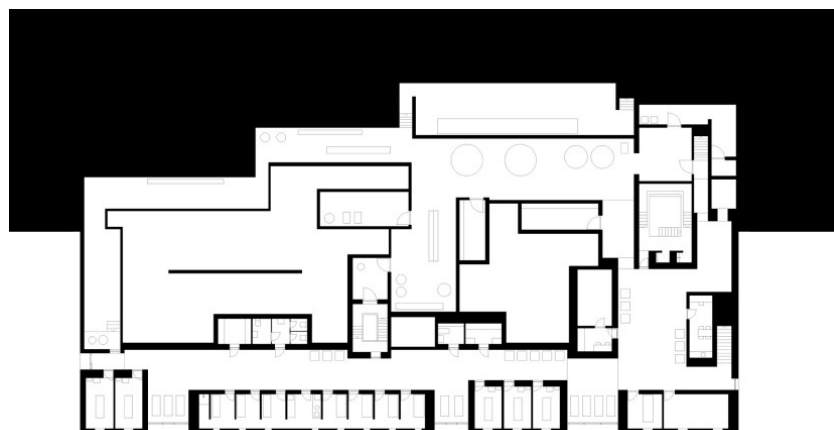
Este misticismo é reforçado no interior, onde se pratica o ritual do banho. A pedra escura, também presente nos interiores, dá aos espaços uma sensação de interioridade dispondo-se de uma iluminação natural controlada, obtida pelos rasgos em forma de juntas da cobertura verde. A disposição não regular dos blocos promove a deambulação, a descoberta de um percurso onde os sentidos são explorados. As relações entre água, luz, som e pedra são assim exploradas ao seu máximo de forma a criar um leque variado de experiências sensitivas. Toma-se partido das diferentes temperaturas dos banhos, da relação entre a pele nua e a rugosidade da pedra, dos reflexos da luz nos planos de água, do vapor das águas quentes ou do som da queda da água como referência à prática ancestral e mística do ritual dos banhos. Através da experiência do espaço, o visitante aspira a um certo estado de introspeção.







1. Acesso ao Spa; 2. Arrumos; 3. Sala de Beleza; 4. Sala das fontes; 5. Vestiários; 6. Duches; 7. I.S.; 8. Banhos turcos; 9. Piscina Interior; 10. Piscina Exterior; 11. Ilha de Relaxamento; 12. Solário; 13. Banho de som; 14. Banho de Fogo; 15. Banho Frio; 16. Duche; 17. Buvette; 18. Zona de relaxamento; 19. Banho de Flores; 20. Duches exteriores; 21. Zona de relaxamento exterior; 22. Sala de Massagem; 23. I.S. mob. reduzida; 24. Vestiários mob. reduzida e primeiros socorros; 25. Acesso mob. reduzida; 26. Zona de Staff



1. Recepção e sala de espera; 2. Sala de fisioterapia aquática; 3. Sala de Inalação; 4. Sala de Hidroterapia; 5. Sala de Massagens; 6. Sala de banhos medicinais e lamas; 7. Espaços de Estar; 8. Espaços de relaxamento.

*[De cima para baixo, da esquerda para a direita]:*

54. Corte longitudinal das Termas de Vals.  
55. Corte transversal das Termas de Vals.  
56. Planta Piso 0 das Termas de Vals.  
57. Planta Piso -1 das Termas de Vals.





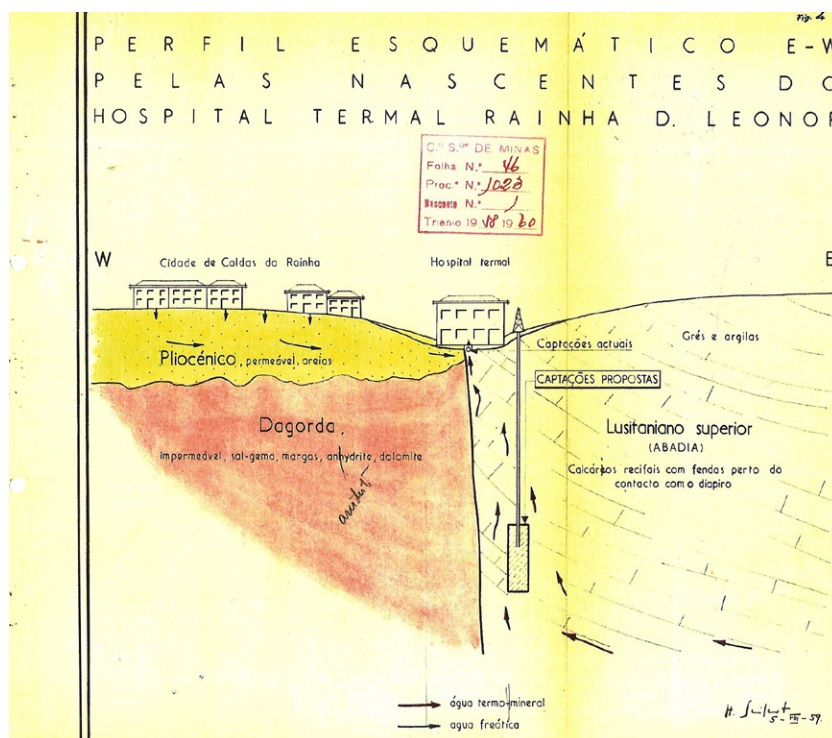
### 3. A CIDADE

*A cidade das Caldas da Rainha nasceu das águas no final de Quatrocentos. Das águas se fez e por elas se desenvolveu.*

Luís Aires-Barros (2005)



### 3.1. AS CALDAS DE ÓBIDOS



58. [Página Anterior] Vista aérea da cidade de Caldas da Rainha.

59. [Página Atual] Perfil esquemático E-W das nascentes do Hospital Termal Rainha D. Leonor, 1959

O atual concelho de Caldas da Rainha integra-se na Região do Oeste, caracterizada por um solo fértil situado a norte da área metropolitana de Lisboa, encravado entre o Oceano Atlântico e o maciço montanhoso do Montejunto<sup>37</sup>.

As particularidades geológicas especiais da região, deram origem a várias nascentes termais com potencialidades terapêuticas heterogêneas. A presença humana na região tem raízes longínquas assim como a exploração das suas nascentes, destacando-se a ocupação romana que deixou para a contemporaneidade os seus vestígios, como na povoação de *Eburobrittium*, nas imediações da Vila de Óbidos.

O uso terapêutico das águas sulfúreas de Caldas da Rainha remonta a tempos anteriores à fundação da vila e até mesmo da construção do Hospital Termal, existindo mesmo algumas descrições, embora vagas,

37 MANGORRINHA, Jorge (2000). O Lugar das Termas. Lisboa: Estudos Horizonte, p.27.

da sua exploração durante o período romano.<sup>38</sup>

Na sua essência as águas caldenses são formadas a partir *da infiltração das águas meteorológicas na área envolvente até à Serra dos Candeeiros*, que pela longa *circulação e residência nas formações margosas e gipso-salinas* do vale tifónico adquirem as suas propriedades terapêuticas antes da ascenderem a uma temperatura média de 35°C.<sup>39</sup>

A primeira fonte documental sobre o local dos banhos surge em 1222 com o legado de D.Zoudo, habitante de Cornaga (actual Tornada), em testamento de *um morabitino para melhoria dos banhos das caldas de Óbidos, outro a uma albergaria ali existente e outro ainda à confraria do Espírito Santo* <sup>40</sup>.

Depreende-se, portanto, a existência de um núcleo assistencial na proximidade dos banhos composto por uma confraria (do Espírito Santo, que corresponde sensivelmente à actual capela do Espírito Santo), e duas Ermidas, a do Espírito Santo e a de S. Silvestre, entregues aos beneditinos da ordem de Santa Maria de Rocamador. Será também provável a existência de algumas casas modestas, para estada temporária ou para serventia de vestiários de apoio aos banhos.

Sabe-se assim, que já no século XII, estes banhos eram frequentados pelos doentes, pobres e abastados, à procura da cura e da convalescença, facto que assim se manteria até aos finais do século XIV. É por esta altura que se dá uma crise no país, tendo como resultado a degradação das casas assistenciais e a extinção da ordem religiosa que as administrava. D. Afonso V (1432-1481) toma então medidas para tentar reverter esta situação, dando privilégios a quem aí se instalasse, tentando favorecer a

---

38 MACHADO, João Saavedra (1993). As Caldas. A fundação do Hospital e da vila pela Rainha D. Leonor. in Terra de Águas: Caldas da Rainha, História e Cultura. Caldas da Rainha: Câmara Municipal de Caldas da Rainha, p.39.

39 AIRES-BARROS, Luís (2005). Termalismo e Preservação do Património Cultural e Natural. In Caldas da Rainha: património das águas. Caldas da Rainha : Assírio e Alvim, p.73.

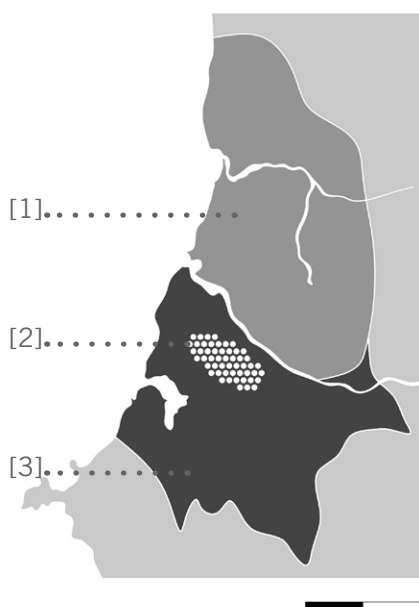
40 SERRA, João B.(1995). Introdução à História de Caldas da Rainha. Lisboa: Caminho, pp. 21-22.

fixação do povoamento e a própria manutenção das casas assistenciais. Esse esforço régio não terá, no entanto, surtido grandes efeitos, uma vez que descrições posteriores comprovam a ruína deste núcleo.

A região da Estremadura desempenha nesta altura uma *grande importância económica, não só pelas suas potencialidades produtivas, mas também pelos portos fluviais e o acesso ao mar* <sup>41</sup>. Os principais centros de poder na região são, a Sul, o concelho de Óbidos de administração régia (atribuída à Rainha D. Isabel em 1282, tornando-se pertença da Casa das Rainhas) e a Norte, o mosteiro de Alcobaça detentor de uma grande extensão de coutos (atribuídos à ordem de Cister por D. Afonso Henriques em 1153 para construção e subsistência do seu Mosteiro). O Mosteiro atravessava no final do século XIV uma crise institucional, face a uma série de abusos e transgressões por parte dos abades que causaram tensão entre os colonos dos coutos. Ao mesmo tempo assiste-se à afirmação do poder régio a partir da aclamação do Mestre de Avis em 1385.

60. Limites Administrativos aproximados, nos finais do século XV

- [1] Coutos de Alcobaça
- [2] Caldas de Óbidos
- [3] Casa Real de Óbidos



É, assim, nas *Caldas de Óbidos*, numa localização limítrofe com os coutos de Alcobaça, que será desenvolvida uma estratégia de reafirmação do poder da Coroa que terá grande impacto durante o reinado de D. João II e a sua esposa D. Leonor de Lencastre.

41 MACHADO, João Saavedra (1993). As Caldas. A fundação do Hospital e da vila pela Rainha D. Leonor. in Terra de Águas: Caldas da Rainha, História e Cultura. Caldas da Rainha: Câmara Municipal de Caldas da Rainha, p.48.

### 3.2. A FUNDAÇÃO LEONORINA



61. Ilustração da Frontaria do Hospital da N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> do Pópulo de 28 de Março de 1747.

*No Verão de 1484, quando em Lisboa alastrava a doença contagiosa, a Rainha D. Leonor foi para Óbidos com o seu séquito de damas, cavaleiros, pajens, moças de câmara e demais acompanhamento que competia à sua comitiva. E diz a tradição que foi no dia 28 de Agosto daquele ano, quando seguiu para a Batalha ao encontro de D. João II [...] que D. Leonor terá de novo visto o triste espectáculo dos pobres andrajosos e outros doentes de frialdades a banharem-se nas Caldas, em condições tão desumanas que deveras a sensibilizaram. E por isso terá formulado o voto de que se o senhor Deus lhe desse vida, “os pobres de Jesus Cristo, seu filho, terão melhor comodidade em suas curas”.*<sup>42</sup>

A situação dos banhos seria, então, já conhecida do poder Real. Coube no entanto a D. Leonor, reconhecida pela sua generosidade e caridade, a tomada de medidas visando a melhoria das condições dos banhos, de forma a permitir o restabelecimento da afluência de doentes.

Porém, os planos da rainha não se cingiriam somente à reforma

42 MACHADO, João Saavedra (1993). As Caldas. A fundação do Hospital e da vila pela Rainha D. Leonor. in Terra de Águas: Caldas da Rainha, História e Cultura. Caldas da Rainha: Câmara Municipal de Caldas da Rainha, pp. 51-52.

do antigo conjunto. Ainda em 1485, encarrega de imediato o seu médico pessoal, o Mestre António Lucena, da análise das três fontes existentes nas imediações (Casal dos Mosqueiros, Quinta de Vale de Flores e Caldas) de forma a escolher a melhor implantação para um novo conjunto assistencial, inovador e de grandes dimensões, reunindo Hospital, igreja e confraria de caridade. Pelo fluxo aquoso abundante e pela sua localização estratégica junto a importantes vias de circulação, o local dos primitivos banhos seria o escolhido.

O projeto terá sido entregue ao Arquiteto Mateus Fernandes (pai), que se encontrava a desenvolver as obras no Mosteiro da Batalha, e posteriormente continuado pelos seus filhos e netos. A implantação do conjunto localiza-se numa depressão, encontrando-se na frente do Hospital de Nossa Senhora do Pópulo uma praça, denominada de Praça Nova e na sua parte posterior a Igreja que é deste núcleo inicial, o elemento que menos alterações sofreu até hoje.

*A configuração dos edifícios obedeceu às exigências naturais de represamento das nascentes em piscinas, definindo assim o tronco principal do corpo arquitectónico, em volta do qual se organizam os espaços públicos e privados, numa estrutura articulada em que os sexos são separados em alas distintas [ala feminina do lado esquerdo e masculina do lado direito].*<sup>43</sup>

A organização do Hospital desenvolve-se segundo um eixo longitudinal numa sucessão de plantas que une as nascentes termais, cuja localização coincide estrategicamente com a implantação das casas dos banhos. Estas salas espaçosas de forma quadrangular e revestidas de pedra lioz, são cobertas por uma abóbada semicircular com uma claraboia no seu centro permitindo a ventilação dos banhos. Destaca-se ainda a comunicação direta do Hospital com a Igreja de Nossa Senhora do Pópulo com vista à assistência das liturgias por parte dos doentes. As enfermarias desdobravam-se em dois pisos, sendo as duas localizadas

---

43 PINTO, Helena Gonçalves ; MANGORRINHA, Jorge (2005). O Programa e a arquitectura Termal. In Caldas da Rainha: património das águas. Caldas da Rainha: Assírio e Alvim, p.137.



no piso térreo destinadas aos pacientes entrevados, facilitando a sua participação nas celebrações religiosas. Desenha-se assim um *conjunto de volumes denso face ao processo de junção de sucessivos corpos: alas que contêm dois pisos, escadas que unem os pisos (tanto no interior, como no exterior), balcões e varandas abertas e outras protegidas com vidraça para as funções representativas da vida pública e privada.*<sup>44</sup>

A volumetria denuncia a influência do estilo gótico, com alguns aspetos do gosto manuelino, evidenciados no alçado principal pelo pórtico de entrada e, ao fundo, a torre sineira que se destaca do conjunto.

A dedicação da Rainha resultaria, então, num empreendimento inesperado, sendo o conjunto composto por *Hospital ( com instalações administrativas, áreas comuns, três piscinas, sete enfermarias num total de 110 camas), Igreja, residências, e ainda um pequeno paço real.*<sup>45</sup> O conjunto será fortalecido pela visão estratégica do rei em relação ao local:

*[...]D. João II, vai prosseguir em relação às Caldas e ao seu Hospital uma inteligente e notável política de centralização do poder real face aos coutos de Alcobaça e com profundos e inevitáveis reflexos na vida económica, social e psicológica das populações. E assim a fundação do Hospital de Nossa Senhora do Pópulo e da vila das Caldas da Rainha iria provocar um estimulante surto de desenvolvimento campesino e urbano na região onde estavam implantados os bens do Hospital e da Rainha.*<sup>46</sup>

Para isto, em 1488, D. João II toma medidas com vista à implantação de moradores nas imediações do Hospital concedendo carta de privilégios a 10 pessoas que aí se queiram estabelecer e formando um couto para 20 homiziados. No mesmo ano, são recebidos os primeiros doentes no

44 PINTO, Helena Gonçalves ; MANGORRINHA, Jorge (2005). Idem, p.139.

45 SERRA, João B. (1993). Caldas da Rainha um século atrás: Cronologia do ano caldense de 1892. In Terra de Águas: Caldas da Rainha, História e Cultura. Caldas da Rainha: Câmara Municipal de Caldas da Rainha, p. 107.

46 MACHADO, João Saavedra (1993). As Caldas. A fundação do Hospital e da vila pela Rainha D. Leonor. in Terra de Águas: Caldas da Rainha, História e Cultura. Caldas da Rainha: Câmara Municipal de Caldas da Rainha, p. 50.

[De cima para baixo:]

62. Torre da Igreja da N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> do Pópulo por volta de 1930.

63. Altar da Igreja da N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> do Pópulo.



novo balneário. As medidas reais de apoio à fixação de população vão-se multiplicando com o aumento do número de homiziados, e acima de tudo com a atribuição de isenções e reduções fiscais e privilégios políticos e religiosos, também muito influenciados por D. Leonor. A estratégia real surtirá efeitos positivos, justificando o crescimento demográfico a ascensão de Caldas de Óbidos em 1490 a vila e travando definitivamente a expansão dos Coutos de Alcobaça e reforçando a soberania real.

A ascensão a Vila trará a construção de novas valências - Câmara Municipal e Cadeia - em terrenos pertencentes ao Hospital, criando posteriormente alguns conflitos entre as Instituições. Algo que não terá impedido o crescimento da população tendo em conta que em 1537 a vila já contava com 96 vizinhos na povoação e 20 nos arrabaldes.

Em termos de expansão urbanística, será de prever a implantação das primeiras construções nas proximidades da antiga confraria do Espírito Santo, à volta do Rossio das Vacas, tendo a maioria dos privilegiados por D. João II se instalado na Rua Nova, atual Rua Rafael Bordalo Pinheiro - que representava como o eixo relevante de ligação entre Óbidos e Alcobaça. Numa segunda fase, o crescimento dá-se para a Rua das Oliveiras, contudo pouco significativo, e francamente para Norte, influenciado pela reserva de terrenos arborizados ou de cultivo sob administração do Hospital a Este e Oeste. Nessa zona de expansão desenvolve-se o novo rossio, que permite a realização dos mercados e feiras numa zona mais desafogada que a anterior, a Praça Velha e que melhora as condições higiénicas junto à unidade assistencial<sup>47</sup>. É no novo Rossio que se vai construir no início do século XVI, e sob financiamento da Rainha, a Ermida de São Sebastião. É aí que se denota uma certa tentativa de urbanismo renascentista na Vila. A malha construída desenvolve-se simetricamente e em cruz com centro nos edifícios mais notáveis, o Hospital e a Igreja (que em 1500 tinha sido tornada Igreja Matriz) e estendendo- a norte para a Ermida de São Sebastião e a sul para a Capela do Espírito Santo.

---

<sup>47</sup> É de notar que ainda é neste Rossio, a actual Praça da República que se realiza diariamente o mercado da fruta, um verdadeiro ritual próprio da cidade.



O gosto renascentista denota-se também na convocação da Igreja e do Hospital a Nossa Senhora do Pópulo (de tradição italiana) <sup>48</sup> e acima de tudo no *Compromisso* da Rainha, o regulamento atribuído ao Hospital. Este documento é marcado por uma racionalidade moderna com princípios de simetria e proporção, atestando os procedimentos de tratamentos (banho, medicação, alimentação e repouso), onde se testemunha a oportunidade de acolhimento para os todos os doentes, estando os mais pobres isentos de pagamento.

Contudo a rainha não pretende apenas criar um Hospital de caridade mas *transformar em obra territorial um programa socio-religioso elevado que, partindo das diferentes vertentes “corporais” e “espirituais” da doutrina das obras de Misericórdia, perseguia a organização de um novo espaço humano exemplar, distribuindo caridade, confraternidade, oração e ritualização cristã do próprio território social privilegiado, duplamente, pelos favores políticos régios e pelo fervor e intensidade da fé.* <sup>49</sup>

É muito devido ao mecenato leonorino que surge um caso singular na história, em vários aspetos: trata-se do primeiro núcleo habitacional criado a partir de uma unidade assistencial, o primeiro Hospital com medicina por tratamento termal e o primeiro grande hospital português, que serviu de experiência da rainha para a construção do Hospital de Todos-os-Santos em Lisboa, o do Espírito Santo em Évora e o de Jesus Cristo em Santarém.

---

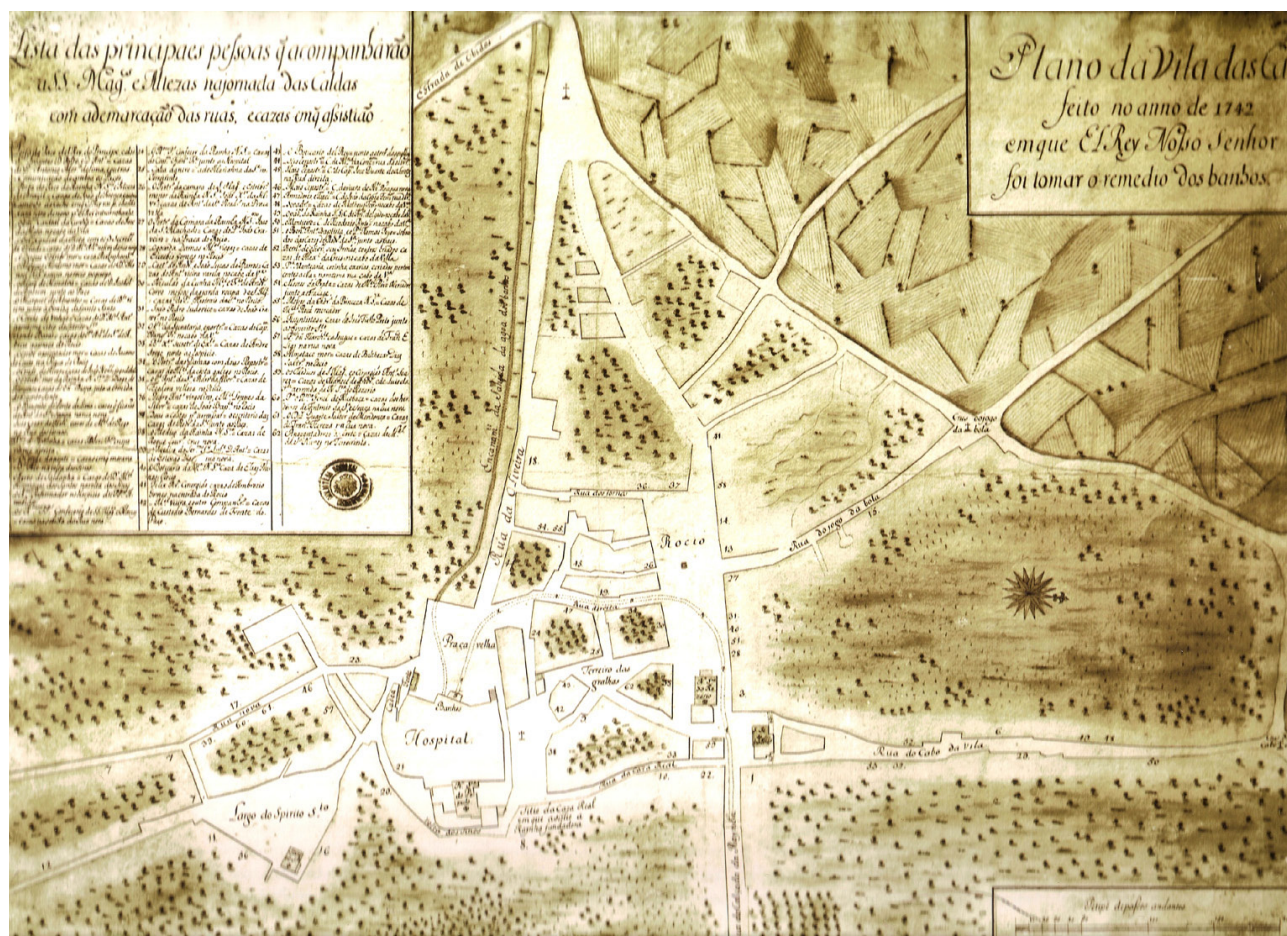
48 A influência italiana viria provavelmente de D. Jorge da Costa, Cardeal de Alpedrinha e exilado em Roma. Conselheiro de D. Leonor, dar-lhe-ia grande apoio nas suas iniciativas, quer na fundação do Hospital, quer posteriormente na fundação das Misericórdias, reunindo com o Papa para obter a permissão das obras.

49 SOUSA, Ivo Carneiro (2005). Um Hospital do Populus. In Caldas da Rainha: património das águas. Caldas da Rainha: Assírio e Alvim, p.86.

[De cima para baixo:]

64. Plano da Vila das Caldas a 1742, Atribuído a João Pedro Ludovice.

65. Tabela de correspondência da toponímia antiga e atual segundo João Serra.



Designação Antiga	Designação Atual
Praça, Praça Velha	Largo Rainha D. Leonor, Largo da Copa
Rossio do Espírito Santo, Rossio das Vacas	Largo João de Deus
Rua Nova	Rua Rafael Bordalo Pinheiro
Volta dos Sinos	Rua Rodrigo Berquó
Rua do Hospital, Rua da Casa Real	Rua Provedor Jorge de S. Paulo
Rossio, Praça Nova	Praça da República, «Praça da Fruta»
Rua Direita	Rua da Liberdade
Rua dos Fornos	Rua do Parque
Rua da Oliveira, do Olival de Baixo	Rua de Camões
Rua do Cabo da Vila	Rua José Malhoa, Rua Capitão Filipe de Sousa
Rua do Jogo da Bola	Rua Almirante Cândido Reis, «Rua das Montras»
Rua da Calçada da Rainha	Rua Diário de Notícias
Rossio Pequeno, Terreiro das Gralhas	Largo Dr. José Barbosa
Cruz Nova	Largo Conselheiro José Filipe
Rua do Olival de Cima	Rua General Queirós
Água Quente	Largo Conde Fontalva, «Largo da Rainha»

### 3.3. A REFORMA JOANINA

Já no século XVII o Hospital Real, assim designado na altura, era correntemente utilizado pelos membros da realeza, assumindo-se no século XVIII como destino termal preferido da Corte (tornando-se ainda mais evidente a coexistência das classes mais altas com os mais pobres e carenciados).

No passar desse século a malha urbana não se teria expandido significativamente, embora tivesse havido um aumento do número de fogos. O crescimento continuava a ser feito a partir da matriz do Hospital, tendo a urbanização *avançado preferencialmente pelos terrenos entre o Hospital/Rua do Olival de Baixo e o eixo Rossio/ Rua do Olival de Cima (eixos que se encontram no Largo da Água Quente). A malha urbana ter-se-á densificado no Largo da Cruz Nova e no Rossio Pequeno (ou Largo das Gralhas, ou Terreirinho) e no quarteirão definido pela Rua Direita, pela Rua dos Fornos, pelo Rossio e pela Rua do Olival de Baixo.*<sup>50</sup>

Durante o século XVIII, as propriedades terapêuticas das águas termais são alvo de um renovado interesse pelo universo da Medicina, chegando alguns especialistas a equiparar as Caldas com as mais famosas termas da altura, Aix-la-Chapelle na Alemanha, Bourbon em França e Bath na Inglaterra (acrescentando-se nas Caldas a componente assistencial). Não será portanto de admirar que tendo D. João V adoecido em 1742, viesse numa primeira de treze visitas às Caldas por aconselhamento médico. Visitas essas que viriam a fortificar o seu interesse pelo Hospital e pela vila.

A pretexto da sua primeira estada nas Caldas a Julho de 1742, é feito um levantamento da vila em planta *[imagem 64]* com o propósito da acomodação dos reis e sua respetiva comitiva real nas melhores casas. O séquito, composto por mais de 120 membros, seria instalado essencialmente nas edificações em redor do Rossio, as que melhores

---

<sup>50</sup> SERRA, João B. (2005). Percurso de Cidade com Termas. In Caldas da Rainha: património das águas. Caldas da Rainha: Assírio e Alvim, p.111.

condições ofereciam. Tratando-se ainda de uma pequena aglomeração será de fácil previsão o impacto que esta visita iria criar na vila. Contudo, *o contacto directo com a realidade termal e urbana caldense despertou no Rei uma vontade reformadora a que, logo em 1742, começou a dar concretização, encarregando Manuel da Maia de uma pesquisa sobre as nascentes termais e, em seguida, da elaboração de um plano de intervenção no Hospital.* <sup>51</sup>

A degradação causada pela infiltração de águas ao longo dos tempos no edifício balnear, juntamente com o surgimento da possibilidade de construção de mais três piscinas pela descoberta de duas novas fontes termais, revelaram uma necessidade de intervenção mais profunda. Aliada à conhecida vontade de D. João V de demonstração da sua grandeza e magnificência pelos dispendiosos empreendimentos artísticos que tomava, iniciavam-se em 1747 os trabalhos de reedificação do Hospital.

As obras executadas por Manuel da Maia e Eugénio dos Santos passariam pela subida de cota dos pavimentos do Hospital, que ficaria sensivelmente à mesma cota da Igreja, e pelo avanço do edifício para a Praça Velha e para sul, tornando possível o aumento das áreas interiores e o consequente aumento do número de aquistas.

O renovado Hospital passa então a dispor de oito enfermarias, repartidas pelos dois pisos, duas femininas e seis masculinas, e de sete piscinas, duas para cada sexo e outras três exclusivas a sarnosos e leprosos.

O conjunto organiza-se a partir de um átrio de entrada que dá ao fundo para a Casa da Copa<sup>52</sup> centrada de um Pocinho para a ingestão da água termal e ladeada de uma lápide evocativa a D. João V, à direita para uma capela e para o balneário masculino e à esquerda para a cozinha, o

---

51 SERRA, João B. (2005). Idem, p.112.

52 A Casa da Copa fazia parte do programa arquitetónico desde os tempos de Dona Leonor, que se traduzia numa grande sala onde se distribuíam as refeições aos aquistas, e onde se celebravam os eventos mais representativos da Instituição. Destaca-se o cerimonial de abertura de época termal, com leitura do Compromisso com presença dos funcionários, doentes e durante a sua vida, da própria rainha fundadora. Com as obras joaninas passa a Casa da Copa a acolher também o Pocinho, mais tarde substituído pela buvette.

Boticário e o balneário feminino. É também a partir do mesmo átrio que parte a escadaria de acesso ao piso superior, onde se encontravam os camarotes, os quartos particulares e a maioria das enfermarias.<sup>53</sup>

A fachada, desdobrada em três corpos destacando-se o central cumeado por frontão triangular, evidencia a junção da Arquitetura Chã com o estilo barroco. Fica assim encerrado o novo programa funcional do Hospital Real, sobrando do plano leonorino apenas a Igreja Matriz e alguns vestígios nas zonas das piscinas (nomeadamente na Piscina da Rainha). Com a concentração do programa e a expansão do edifício procedeu-se também à demolição de algumas construções envolventes, sendo as de maior destaque a Câmara e a Cadeia, para maior desafogamento do Hospital e reposição da Praça Velha. *A Rainha Dona Maria Ana de Áustria, a quem cabia a tutela do município, providenciou a construção dos novos Paços do Concelho, “no melhor lugar da Praça do Rossio”, defronte do pelourinho que já havia sido transplantado da Praça Velha*

<sup>54</sup>.

Em 1749 arrancam as obras que libertariam a Câmara da dependência em relação ao Hospital - continuando contudo este último a exercer mais influência na vila por possuir mais rendimentos e terrenos (na verdade o próprio terreno de implantação da Câmara fora comprado ao Hospital) e reafirma-se o Rossio como o polo da vida urbana caldense.

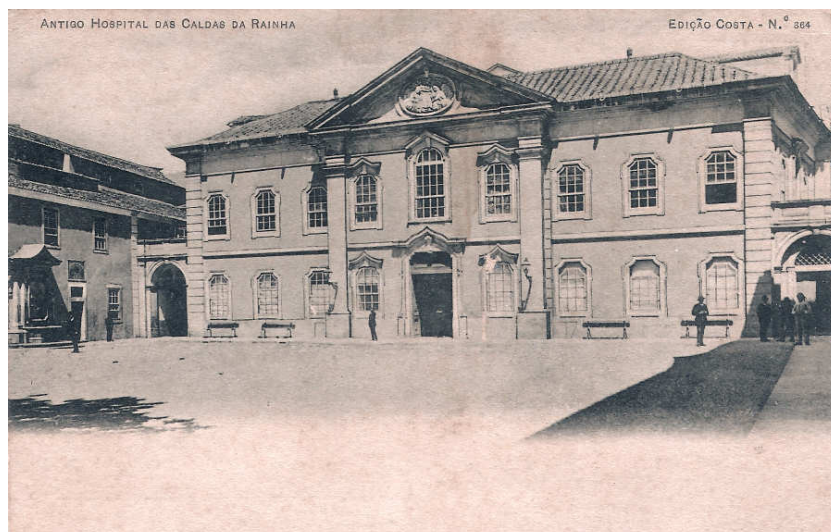
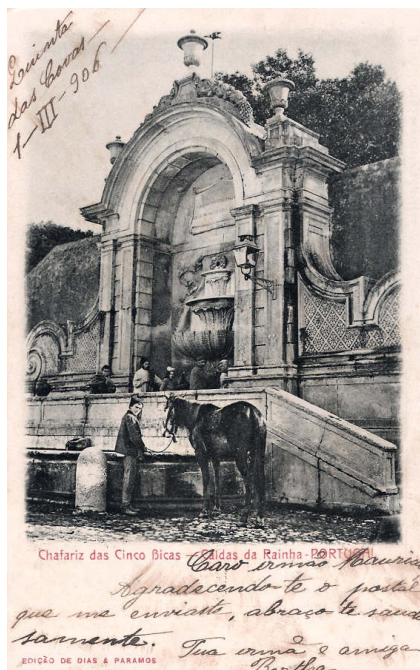
Ainda neste ano é intervencionada a problemática do abastecimento de água à vila. Sob comando de Manuel da Maia, procedeu-se à construção de três chafarizes - o das cinco bicas, no início da Calçada da Rainha, outro no topo norte da Praça Velha e o último entre a fachada sul do Hospital e o Espírito Santo - todos eles alimentados por um aqueduto que se estendia por algumas centenas de metros, desde o Vale da Delgada passando pela antiga Mata da Rainha até ao centro urbano. Os

---

53 MANGORRINHA, Jorge (1993). A Arquitectura caldense no século XVIII. in Terra de Águas: Caldas da Rainha, História e Cultura. Caldas da Rainha: Câmara Municipal de Caldas da Rainha, p.140.

54 SERRA, João B. (2005). Percurso de Cidade com Termas. In Caldas da Rainha: património das águas. Caldas da Rainha: Assírio e Alvim, p.110.





[De cima para baixo]:

[À esquerda]

66. Cartão-postal representativo do Chafariz das Cinco Bicas.

67. Fachada dos Paços Reais no século XX.

[À direita]

68. O Hospital Real nos finais do século XIX.

69. Vista do Rossio ou Praça D. Maria Pia na transição dos séculos XIX e XX.



chafarizes, principalmente o das cinco bicas, o mais emblemático do conjunto, denotam o gosto barroco e celebram o elemento natural que é a água.

As imediações do Hospital sofreriam mais algumas intervenções, sendo construído a este do Hospital um novo Paço Real, aproximadamente na zona do Paço medieval que se encontraria já desatualizado e em mau estado de conservação, e ainda no limite Norte da Praça Velha os primórdios do Hospital Civil - o Hospital de Santo Isidoro - e no limite sul da mesma, a Casa da Convalescença. Esta última é projetada por Rodrigo Franco, a partir de 1750 mas inaugurada apenas em 1855. Esta nova valência reflete a evolução das práticas terapêuticas, pela recomendação de repouso no pós-tratamento efetuado em enfermarias com características específicas e que seriam dificilmente compatíveis com o edifício hospitalar. O novo edifício segue uma proximidade estilística bastante evidente com o Hospital que de certa forma retira algum do protagonismo deste último.

Já durante o reinado de D. José, em 1775 o Marquês de Pombal implementa uma reforma na administração hospitalar. Elabora um novo regulamento, alegando a desadequação temporal do *Compromisso*, fazendo sobressair a nova corrente iluminista. É atestada uma seleção mais criteriosa nos funcionários, passando a ser a formação científica necessária para os cargos mais representativos do Hospital e proibindo a aceitação de doentes caso a patologia não fosse curável com o tratamento termal, sendo assim acolhidas nas novas enfermarias destinadas à convalescença.

O novo Hospital Real passa a representar um marco da arquitetura termal europeia inovando nas soluções funcionais e estruturais pautadas pelo espírito higienista - que antecederia por algumas décadas a expansão termal francesa, o principal polo do termalismo no século XIX - preservando porém a singularidade da memória leonorina na relação da dimensão física da terapia com as dimensões religiosa e social.

### 3.4. O PLANO DO SÉCULO XIX

#### 3.4.1. A Hegemonia Termal

*A villa é em extremo pittoresca e tem lindissimos suburbios. Fica situada n'um extenso valle, recostada a um monte que olha para o poente e de cuja elevação se desfructa um panorama de sete leguas de extensão, abrangendo o mar, as Berlengas, o farol de Peniche, o porto de S. Martinho, d'onde parte um caminho de ferro americano até à Marinha Grande, as velhas muralhas de Obidos, a serra da Roliça, onde em 1808 se deu a sangrenta batalha de 7 de agosto.*

*Ha dois passeios lindissimos: o da Copa, onde os doentes passeiam ordinariamente as aguas á sombra dos velhos platanos e faias seculares, e o da Matta, que é ao fim da tarde o logar aprasado ao encontro de todos os banhistas.*

*A matta fica na maior elevação da villa. O ponto de vista é encantador; as aleas estão bem riscadas por entre as arvores; ha bancos em todos os recantos: grandes massas de vegetação; sombra espessa e tranquilla.*

*Muitas familias de Lisboa, muitas senhoras hispanholas, habitam a villa durante a estação balnearia.<sup>55</sup>*

A evolução dos estudos científicos no século XVIII, levam à alteração de alguns procedimentos médicos, sugerindo-se a deambulação numa zona verde após a ingestão das águas termais. Desenvolve-se deste modo o ritual do “passeio das águas”, adquirindo a vivência termal uma escala urbana que partia da fonte termal para o espaço verde público. É por esta razão que arrancam em 1799 os trabalhos da construção de um espaço verde nas Caldas, o Passeio da Copa<sup>56</sup>, junto à Casa da Convalescença.

O passeio de influência no jardim barroco era composto por um

---

55 ORTIGÃO, Ramalho (1875). Banhos de Caldas e Aguas Mineraes. Porto: De Magalhães e Moniz Editores, p.86.

56 Embrião do atual Parque D. Carlos I.

traçado geométrico, que se iniciava numa meia laranja, delimitada por um armazém e uma albergaria, da qual partiam três eixos paralelos e seccionados por sucessivos caminhos diagonais. A meio encontravam-se umas instalações que incluíam o banho dos cavalos, terminando o traçado num conjunto de escadarias e espelhos de água que marcavam o início dos terrenos agrícolas.<sup>57</sup>

O “passeio das águas” viria a ser complementado já no século XIX com obras de enobrecimento da Casa da Copa, sendo o *Pocinho* substituído pela atual *buvette*. A 1837 surge, nos edifícios que delimitavam o semicírculo do início do Passeio, o Clube de Recreio composto por salão de chá, salão de baile, sala de leitura e sala de jogo.

Na transição do século XVIII para o século XIX sente-se o crescimento da afluência ao complexo balnear que *passou de uma média anual de 1600 doentes para uma média de 2000. Um percentagem destes- entre 10 e 15% - são doentes externos, isto é, pacientes que procuram alojamento na vila (em casas particulares ou pensões) e fazem diariamente o seu tratamento termal. São, claro, de um estrato social mais elevado do que o dos que permanecem internados enquanto decorre o tratamento* <sup>58</sup>.

Não obstante, estes foram tempos conturbados para a Instituição e para o país em geral. As invasões francesas decorridas entre 1807 e 1810, levaram ao exílio da corte de D. João VI no Brasil. Consequentemente deu-se o alojamento e tratamento dos soldados franceses no Hospital das Caldas, transformado em hospital militar, factos que viriam a abalar fortemente a vivência do povo caldense. Seguiu-se a administração do país por parte dos ingleses que despoletou em 1820 a Revolução Liberal do Porto, que daria frutos em 1821 com o regresso do rei a solo português.

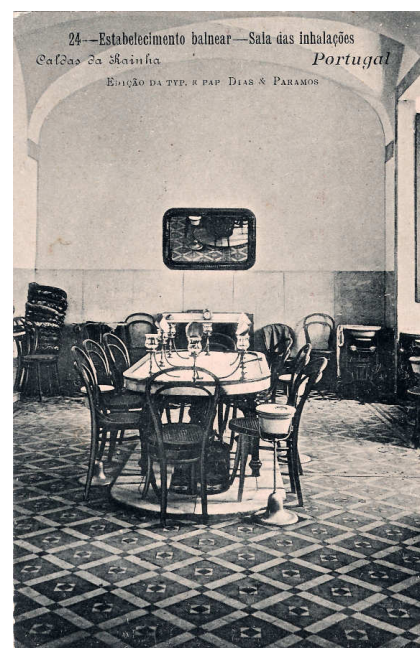
57 PINTO, Helena Gonçalves (2005) . O «Passear as Águas», uma história da mata e do parque das Caldas da Rainha. In Caldas da Rainha: património das águas. Caldas da Rainha : Assírio e Alvim, pp. 199 - 201.

58 SERRA, João B. (2005). Percurso de Cidade com Termas. In Caldas da Rainha: património das águas. Caldas da Rainha: Assírio e Alvim, p.114.

[De cima para baixo]:

70. Buvette Termal na Casa da Copa.

71. Sala de Inalações do Estabelecimento Termal.



*As reformas liberais trouxeram ao Hospital uma efectiva perda de poder, na medida em que lhe foi retirado parte dos rendimentos próprios, transferindo ao mesmo tempo, o financiamento da Instituição para o Orçamento do estado. Deste modo, foi este hospital plenamente estatizado, ficando tutelado sob o Ministério do Reino, pelo qual corriam as questões assistenciais do País.*<sup>59</sup>

O investimento no Hospital e no próprio Concelho, estaria bastante condicionado na primeira metade de oitocentos, não impedindo o crescimento demográfico das Caldas que em 1878 atingiria os 2700 habitantes, e os 13 000 a nível concelhio.<sup>60</sup>

Será apenas no final da década de 1880 que se tomarão um conjunto de medidas de apoio ao crescimento da vila, que fortificava a sua posição como exportadora agrícola e se afirmava no sector industrial da cerâmica, que se previa ainda ser exponenciado com a chegada do comboio às Caldas.

No conjunto de medidas insere-se o saneamento das águas residuais provenientes do Hospital, seguindo-se a drenagem da Rua do Olival de Baixo e do Largo da Água Quente (para onde antes eram encaminhadas estas águas). A salubridade deste eixo conduziria a alterações significativas na hierarquia de vias, passando o Largo da Água Quente a denominar-se Largo Conde de Fontalva e desempenhando a função de entrada principal da vila. É neste Largo que se passam então a fazer a maior parte das ligações, como nas deslocações sul/norte que atravessavam a vila, e ainda do qual parte a estrada para a Foz do Arelho<sup>61</sup>. Surge até, junto ao Largo, nos finais da década de 1870 a primeira grande unidade hoteleira do concelho, o Hotel Lisbonense.

---

59 MANGORRINHA, Jorge (2000). O Lugar das Termas. Lisboa: Estúdios Horizonte, p.72.

60 Crescimento este apoiado pela atribuição de mais nove freguesias ao Concelho pelas reorganizações administrativas entre 1836 e 1855, ver em SERRA, João B. (2005) p.114.

61 Que ganharia reconhecimento com a moda dos banhos de praia nos finais do século XX.

O Rossio é também intervencionado, sendo aumentado para leste e rebatizado como Praça D. Maria Pia. Ao mesmo tempo e por motivos higiénicos, a venda de alguns géneros como o peixe é retirada, sendo para esse efeito criada uma nova Praça a oeste do antigo Rossio (a atual Praça 5 de Outubro). Seria também para aí mudado o Teatro Pinheiro Chagas, após a demolição das suas instalações iniciais na Rua do Olival de Baixo.

O advento da extensão da Linha Oeste até às Caldas em 1887 faz erguer uma estação a algumas centenas de metros do centro. A ligação ao núcleo urbano é feita através da construção daquela que viria a ser a primeira avenida caldense - a atual Rua Dr. Miguel Bombarda - que se estendia até à Rua do Jogo da Bola.

Estas intervenções levaram à densificação da urbanização junto às principais vias de acessibilidade - destacando-se o crescimento da urbe na procura de ligação do núcleo urbano com a linha férrea - e fomentaram o crescimento demográfico da vila, que num quarto de século duplicava a sua população.<sup>62</sup>

Ao mesmo tempo, a grande expansão do termalismo a nível europeu, que se afirmava como um hábito generalizado nas elites sociais, revelava uma necessidade revitalizadora do termalismo caldense. As reformas do próprio Hospital seriam já amplamente discutidas desde o início do século XIX, cujas instalações se revelavam datadas e incapazes de responder ao aumento da procura termal. Todavia o plano global reformador viria apenas a ser aprovado em 1884, sob administração de Francisco Pimentel<sup>63</sup>. O plano englobava as seguintes medidas: *separação física e funcional entre estabelecimento balnear e Hospital; remoção do Hospital de doenças gerais da vila (Hospital de Santo Isidoro) para um local distanciado das termas; canalização privativa dos esgotos do Hospital; beneficiação de terrenos contíguos; garantia da qualidade*

---

62 A 1864 a vila das Caldas era habitada por 2268 indivíduos, comparados com os 4687 no ano de 1890.

63 Médico e administrador do Hospital entre 1877 e 1888.

*da água; disciplina dos serviços de balneário.*<sup>64</sup>

A avançada idade do administrador Francisco Pimentel revelava contudo a necessidade de nomeação de um novo representante, empenhado e ousado, que fosse capaz de fazer cumprir este plano ambicioso. É então nomeado para o cargo a Novembro de 1888 Rodrigo Maria Berquó<sup>65</sup>. A sua formação em Arquitetura e Engenharia, embora inusitada em tal cargo, revelava-se decisiva na escolha pela possibilidade de desenvolvimento dos vários projetos que o plano acarretava. Berquó não se cingiria porém apenas ao plano prévio - que era já desde si ousado - tomando partido da sua visão pessoal e profissional para a criação de uma vila termal de referência, quer a nível nacional, quer europeu.

Logo na sua primeira reunião com a Comissão incumbida do plano de reforma, a 10 de Março de 1888, Berquó expressa a sua vontade de separação do Hospital do edifício balnear. Propõe para isso a expropriação dos terrenos a Sul da Convalescença, onde seria construído o novo Hospital (os atuais Pavilhões do Parque) que passaria a comunicar por passadiço com o Estabelecimento Balnear (o atual Hospital Termal).

Em Novembro do mesmo ano, aquando da tomada do cargo de Diretor, elabora o plano do novo parque das Caldas - o atual Parque D. Carlos I - resultante da reformulação do Passeio da Copa e expansão para os terrenos expectantes a sul, complementados pelo redesenho dos percursos da Mata. Se por um lado esta medida trava o avanço da urbanização - criando uma “anel verde” à volta das nascentes termais e do núcleo matricial -, por outro amplifica-se a vertente lúdica do espaço público. É com este intuito traçado pelo arquiteto e agora Diretor, um

---

64 SERRA, João B. (2005). Percurso de Cidade com Termas. In Caldas da Rainha: património das águas. Caldas da Rainha: Assírio e Alvim, p.118.

65 Rodrigo Maria Berquó (1839-1896) também conhecido por Rodrigo Cantagalo, pela sua ascendência ligada aos Marqueses de Cantagalo, formado em arquitetura e engenharia. Em 1882 é encarregue da construção de uma nova estância termal nas Caldas da Felgueira, Nelas, visitando para isso algumas estâncias termais europeias de referência principalmente em França. Esta experiência aliada à influência da sua família reconhecida em Lisboa, onde se concentravam os poderes governativos do reino, levaram à sua nomeação como Diretor do Hospital Real de Caldas da Rainha a 1888, cargo que desempenharia com afinco até à sua morte prematura a 1896.



grande parque com lago de inspiração Romântica onde pretendia o estabelecimento de *diferentes jogos, tais como lawn-tennis, croquet, jogo da bola, tiro à pistola, tiro à setter, passeios em velocípedes, etc.* <sup>66</sup>

O Clube de Recreio recebe também obras de requalificação e expansão, ficando concluídas em 1892. O administrador decide unir superiormente os dois corpos por uma cobertura em arco de volta perfeita construída em vidro e ferro laminado, dando origem à sua designação de Céu de Vidro.

Estas atrações tornavam o conjunto numa estância de veraneio de requinte que vai de encontro a uma burguesia endinheirada que procura exposição e distração durante a época balnear. O Parque assumia-se como palco lúdico e cultural por excelência, animado pelos concertos e bailes em Agosto e Setembro (durante a época balnear), que contribuía para a sua elevada afluência.

Outra das grandes prioridades da reforma, e ainda discutida a Novembro de 1884, seria a separação definitiva do Hospital Civil (o Hospital de Santo Isidoro) do complexo termal. A sua nova localização fora do núcleo urbano revela a mentalidade higienista - evidenciada nos próprios sistemas construtivos - e permite o desafogamento da Praça Velha onde se encontrava. A inauguração das obras aconteceria a 19 de Março de 1893.

A intervenção no Estabelecimento Balnear (o Hospital Termal), que deixava de ter a sua vertente hospitalar, por sua vez arranca em 1894.

*A sua ampliação, mediante a construção de mais um piso, limita-se a uma repetição do desenho original, transpondo os símbolos existentes, sem a preocupação com o equilíbrio da forma, com a alteração da sua escala e com a componente estrutural. A refuncionalização vem permitir a introdução de novas técnicas terapêuticas e dos respectivos equipamentos e instrumentos de apoio.*

---

66 PINTO, Helena Gonçalves (2005) . O «Passear as Águas», uma história da mata e do parque das Caldas da Rainha. In Caldas da Rainha: património das águas. Caldas da Rainha : Assírio e Alvim, p. 213.

*O piso térreo funciona como um piso misto de convívio e banhos, que após a remoção das antigas Enfermarias de Entrevados passa a contar com salas individualizadas para fins terapêuticos e com a refuncionalização da Copa, passando de lugar centralizador e espaço limite no «passear as águas» para acesso aos compartimentos de banhos e galeria de passeio mais extensa. Os pisos superiores são quase exclusivamente para banhos, especialmente destinados às classes mais ricas.<sup>67</sup>*

Todavia Berquó percebeu que a hegemonia do plano termal apenas ficaria completa com uma visão mais global, a nível do Município, que deveria aliar forças com o Hospital para a verdadeira “revolução” se dar. Com o apoio de algumas personalidades caldenses, é eleito Presidente da Câmara do Município - cargo que desempenharia entre 1890 e 1892, conciliando-o com a Direção do Hospital. Durante o seu curto mandato, faria por subordinar a ação municipal à sua estratégia hospitalar, algo que provocaria algum descontentamento nas elites locais. Das suas medidas destacam-se a construção de um matadouro municipal em 1892 na Estrada da Foz, distanciando-se do núcleo termal onde se encontrava à sua época, e a obrigação de apresentação de plantas e alçado principal para aprovação de qualquer construção na vila.

A sua visão ambiciosa só ficaria completa com a construção do novo Hospital D. Carlos I. A primeira pedra é lançada a 19 de Março 1893, na presença do rei que lhe dava nome. A 2 de Abril de 1893 o Jornal *O Caldense* publicava:

*Caldas ficará possuindo um dos primeiros estabelecimentos termais hospitalares da Europa.*

*E dizemos um dos primeiros da Europa porque podemos afirmá-lo sem receio nem contradição: as mais afamadas estações balneares da França e da Alemanha não têm a profundidade das termas nem as magníficas condições climatéricas das nossas Caldas da Rainha.*

---

<sup>67</sup> PINTO, Helena Gonçalves ; MANGORRINHA, Jorge (2005). O Programa e a arquitectura Termal. In Caldas da Rainha: património das águas. Caldas da Rainha: Assírio e Alvim, p.174.

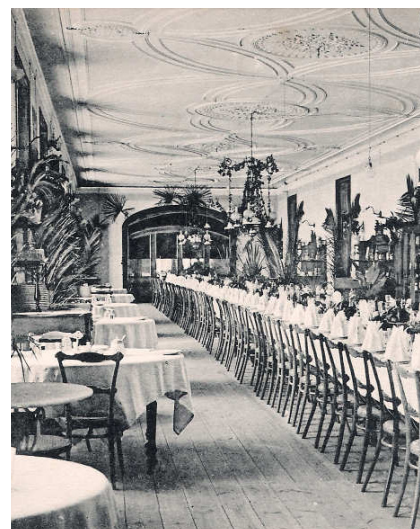
*Oxalá pois que nenhuma dificuldade imprevista venha embaraçar o engrandecimento do Hospital das Caldas da Rainha que mais uma vez o repetimos é desse engrandecimento que principalmente depende a riqueza vital desta terra.*<sup>68</sup>

68 In PINTO, Helena Gonçalves ; MANGORRINHA, Jorge (2005). O Programa e a arquitectura Termal. In Caldas da Rainha: património das águas. Caldas da Rainha: Assírio e Alvim, p.177.



[De cima para baixo, da esquerda para a direita]:

- 72. Vista do Hospital de Santo Isidoro.
- 73. Vista da Praça 5 de Outubro e ao fundo do Teatro Pinheiro Chagas.
- 74. Vista do Largo Conde Fontalva e ao fundo o Hotel Lisboense.
- 75. Sala de Refeições do Hotel Lisboense no século XIX.







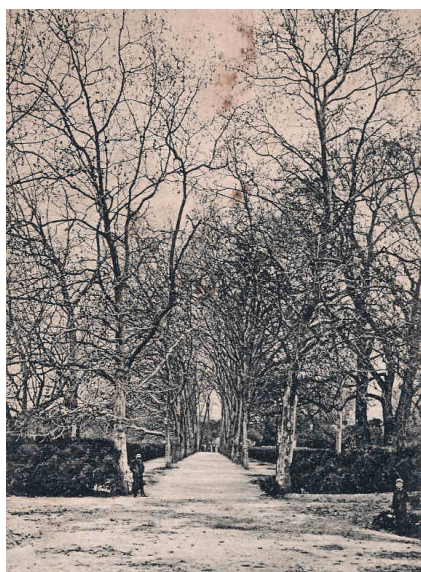
*[De cima para baixo, da esquerda para a direita]:*

76. Frontaria principal do Hospital Termal, ainda ligado às enfermarias de Santo Isidoro [à esquerda na imagem].

77. Vista do Largo da Copa [atual Largo Rainha D. Leonor], à esquerda a Convalescença e à direita o Céu de Vidro.

78. Vista da alameda principal do Parque D. Carlos I.

79. Vista do lago do Parque D. Carlos I.



### 3.4.2. O Hospital D. Carlos I / Os Pavilhões do Parque

*O novo Hospital D. Carlos I foi projetado, em 1891 e 1892, com vista à sua especialização contendo serviço de internamento e de acamados e de hospital de dia para doentes de ambos os sexos e de diferentes classes sociais. Esta vocação separa-o, definitivamente, do Estabelecimento Balnear (com serviços de crenoterapia, de hidrologia e de talassoterapia). O novo Hospital representa a grande promessa de modernidade termal e passa a marcar um forte testemunho imagético desta estância.<sup>69</sup>*

A implantação do novo Hospital, a sul da Convalescença, respondia à proximidade do edifício balnear, fazendo-se a sua ligação através de um passadiço aéreo e garantindo o conforto do aquista, e apresentava uma zona com boa exposição solar e de boa qualidade do ar, com a construção do Parque D. Carlos I.

O projeto, da autoria de Rodrigo Berquó, conheceria duas versões<sup>70</sup> ambas com base nos novos modelos hospitalares do século XIX. Estes modelos exigiam uma estrutura em pavilhões isolados baseada nos hospitais de campanha militar - os Hospitais-Barraca.

Ambas as versões de Berquó propõem a conexão do novo corpo à renovada Casa da Convalescença, permitindo um acesso mais simbólico ao conjunto pelo Largo da Copa<sup>71</sup>. A proposta final ganha contudo uma elevação dos pés-direitos, e um diferente desenho de planta - que na primeira versão era bastante compactada - assim como dos elementos decorativos.

Na proposta final o *edifício com caixa-de-ar, rés-do-chão, 1º andar, 2º andar e mansardas foi dividido em corpo A (Antiga Convalescença reformada para acolher as enfermarias para entrevados ou acamados, mas sem doença infecciosa) e corpo B (enfermarias-dormitório*

69 PINTO, Helena Gonçalves ; MANGORRINHA, Jorge (2005). Idem, p.168.

70 Sendo que, da segunda e final versão apenas nos chegaram dois desenhos em alçado

71 Atual Largo Rainha Dona Leonor.



*que os doentes abandonam durante o dia.<sup>72</sup>*

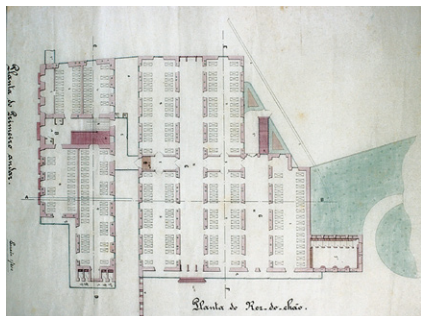
O corpo B (os atuais Pavilhões do Parque) compõe-se por sete pavilhões, um deles com 55 metros de extensão por 9 de largura, correspondente ao eixo principal de distribuição, a partir da qual se desenham perpendicularmente outros cinco pavilhões destinados às enfermarias. O sétimo pavilhão isolado a sul dos restantes, destina-se às instalações sanitárias. No o conjunto o Hospital tem *capacidade para um total de 468 camas, distribuídas em dez enfermarias com 17 camas, as mansardas com 80 camas, e as instalações sanitárias isoladas num dos extremos.*<sup>73</sup>

[De cima para baixo:]

80. Hospital D Carlos I, Plantas do 1.º andar e rés-do-chão [1 versão], Rodrigo Maria Berquó, c. 1891.

81. Hospital D Carlos I, Corte longitudinal [1 versão], Rodrigo Maria Berquó, c. 1891.

82. Hospital D Carlos I, Alçado nascente [1 versão], Rodrigo Maria Berquó, c. 1891.



Por sua vez o corpo A, da antiga Convalescença, ligar-se-ia por meio passadiço envidraçado ao corpo B e a um torreão hexagonal erguido no canto poente da fachada do edifício hospitalar setecentista, garantindo a interligação de todo o conjunto.

A ventilação teria uma importância crucial no decorrer projeto, uma vez se tratar de um edifício hospitalar. A separação física dos pavilhões, a altura dos pés-direitos - com aproximadamente 6 metros de altura - e abundância de janelas permitiriam uma melhor iluminação e ventilação natural no edifício que seria ainda complementada por um sistema engenhoso de ventiladores e chaminés desenhado por Berquó. O arquiteto concluiria que este sistema permitia uma renovação total do ar com todas as janelas fechadas efetuada em apenas 15 minutos, um grande avanço face aos sistemas seus contemporâneos.

Em termos da sua materialidade, o edifício não apresentava uma grande novidade, sendo as lajes compostas por vigamento metálico e archetes de tijolo firmadas no mesmo vigamento, as paredes exteriores em alvenaria de pedra irregular e as interiores em fasquiado, ambas revestidas a uma argamassa de cal aérea. O sistema estrutural em asna da cobertura,

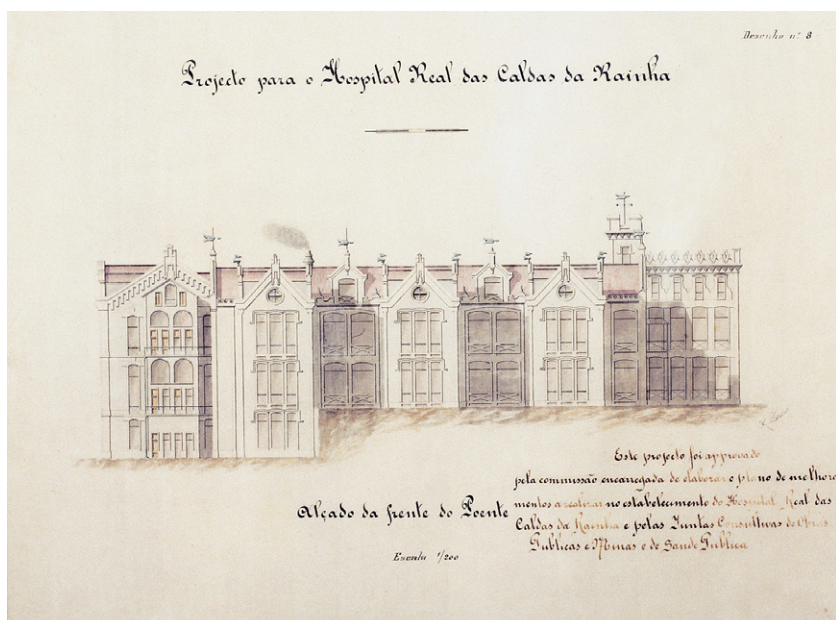
72 PINTO, Helena Gonçalves (2015). A Cura e a Arquitectura - História da Arquitectura Hospitalar Portuguesa na Época Contemporânea- Da Programação à Tipologia Arquitectónica. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa; Tese de Doutoramento em Arquitectura, pp. 135-136.

73 PINTO, Helena Gonçalves (2015). Idem, p. 136.

assim como os soalhos à portuguesa e as caixilharias foram construídas em casquina da Suécia.

*Estamos perante uma arquitectura romântica no sentimento que a rodeia e revivalista nos gestos e soluções que a criaram* <sup>74</sup>. Estilisticamente podemos comprovar a influência clara do gosto francês, que terá fortemente inspirado o arquiteto durante as suas viagens às estâncias termais de referência.

74 PINTO, Helena Gonçalves ; MANGORRINHA, Jorge (2005). O Programa e a arquitectura Termal. In Caldas da Rainha: património das águas. Caldas da Rainha: Assírio e Alvim, p.171.



[De cima para baixo:]

83. Hospital D Carlos I, Alameda Poente [versão aprovada], Rodrigo Maria Berquó, c. 1892.

84. Pavilhões do Parque e Lago.

### 3.4.3. A suspensão do Projeto



85. Caricatura de Bordalo Pinheiro a Rodrigo Berquó, de 8 de Agosto de 1893.

*Ai água que foste chá*

*Ai chá que já não és*

*Ai caldas que estás voltada*

*Da cabeça para os pés<sup>75</sup>*

O colossal empreendimento orquestrado quase unicamente por Rodrigo Berquó, levaria à desconfiança e descontentamento por parte da sociedade caldense. Se por um lado o Administrador tentaria subordinar as entidades políticas à Instituição Hospitalar, provocando inimizades com as elites mais influentes, por outro tinha tornado a vila num verdadeiro estaleiro de obras que se previam afetar os rendimentos provindos da época balnear. O próprio Hospital D. Carlos I, envolto de um certo secretismo, levantava suspeitas da sua complementaridade com um Hotel<sup>76</sup>, que poderia afetar os rendimentos da população vizinha que dependia economicamente dos arrendamentos nos meses de Verão.

<sup>75</sup> Publicação de 18 de Junho do periódico satírico *O António Maria*, da autoria de Rafael Bordalo Pinheiro, In SERRA, João B. (1993)

<sup>76</sup> Numa carta a uma entidade superior, Berquó chega a referir-se ao equipamento como o novo Hospital Real e o futuro Hotel, vontade que seria pouco expressa mas que causaria um sentimento de desconfiança na população. Ver PINTO, Helena Gonçalves (2015), p.133.

Tal quantidade de obras levava também ao endividamento progressivo da instituição hospitalar, que contraía sucessivos empréstimos à Banca.

O comprometimento da finalização do plano parecia estar em causa, facto que veio a ser reforçado com a morte de Rodrigo Berquó a 16 de Março de 1896.

É de imediato nomeado o seu sucessor, o médico José Filipe de Andrada Rebelo, cujos ideais se demonstrariam bastante diferentes dos de Berquó. A situação de endividamento da Instituição, aliada à fase das obras que se encontravam longe de complexão, levam-no à suspensão do projeto. As obras do Hospital D. Carlos I são interrompidas, ficando o Observatório Meteorológico incompleto e não chegando a Convalescença a receber qualquer intervenção negando aos Pavilhões um acesso privilegiado pelo Largo da Copa.

O projeto do Hospital D. Carlos I ficaria assim definitivamente comprometido, nunca chegando os Pavilhões do Parque a servir o seu propósito inicial. Contudo estes seriam alvo de algumas ocupações parciais e temporárias ao longo dos anos que deixaram marcas da sua passagem mas nunca contribuíram para a sua valorização <sup>77</sup>. José Filipe Rebelo resolve então cingir-se à intervenção no Hospital Termal com a adição do 3º pavimento, optando pela solução inicial de coexistência dos serviços de balneoterapia e hospitalização. Confirmava-se assim o comprometimento definitivo do projeto de Berquó e a quebra decisiva do desenvolvimento das Caldas a partir do Hospital Termal. *Em sentido estrito e do ponto de vista urbanístico, a história da vila termal chega ao fim nos finais do século XIX.*<sup>78</sup>

---

77 Logo em 1917 albergaram o Regime de Infancia 5 e seriam palco de sessões de cinema até 1918, aquando da inauguração do Salão Ibéria no terreno adjacente (destruído a 1978). Contam-se também as ocupações para exposições temporárias, como a 1ª Exposição Agrícola das Caldas a 1920, para a primeira sede da Gazeta das Caldas a 1925, para as instalações de Biblioteca Municipal (a 1962) e Calouste Gulbenkian (a 1969) e para o estabelecimento de vários estabelecimentos de ensino como o Liceu e a Escola Empresarial do Oeste. Ver MANGORRINHA, Jorge (1999), pp.31-33.

78 SERRA, João B. (2005). Percurso de Cidade com Termas. In Caldas da Rainha: património das águas. Caldas da Rainha: Assírio e Alvim, p.118.



### 3.3. A CIDADE DO SÉCULO XX

*Durante o século XX, as administrações do Hospital das Caldas confrontaram-se com os apogeu e crises do termalismo, mas também com os diferentes modelos de gestão hospitalar e com um crescente predomínio do Município na gestão urbana.<sup>79</sup>*

A instituição perde portanto a sua preponderância a nível do ordenamento concelhio. De facto, as únicas obras que realizaria com algum impacto a nível urbano seriam a construção de um pavilhão-restaurante no Parque D. Carlos I e a remodelação no final dos anos 20 da Casa da Convalescença.

Esta última intervenção, projetada pelo arquiteto Álvaro Augusto Machado, manteria alguma da essência joanina na fachada principal, sendo o interior totalmente renovado e adquirindo elementos do gosto *Art Decó*. O renovado edifício - o Balneário Novo - respondia às novas tendências do termalismo, quer pelas novas técnicas como as inalações e as pulverizações, quer pela crescente procura dos compartimentos de banhos individuais. Porém, a obra só ficaria concluída em 1940 sob direção da DGEMN (Direção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais)<sup>80</sup>, que lhe daria a linguagem neoclássica que observamos hoje em dia.

As Caldas receberiam também por esta altura, um novo fôlego cultural com o acolhimento por esta altura de refugiados da 2ª Guerra Mundial que afirmariam a urbe caldense como espaço cosmopolita.

O crescimento demográfico das Caldas da Rainha (em 1920 Caldas da Rainha contava com 6837 habitantes na vila, e 26 027 a nível do

---

79 PINTO, Helena Gonçalves ; MANGORRINHA, Jorge (2005). O Programa e a arquitectura Termal. In Caldas da Rainha: património das águas. Caldas da Rainha: Assírio e Alvim, p.179.

80 As intervenções da DGMEN no património termal caldense ocorrem entre 1937 e os anos 60, que para além do Balneário Novo, faria algumas intervenções no Hospital e na Igreja de Nossa Senhora do Pópulo onde retiraria os acrescentos barrocos na fachada, tentando realçar os aspetos góticos da fundação leonorina.



Concelho) - que era então o centro urbano mais populoso do Distrito de Leiria - viria a favorecer a elevação a cidade a 26 de Agosto de 1927.

Esta expansão demográfica teria também impacto no desenvolvimento urbano. Ciente do problema, a Câmara Municipal contrata o jovem arquiteto Paulino Montez em 1926 para o planeamento do território caldense. Seguiram-se uma série de estudos que culminaram na apresentação do Plano de Urbanização da Cidade de Caldas da Rainha nos anos 40. Resumidamente, propunha-se o preenchimento da malha urbana com a urbanização das cercas, o adaptamento da malha histórica às novas exigências de circulação e a expansão da malha urbana para novas áreas, todos eles regidos pelos princípios de zonamento característicos do modernismo. Embora não totalmente seguido, este plano dotaria a cidade de novas funções fundamentais à vida moderna e levaria à deslocação da função administrativa do Município para uma nova praça - a Praça 25 de Abril - onde seriam concentrados a Câmara Municipal, a nova Igreja Matriz e o Tribunal.<sup>81</sup>

A abertura de uma avenida de ligação entre este novo centro administrativo e a estação de caminho-de-ferro - a Avenida 1º de Maio - e sua intersecção com o eixo Hospital- Estação, orientavam a expansão urbanística que se distribuía segundo quarteirões. A urbe tendia também a expandir-se segundo os eixos principais de saída da cidade e começava a consolidar-se inclusivamente para além da linha férrea. A expansão para Sul seria mais demorada, facto justificado pelas barreiras físicas do Parque, da Mata e do Cemitério.

*A cidade da segunda metade do século transformou-se num centro agrícola e industrial, desenvolvendo, no seu núcleo urbano, os sectores ligados ao comércio e serviços.*<sup>82</sup>

As Caldas vêm recebendo nas últimas décadas a diversificação das unidades funcionais, quer a nível urbano, quer rural, apoiando a

---

81 SERRA, João B. (2005). Percurso de Cidade com Termas. In Caldas da Rainha: património das águas. Caldas da Rainha: Assírio e Alvim, pp. 119-120.

82 MANGORRINHA, Jorge (2002). À Volta das Termas - Viagens no Espaço e no Tempo. Caldas da Rainha: Nova Galáxia, 291.

mudança dos tempos e necessidades. Estas mudanças têm vindo a ser acompanhadas por intervenções urbanísticas descontínuas que descuram uma visão urbana estratégica e global da cidade e do Concelho. Assiste-se então a uma descaracterização acelerada da paisagem e uma dispersão dos espaços públicos mais notáveis, que tentam persistir como elementos identitários da cidade.



86. Plano de Urbanização, Paulino Montez, 1949

A. Novo centro administrativo e comercial; B. Novos Paços do Concelho e terrenos para o novo tribunal; C. Nova Igreja; D. Novos Mercados Municipais; E. Novo Campo da Feira; F. Novos Parques públicos; G. Espaço arborizado público e servindo para parque de viaturas; H. Parque de viaturas; I. Parque de viaturas; J. Parque de viaturas, sobretudo de isolamento de residências; F. Parque de grupos escolares; L. Ampliação do logradouro da escola primária existente em edifício próprio; M. ampliação do museu do Parque de D. Leonor; N. Novo Quartel dos bombeiros; O. Novo Teatro-Cine; P. Hotel e respetivo parque; Q. Agremiação comercial, cultural ou recreativa; R. Cemitério atual; S. Serviços municipais diversos.

01. Mata do Hospital Termal; 02. Parque de D. Leonor; 03. Parque das Faianças; 04. Reserva Rural; 05. Reserva Rural; 06. Estação dos Cº Fº; 07. Estação do C.T.T e de camionagem; 08. Hospital Termal e anexos; 09. Paços do concelho (atual); 10. Praça de Touros; 11. Teatro-Cine atual



## 4. PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO DO NÚCLEO TERMAL DE CADLAS DA RAINHA

*Após um aprofundamento dos paradigmas associados ao panorama termal, percebemos a sua relevância no contexto histórico das populações. Para que o Termalismo Caldense vença os desafios do Futuro, deve urgentemente modernizar-se, integrando-se em estratégia mais vasta, podendo constituir-se como pólo de uma região turístico-termal, e um dos principais factores impulsionadores do seu desenvolvimento. (...)*

*Assim, o Património Termal Caldense, em todas as suas vertentes (hidrológica, arquitectónica, histórica e cultural), poderá desempenhar não só um papel importante no campo da Saúde, quer para o tratamento quer para a prevenção, mas também contribuir para o desenvolvimento económico local e regional, desde que se consiga colocar o Hospital Termal, com todas as suas potencialidades aproveitadas, a concorrer numa escala global.<sup>83</sup>*

### 4.1. ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO

Expresso desde o título deste trabalho (Das Termas à Cidade) está evidente a função matricial que o termalismo, e o Hospital Termal em específico, tiveram na fundação e crescimento de Caldas da Rainha.

Pelo carácter peculiar do conjunto, pretende-se a reafirmação do papel central do Hospital Termal na cidade, quer a nível urbano quer a nível institucional. A instituição secular, surge assim como pilar fundamental de um polo de referência do conhecimento e tratamento termais com uma influência que ultrapassa a escala concelhia e talvez mesmo nacional.

---

83 TRANCOSO, Vasco (2005). O Relançamento do Termalismo Caldense na Actualidade. In Caldas da Rainha: património das águas. Caldas da Rainha: Assírio e Alvim. (pp. 292 -297)

Podemos ainda hoje verificar com clareza a matriz que o Hospital Termal representa, ocupando o ponto central de um eixo norte-sul, que representava a ligação medieval entre Alcobaça e Óbidos, e ao longo do qual se desenvolvem construções com grande valor histórico e patrimonial. Perpendicularmente desenvolve-se um segundo eixo (oeste-este) que surge do prolongamento do Hospital Termal para o “passeio das águas” referido nos capítulos anteriores. Parte-se, então deste traçado em cruz cujo centro é o Hospital Termal para revalorizar estes dois eixos principais.

O eixo norte-sul representa acima de tudo um eixo de valor histórico e patrimonial, interligando pontos de interesse como a Ermida de São Sebastião, a Praça da República (vulgarmente chamada de Praça da Fruta), o Hospital Termal, os Pavilhões do Parque, a Fábrica Rafael Bordalo Pinheiro e o Museu da Cerâmica.

Complementariamente afirma-se o eixo oeste-este, um eixo de saúde, iniciado no Parque D. Carlos I, passando pelo Hospital Termal, pelo Museu da Cidade e do Hospital Termal, pelo Hospital Distrital e finalmente pela Mata Rainha Dona Leonor. O troço deste eixo que parte do Hospital Termal para Oeste é realçado no conjunto com uma nova pavimentação que é marcada por dois espelhos de água no início e



87. Esquema urbano do Hospital Termal como Matriz do tecido urbano



fim do mesmo, referência ao jardim barroco que precedeu a construção do Parque Carlos I. De forma a realçar este eixo, e para que a ligação seja ainda mais forte, a relação institucional entre Hospital Termal e Hospital Distrital seria fundamental. Uma vez as terapias termais serem muito indicadas para patologias reumatológicas, ambas as Instituições deveriam colaborar, de maneira a formarem um importante centro deste tipo de doenças, que os distinguiria a nível nacional.

Por outro lado, a reafirmação deste eixo e da sua componente fundamentalmente pedonal, procura-se a revitalização do comércio à volta do Hospital Termal e mesmo da Rua de Camões, desde sempre conhecida pelo artesanato e pastelaria locais.

#### O PARQUE D. CARLOS I

O parque D. Carlos I surge como equipamento ambiental, recreativo e desportivo de referência pela quantidade de tipologias que alberga. Desenvolvem-se atividades desportivas como o ténis, o ciclismo e mesmo as regatas no lago; culturais como o Museu Malhoa e com a reconversão do Balneário Novo em Centro de exposições temporárias e conferências; comerciais, com o Pavilhão-Restaurante e a proposta de reconversão do Céu-de Vidro para lojas de artesanato; e as novas funções hoteleiras e balneares que iremos desenvolver a seguir. No desenho dos pavimentos do Parque sobressai o eixo este-oeste, quer pela dimensão quer pela materialidade. Este eixo parte, como referido, do Largo Rainha D. Leonor (para onde se abre o Hospital Termal) formando uma praça, coberta em pedra lioz e centrada de um espelho de água, pavimento que atravessará o Céu-de-Vidro e a partir dele ganhará um novo carácter. Aqui marca-se o ponto inicial da alameda principal do Parque D. Carlos I, onde o pavimento se divide em duas materialidades, lateralmente faixas de lioz (servindo de prolongamento ao pavimento anterior), e interiormente em saibro, finalizando-se o seu remate com o Largo Conde de Fontalva com uma área totalmente a lioz e marcada com o segundo espelho de água. Os restantes passeios do Parque assumem uma escala mais reduzida, sendo a sua materialidade exclusivamente o saibro,

destacando-se os passeios com maior afluência por um traçado mais regular e os secundários por um traçado mais orgânico.

### A NOVA UNIDADE TERMAL

A nova conjuntura do termalismo a nível mundial é evidente: se por um lado os avanços científicos permitiram um conhecimento mais vasto das propriedades terapêuticas das águas e das suas formas de aplicação que a novas técnicas e equipamentos termais, por outro o Turismo de Saúde é um fenómeno em crescimento, trazendo novos tipos de aquistas que procuram programas de saúde e bem-estar. As Estâncias Termais enfrentam, portanto, uma forte pressão de atualização na contemporaneidade.

O Hospital Termal, pelo seu forte simbolismo e valor identitário e patrimonial, não será propício a grandes alterações. A adaptação às novas técnicas termais representa alterações na estrutura do edifício e levaria à perda do testemunho histórico e físico dessa própria evolução de técnicas e equipamento para a prática terapêutica. Uma nova Unidade Termal, retiraria alguma pressão da instituição matricial, permitindo por um lado o aumento de capacidade de acolhimento de aquistas, por outro a possibilidade de uma maior vertente de pesquisa e mesmo museológica no Hospital Termal. Teríamos então a conciliação das técnicas termais clássicas e do bem-estar, abrangendo um público vasto em termos sociais e etários.

A localização escolhida para esta nova Unidade Termal foi o extremo leste do Parque D. Carlos I, pela sua proximidade com o Hospital Termal e por atualmente representar uma zona pouco qualificada do parque, ocupada por anexos e por um estacionamento à superfície.

O novo edifício termal interliga-se com os Pavilhões do Parque, para onde é proposta uma nova Unidade Hoteleira.

## A NOVA UNIDADE HOTELEIRA

O aumento de procura que este plano proporcionaria à estância, justifica uma nova Unidade Hoteleira. A cidade dispõe de poucas unidades hoteleiras, sendo as existentes de pequena escala e de pouca representatividade urbana. Os Pavilhões do Parque representam, por isso, o lugar ideal para o novo Hotel, por figurarem um ex-libris da cidade, fortemente ligado à prática termal, e pelo seu estado de ruína e localização central no núcleo histórico.

Conseguimos assim a proximidade e inter-relacionamento franco entre os dois novos equipamentos que acabam por reforçar o eixo norte-sul.

### Acessibilidades

Para dar resposta a este novo centro de equipamentos, os sentidos de trânsito nas vias a oeste são repensadas, assim como as que partem do Largo Conde de Fontalva.

Por outro lado, a destruição do parque automóvel à superfície na localização proposta para as novas termas é substituído por um estacionamento enterrado de dois pisos de apoio ao Parque e aos novos equipamentos.

O acesso dos equipamentos termal e hoteleiro são ambos feitos pela Rua Bordalo Pinheiro, embora por entradas distintas, sendo em ambas possível a chegada a partir de norte ou sul.

## 4.2. A UNIDADE TERMAL

Fruto do estudo da história do termalismo e da análise do próprio Hospital Termal, desenvolveu-se um programa para o edifício. Uma vez se tratar de uma zona de forte valor histórico e cultural, foi assumida uma linguagem sóbria, com materiais existentes na envolvente, e que não choca em demasia com o envolvente patrimonial.

Em termos formais, o edifício compõe-se por dois blocos semienterrados correspondentes à prática termal, fornecendo a sua cobertura duas plataformas habitadas. A elas se sobrepõem uma reinterpretação da colunata, referência aos exemplos previamente explorados, onde o “passeio das águas” era feito por este tipo de estrutura. A “colunata” corresponde à ligação das termas ao hotel assim como das zonas de receção.

As suas coberturas funcionam como espaços panorâmicos com vista para o parque, que pela sua repartição em dois, com cotas de 1,20m de diferença permitem a separação física entre utentes do Hotel e das Termas. A plataforma mais elevada é ocupada pela piscina panorâmica da unidade hoteleira e a mais baixa, à mesma cota da praça de entrada pela Rua Rafael Bordalo Pinheiro, é feita a receção da unidade termal e a ligação vertical exterior ao Parque.

O edifício compõe-se então por 3 pisos principais, o da cobertura e receção e os dois pisos de prática termal (aos quais se junta um 4º piso, subterrâneo, apenas de zonas técnicas). Exteriormente é evidenciada a diferença entre os mesmos através da aplicação de diferentes materialidades: a “colunata” é revestida a aço corten, que apresenta uma cor pouco contrastante com o edificado existente e que por um lado transmite modernidade e por outro reflete a passagem do tempo; o piso 1 revestido a lâminas de betão armado com pigmento creme, que confere uma ideia de massa mas que permite a iluminação natural no interior; e o piso 0, o embasamento, revestido a pedra lioz, pedra típica do concelho.

O piso 2 é, portanto, o piso da entrada com uma receção com a função adicional de buvette e partir da qual se fazem os acessos, ao exterior, aos pisos inferiores e à cafetaria.

Os dois pisos inferiores ocupam então os dois blocos originais, destinando-se o piso 1 às zonas administrativas e de tratamentos e atividades que não dependem diretamente da água termal e o piso 0 aos banhos e duches termais.

O piso 2 apresenta dois núcleos verticais, um fechado para funcionários e outro aberto para os visitantes. No piso 1 distribuímos numa segunda receção a norte para as consultas médicas e zonas administrativas e a sul para os balneários e consequentemente para as práticas terapêuticas e lúdicas. Na face oeste do bloco norte desenvolvem-se as atividades físicas do ginásio e da fisioterapia e no bloco sul as massagens e inalações.

Destaca-se no desenho ainda a formação de uma ala central de orientação norte-sul que se relaciona com a planta dos Pavilhões do Parque e que permite a relação visual entre ambos. Esta ala assume-se pela sua escala mais desafogada, reforçada pela existências de duplos pés-direitos em grandes áreas do mesmo.

O piso 0 é o piso húmido, estando a sul colocadas as piscinas de reabilitação com relação visual direta para o Parque e todo o conjunto de duches terapêuticos. No seu bloco mais a norte localizam-se as piscinas lúdicas onde foi criada uma sequência de experiências sensitivas distintas, quer pelas temperaturas de água contrastantes quer pela exploração dos sentidos, permitindo-se a deambulação livre e descoberta própria do lugar. A piscina principal, coberta superiormente por um conjunto de estruturas tubulares suspensas revestidas a azulejo azul, trazem luz com características específicas ao interior e acabam por quebrar a horizontalidade do espaço. Esta piscina interior tem também ligação direta à piscina exterior, apoiada esta última de um bar e zona de solário. A diversidade de escalas e ambiências criadas pretende diferentes níveis de sociabilidade e introspeção, completando-se a terapia física e psicológica fundamental nas unidades termais.



### 4.3. A UNIDADE HOTELEIRA

A nova unidade hoteleira é proposta, como já referido, pelos Pavilhões do Parque. Uma vez se tratar de um edifício que nunca chegou a ser totalmente acabado nem ocupado com as funções a que se destinava, o interior apresenta-se praticamente livre para uma nova intervenção, uma vez que as paredes interiores são paredes em alvenaria ou em pré-fabricados, que apenas foram construídas para albergar algumas funções temporárias e que em nada qualificaram o edifício. Temos portanto, atualmente, um conjunto de paredes exteriores estruturais e em alvenaria de pedra e tijolo-burro e as lajes com estrutura metálica que divide os pisos. Observamos, por isso, uma repartição em três pisos com pés-direitos superiores a 6 metros, tendo o piso térreo ligação direta a oeste com o Parque e o piso 1 ligação a este com uma transversal à Rua Rafael Bordalo Pinheiro, e um quarto piso com pé-direito mais baixo, ocupado pelas mansardas e marcado pelas asnas em madeira de suporte ao telhado.

A composição formal em planta por sua vez é composta por um corpo de distribuição principal com orientação norte-sul a partir do qual saem outros cinco perpendicularmente, dois para leste e três para oeste.

Parte, então, a intervenção desta análise inicial da estrutura pré-existente. Reconhece-se a frente leste do piso 1 como piso de entrada principal, por ser a única que permite uma entrada própria ao empreendimento, o piso 0 como piso das áreas comuns e os restantes pisos destinados aos quartos. Ressalta-se também a escolha de uma estrutura metálica em todas as divisões construídas dentro da estrutura pré-existente pela sua maior leveza.

Com vista à rentabilização do complexo dividiram-se os pisos 1 e 2 em dois, permitindo a duplicação dos quartos, mantendo o duplo pé-direito apenas nos topos desses mesmos pisos. Para a diferenciação do piso acrescentado, ressalta-se a diferença na materialidade, sendo os pavimentos existentes em pedra lioz, e os acrescentados em madeira, e criando-se nos novos pisos um lambrim também ele em madeira que

percorre o perímetro do pavimento e se afasta ligeiramente das paredes exteriores pré-existentes. O eixo central, fica o mais desafogado possível, dando uma melhor ideia da escala do edifício, e é ocupado pelo conjunto de escadarias principais.

O piso 3 das mansardas, alia-se o piso acrescentado inferior, proporcionando o desenvolvimento de quartos em duplex.

O piso 2, destina-se também a quartos, desta vez com um pé-direito simples, destacando-se as suites que rematam os corpos de orientação este-oeste que ocupam o pé-direito original.

No piso 1 temos a receção, feita a partir da já referida colunata, que comunica com o hall central do hotel e distribui a leste para os corpos da zona administrativa e do ginásio, e o oeste para os quartos, dois deles adaptados a mobilidade reduzida. É também a partir da receção que se faz a ligação com as termas e com as piscinas panorâmicas, dispondo de acesso vertical direto ao piso 2 onde se localizam as mesmas.

O piso 0, semienterrado, é ocupado a oeste pelas zonas mais sociais do hotel, como o restaurante, a sala de estar e o bar, cobrindo-se os intervalos dos corpos com uma cobertura envidraçada originando uma sala de pequenos-almoços e um jardim-de-inverno, e a leste, com uma ala destinada ao auditório e outra a parte das zonas de serviço. Essas zonas de serviço, por se localizarem na zona semienterrada, expandem-se para sul, numa zona totalmente enterrada onde se prolongam as atividades de serviços e áreas técnicas.

Num piso -1 localiza-se a cozinha e as suas dependências, estabelecendo comunicações diretas com a zona de serviços do piso 0, com a cozinha e com o núcleo de acessos ao estacionamento onde se fazem as cargas e descargas.

#### 4.4. TABELA DE ÁREAS

	PROGRAMA	PISO	ÁREA (m²)
<b>A.</b>	<b>HOTEL</b>	-1; 0; 1; 1.1; 2; 2.1; 3	14073.1
<b>1.</b>	<b>Áreas Comuns</b>	0; 1; 1.1; 2; 2.1	6554.3
1.1	Recepção	1	345.1
1.2	Sala de Estar	0	244.2
1.3	Jardim de Inverno	0	179.6
1.4	Sala de Pequenos Almoços	0	179.6
1.5	Bar	0	232.7
1.6	Restaurante	0	241.2
1.7	Auditório	0	218.5
1.8	Lobby	0; 1; 1.1; 2; 2.1	2569.4
1.9	Piscina panorâmica	2	2066.7
1.10	Bar da piscina panorâmica	2	188.5
1.11	Ginásio	1	88.8
<b>2.</b>	<b>Serviços Administrativos</b>	1	182.2
2.1	Recepção	1	44.7
2.2	Sala de Reuniões	1	52.9
2.3	Gabinete de direcção	1	22.6
2.4	Gabinete de administração	1	15.1
2.5	Tesouraria	1	15.1
2.6	Arquivo	1	10.6
2.7	Arrumos	1	10.6
2.8	Instalações sanitárias	1	10.6
<b>3.</b>	<b>Apoios</b>	-1; 0; 1; 2	977.2
3.1	Instalações sanitárias recepção	1	35.8
3.2	Instalações sanitárias das zonas comuns	0	53.3
3.3	Instalações sanitárias do auditório	0	30.9
3.4	Instalações sanitárias dos funcionários	0	30.9
3.5	Arrumos do auditório	0	43.2
3.6	Cozinha	-1	186.3
3.7	Armazém de secos	-1	26.9
3.8	Armazém de frios	-1	14.1
3.9	Armazém de congelados	-1	14.1
3.10	Armazém de bebidas	-1	13.7
3.11	Lixo	-1	9.5
3.12	Copa	-1	18.7
3.13	Balneários de apoio à cozinha (x2)	-1	37.1
3.14	Balneários de pessoal (x2)	-1	45.3
3.15	Balneários de apoio à piscina panorâmica (x2)	2	52.3
3.16	Balneários de apoio ao ginásio (x2)	1	127.0

3.17	Sala de pessoal	0	91.3
3.18	Lavandaria e rouparia	0	39.2
3.19	Área técnica	0	96.1
3.20	Gabinete do chefe	-1	11.5
<b>4.</b>	<b>Quartos (x76)</b>	1; 1.1; 2; 2.1; 3	3401.4
4.1	Quartos duplos (x47)	1; 1.1; 2	1380.7
4.2	Quartos adaptados a mobilidade reduzida (x2)	1	83.2
4.3	Quartos em duplex (x19)	2.1; 3	1402.3
4.4	Suites (x8)	1; 2	535.2
<b>5.</b>	<b>Circulações</b>	-1; 0; 1; 1.1; 2; 2.1; 3	2958.0

	PROGRAMA	PISO	ÁREA (m²)
<b>B.</b>	<b>TERMAS</b>	0; 0.1; 1; 2	12 005.4
<b>1.</b>	<b>Áreas Comuns</b>	0; 0.1; 2	2758.5
1.1	Recepção / Buvette	2	255.7
1.2	Cafetaria	2	218.1
1.3	Recepção secundária / Sala de espera	1	221.2
1.4	Praça panorâmica	2	2063.5
<b>2.</b>	<b>Serviços Administrativos</b>	1	173.9
2.1	Consultórios médicos (x4)	1	78.5
2.2	Sala de Reuniões	1	60.0
2.3	Gabinete de direcção	1	17.7
2.4	Gabinete de administração	1	17.7
<b>3.</b>	<b>Apoios</b>	0; 0.1; 1; 2	1537.0
3.1	Instalações sanitárias recepção e cafeteria	2	30.8
3.2	Instalações sanitárias da recepção secundária	1	36.7
3.3	Instalações sanitárias dos banhos termais	0.1	36.7
3.4	Instalações sanitárias dos funcionários	0.1	107.8
3.5	Instalações sanitárias da zona de reab. física	1	47.2
3.6	Instalações sanitárias dos duches termais	0.1	48.9
3.7	Instalações sanitárias da piscina exterior	0.1	22.4
3.8	Arrumos gerais	0; 0.1	152.8
3.9	Bar da piscina exterior	0.1	23.6
3.10	Balneários de pessoal (x2)	0.1	109.4
3.11	Balneários de apoio às termas (x2)	1	339.5
3.12	Sala de pessoal	0	58.3
3.13	Lavandaria e rouparia	0.1	61.3
3.14	Área técnica	0	424.9
3.15	Enfermarias (x2)	1	36.7
<b>4.</b>	<b>Zona de tratamentos</b>	1	550.3

4.1	Salas de Tratamento em casal (x2)	1	131.8
4.2	Salas de Inalações (x2)	1	98.6
4.3	Sala de Irrigações	1	47.8
4.4	Salas de tratamento de beleza (x3)	1	73.1
4.5	Salas de massagens (x6)	1	150.5
4.6	Zonas de relaxamento	1	48.6
<b>5.</b>	<b>Zona de reabilitação física</b>	<b>1</b>	<b>257.9</b>
5.1	Ginásio	1	126.8
5.2	Gabinetes de Fisioterapia	1	87.8
5.3	Zonas de relaxamento	1	43.3
<b>6.</b>	<b>Zona de duches termais</b>	<b>0.1</b>	<b>499.8</b>
6.1	Duche Vichy (x9)	0.1	234.1
6.2	Duche circular (x3)	0.1	81.3
6.3	Duche de agulheta (x6)	0.1	154.2
6.4	Zonas de repouso	0.1	30.2
<b>7.</b>	<b>Zonas de banhos termais</b>	<b>0.1</b>	<b>2326.8</b>
7.1	Salas de imersão individuais (x8)	0.1	245.3
7.2	Piscinas de reabilitação (x2)	0.1	238.1
7.3	Tanque-pedilúvio	0.1	315.2
7.4	Piscina exterior	0.1	362.9
7.5	Zonas de relaxamento	0.1	792.8
7.6	Fonte termal	0.1	30.9
7.7	Duches de pressão	0.1	26.8
7.8	Piscina principal interior	0.1	350.6
7.9	Banho quente	0.1	31.4
7.10	Banho de fragrâncias	0.1	52.2
7.11	Banho frio	0.1	34.3
7.12	Banho de som	0.1	26.1
7.13	Sauna seca	0.1	38.2
7.14	Sauna Húmida	0.1	61.5
7.15	Banho frio exterior	0.1	60.5
<b>8.</b>	<b>Circulações</b>	<b>0; 0.1; 1; 2</b>	<b>3561.2</b>



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após um aprofundamento dos paradigmas associados ao panorama termal, percebemos a sua relevância no contexto histórico das populações e dos lugares. O percurso do termalismo, acompanha a evolução e transformação de costumes da sociedade, passando por momentos de efervescência e por outros de decadência, apoiando-se em novos recursos técnicos e científicos, mas sempre comprovando-se a sua eficiência nas vertentes terapêuticas e lúdicas.

A prática termal adquire verdadeiros rituais que se refletem quer a nível tipológico quer a nível do território, podendo este último assumir diferentes escalas pelas suas especificidades próprias, mas privilegiando sempre a relação com o elemento primordial da água.

O aumento da procura termal nos últimos anos reflete uma possibilidade de desenvolvimento económico dos lugares termais, tornando-se pertinente a discussão do futuro dos mesmos. As propostas de revitalização das estâncias termais refletem a necessidade de um novo paradigma na atividade termal, cada vez mais direccionada ao lazer e ao bem-estar. A cidade termal, como exponencial urbano do lugar termal, surge neste contexto como um dos pontos urgentes da discussão pelo seu potencial afastamento da atividade termal e do espaço verde de evasão ao quotidiano.

Caldas da Rainha surge como a cidade termal de referência a nível nacional e que pelo seu percurso histórico, se distingue mesmo num panorama internacional. Nascida e desenvolvida a partir das termas, muito principalmente em torno do Hospital Termal, esta cidade revela particularidades únicas.

O século XX e a industrialização e crescimento acelerado da

construção, colocaram o sector termal num plano secundário, desprezando o investimento na atividade termal com reflexos no próprio património histórico. Com a recente transferência de direção do património termal para a autarquia de Caldas da Rainha, urge a reabilitação e revitalização dos espaços termais e do próprio sector termal no concelho, que pela sua escala e particularidade pode ter relevância a nível nacional e até mesmo europeu.

Uma intervenção no núcleo termal, deverá permitir um novo tipo de prática termal, mais adaptada à procura contemporânea, preservando contudo os rituais e as memórias do lugar que se pretende mais dinâmico e inclusivo. Estas medidas entendem-se como ponto de partida a um novo percurso da evolução da cidade que se ambiciona mais relacionada com o sector termal e com o respeito pelo manancial das águas.

## 6. FONTES DOCUMENTAIS

AIRES-BARROS, Luís (2005). Introdução. In Caldas da Rainha: património das águas. Caldas da Rainha : Assírio e Alvim. (pp. 9-55)

AIRES-BARROS, Luís (2005). Termalismo e Preservação do Património Cultural e Natural. In Caldas da Rainha: património das águas. Caldas da Rainha : Assírio e Alvim. (pp. 67-79)

BACHELARD, Gaston (1941). L'Eau et les Rêves: Essai sur l'imagination de la matière. Paris: Librairie José Corti.

BARROS, André (2014). O impulso das águas: contributo para a identidade de Caldas da Rainha. Lisboa: Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa; Dissertação de Mestrado em Arquitetura.

CHOAY, Françoise (2015). A Alegoria do Património. Lisboa: Edições 70.

HALBWACHS, Maurice (1997). La Mémoire Collective. Paris: Albin Michel.

LEITE, António Santos; FELICIANO, Ana Marta (2016). Memória, Arquitectura e Projeto - Reflexão e Propostas para uma Reabilitação Sustentada do Património Urbano e Arquitectónico. Lisboa: By the Book.

LYNCH, Kevin (1960). A Imagem da Cidade. Lisboa: Edições 70.

MACHADO, João Saavedra (1993). As Caldas. A fundação do Hospital e da vila pela Rainha D. Leonor. in Terra de Águas: Caldas da Rainha, História e Cultura. Caldas da Rainha: Câmara Municipal de Caldas da Rainha. (pp. 39-76)

MANGORRINHA, Jorge (1993). A Arquitectura caldense no século XVIII. in Terra de Águas: Caldas da Rainha, História e Cultura. Caldas da Rainha: Câmara Municipal de Caldas da Rainha. (pp. 135-171)

MANGORRINHA, Jorge (1999) Pavilhões do Parque - Património e Termalismo nas Caldas da Rainha. Caldas da Rainha: Centro Hospitalar de Caldas da Rainha.

MANGORRINHA, Jorge (2000). O Lugar das Termas. Lisboa: Estúdios Horizonte.

MANGORRINHA, Jorge (2002). À Volta das Termas - Viagens no Espaço e no Tempo. Caldas da Rainha: Nova Galáxia.

MANGORRINHA, Jorge (2006). Portugal e as suas Termas: uma aproximação estratégica. In Jornal Tinta Fresca, Edição nº65 de 20 de Março de 2006. Disponível em: <http://www.tintafresca.net/News/newsdetail.aspx?news=b7534421-e942-4c1c-bc81-f02bb8c40f6b&edition=65> (Consultado a 07/01/2017)

MANGORRINHA, Jorge (2009). A Cidade Termal: Ordenamento do Território e Turismo. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa; Tese de Doutoramento em Urbanismo.

MANGORRINHA, Jorge (2012). O que é uma Cidade Termal? [s.l]: [ed. autor].

MARIZ, Suze (2015). Estâncias Termais Contemporâneas - Os casos de Vidago e Pedras Salgadas. Coimbra: Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra; Dissertação de Mestrado em Arquitetura.

MARTINS, Maria Teresa (2009). Aglomerados Termais Portugueses - Proveitos da sua revitalização na competitividade urbana. Porto: Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto; Tese de Mestrado em Engenharia Civil.

MOLDOVEANU, Mihail (1999). Ciudades Termales en Europa. Barcelona: Lunwerg Editores.

MONTEO, Belén; BROCK, Jeff (2011). Banhos Termais de Tibério (Panticosa Resort). In Arquitectura Ibérica nº37 Hotéis, Outubro de 2011. Sintra: Caleidoscópio.

MONEO, Rafael (2011). Panticosa Resort - Grande Hotel, Hotel Continental. In *Arquitectura Ibérica* nº37 Hotéis, Outubro de 2011. Sintra: Caleidoscópio.

MOURA, Dulce, GUERRA, Isabel, SEIXAS, João, FREITAS, Maria João (2006). A Revitalização Urbana - Contributo para a Definição de um Conceito Operativo, Cidades- Comunidades e Territórios, Dezembro 2006, nº 12/13, *Dinâmia' CET-IUL*. Disponível em : [https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/3428/1/Cidades2006-12-13\\_Moura\\_al.pdf](https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/3428/1/Cidades2006-12-13_Moura_al.pdf) (Consultado a 25/11/2016)

ORTIGÃO, Ramalho (1875). *Banhos de Caldas e Aguas Mineraes*. Porto: De Magalhães e Moniz Editores.

PINTO, Helena Gonçalves; MANGORRINHA, Jorge; VINAGRE, Valter (2003). *Álbum das Termas na Colecção do Centro Português de Fotografia*. Lisboa: Assírio e Alvim

PINTO, Helena Gonçalves (2005) . O «Passear as Águas», uma história da mata e do parque das Caldas da Rainha. In *Caldas da Rainha: património das águas*. Caldas da Rainha : Assírio e Alvim. (pp. 199 - 221)

PINTO, Helena Gonçalves ; MANGORRINHA, Jorge (2005). O Programa e a arquitectura Termal. In *Caldas da Rainha: património das águas*. Caldas da Rainha: Assírio e Alvim. (pp. 135 -197)

PINTO, Helena Gonçalves; MANGORRINHA, Jorge (2009). *O Desenho das Termas - História da Arquitectura Termal Portuguesa*. Lisboa: Direcção Geral da Energia e Geologia, 1ª Edição.

PINTO, Helena Gonçalves (2015). *A Cura e a Arquitectura - História da Arquitectura Hospitalar Portuguesa na Época Contemporânea- Da Programação à Tipologia Arquitectónica*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa; Tese de Doutoramento em Arquitectura.

RAMOS, Adília (2005). *O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística*. Aveiro: Departamento



de Economia, Gestão e Engenharia Industrial da Universidade de Aveiro;  
Tese de Doutoramento em Turismo

RODRIGUES, Donizete, Património Cultural, Memória Social e Identidade: uma abordagem antropológica, UBI museum n.01, Universidade da Beira Interior. Disponível em: <http://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/docs/ubimuseum-n01-pdf/CS3-rodrigues-donizete-patrimonio-cultural-memoria-social-identidade-uma%20abordagem-antropologica.pdf>  
(Consultado a 22/11/2015)

RODRIGUES, Rui Paulo (2011). Estância Termal - Espaço Verde Termal: Catalisador urbano de Caldas da Rainha. Coimbra: Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra; Dissertação de Mestrado em Arquitetura.

SERRA, João B. (1993). Caldas da Rainha um século atrás: Cronologia do ano caldense de 1892. In Terra de Águas: Caldas da Rainha, História e Cultura. Caldas da Rainha: Câmara Municipal de Caldas da Rainha. (pp.345-367)

SERRA, João B.(1995). Introdução à História de Caldas da Rainha. Lisboa: Caminho.

SERRA, João B. (2005). Percurso de Cidade com Termas. In Caldas da Rainha: património das águas. Caldas da Rainha: Assírio e Alvim. (pp. 107 -121)

SOUSA, Ivo Carneiro (2005). Um Hospital do *Populus*. In Caldas da Rainha: património das águas. Caldas da Rainha: Assírio e Alvim. (pp. 81 -97)

TRANCOSO, Vasco (2005). O Relançamento do Termalismo Caldense na Actualidade.In Caldas da Rainha: património das águas. Caldas da Rainha: Assírio e Alvim. (pp. 292 -297)

ZUMTHOR, Peter; BINET, Hélène (1999). Peter Zumthor Works, Buildings and Projects 1979-1997. Basel: Birkhäuser.

## **7. ANEXOS**

## 7.1. REGISTOS FOTOGRÁFICOS

Vistas aéreas da Zona de Intervenção (no final da década de 1920 e na atualidade, respetivamente).





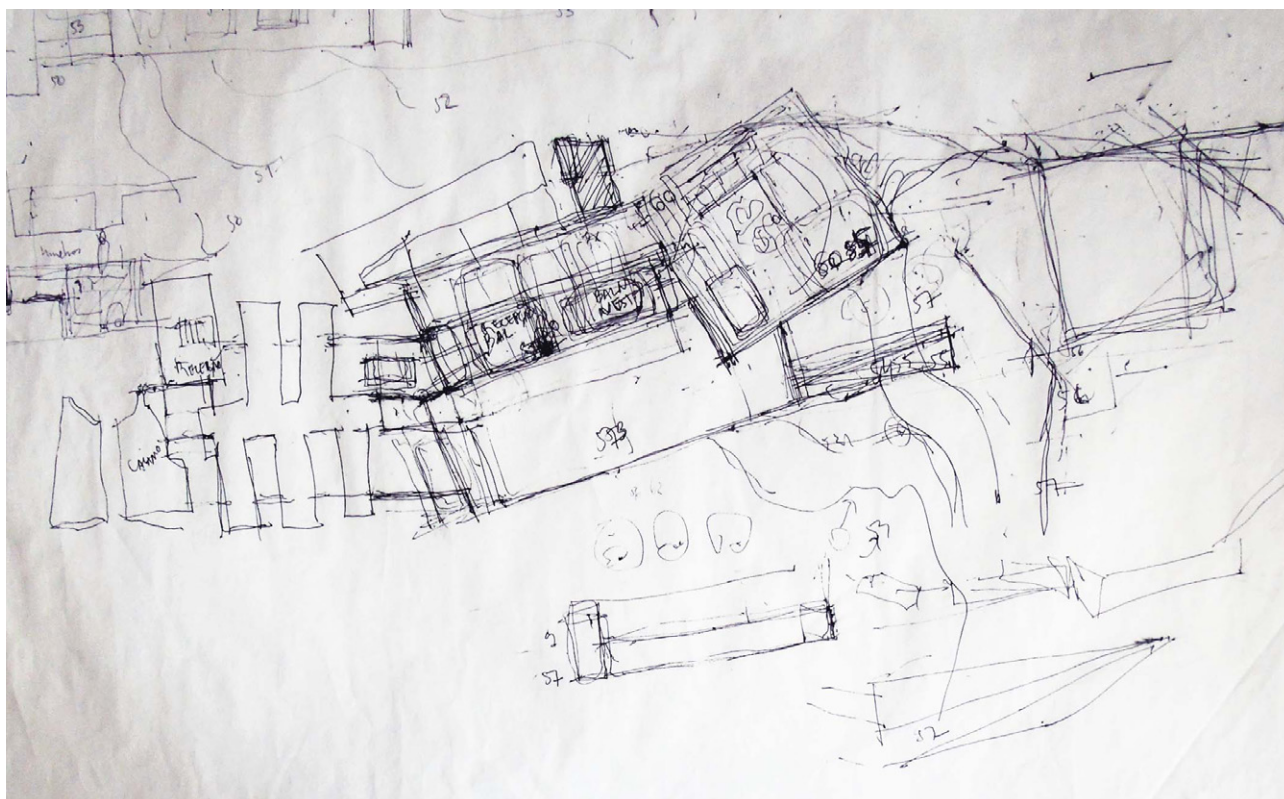
### Registos fotográficos do local



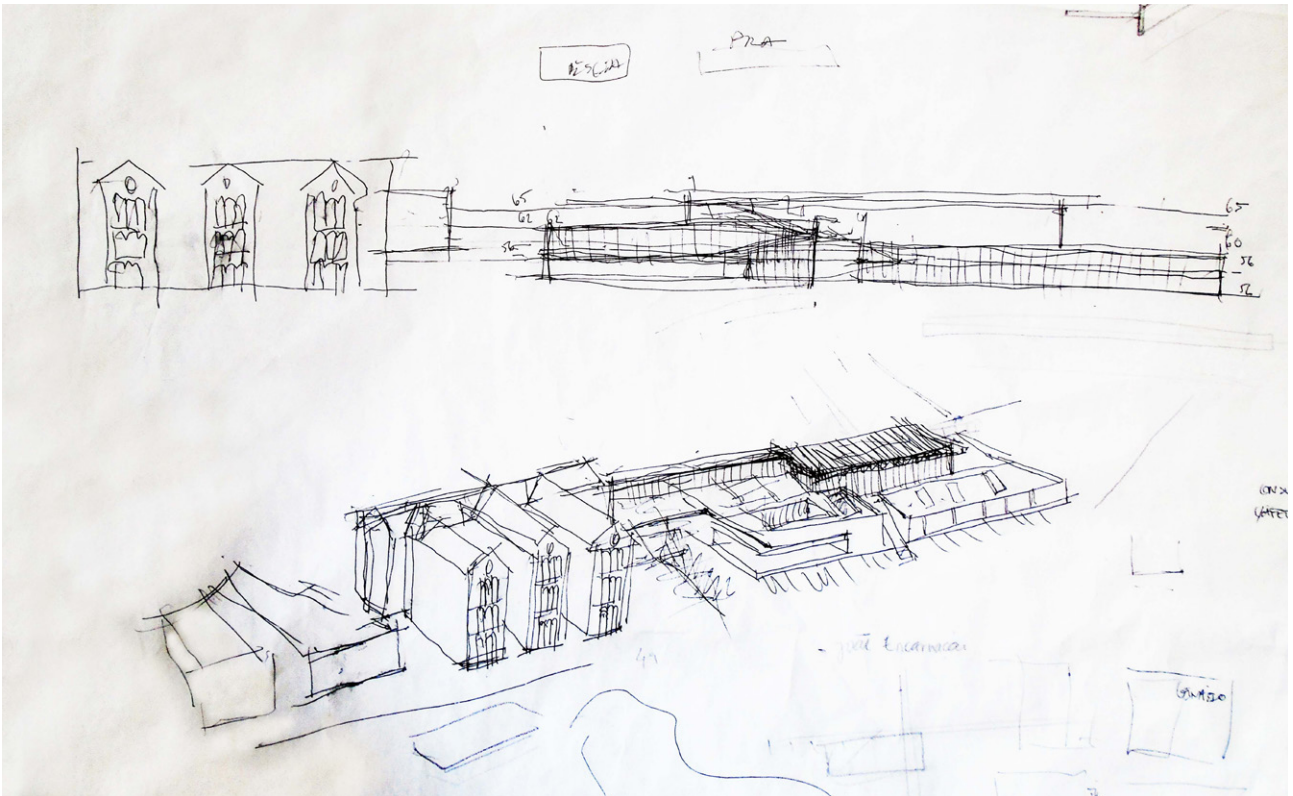
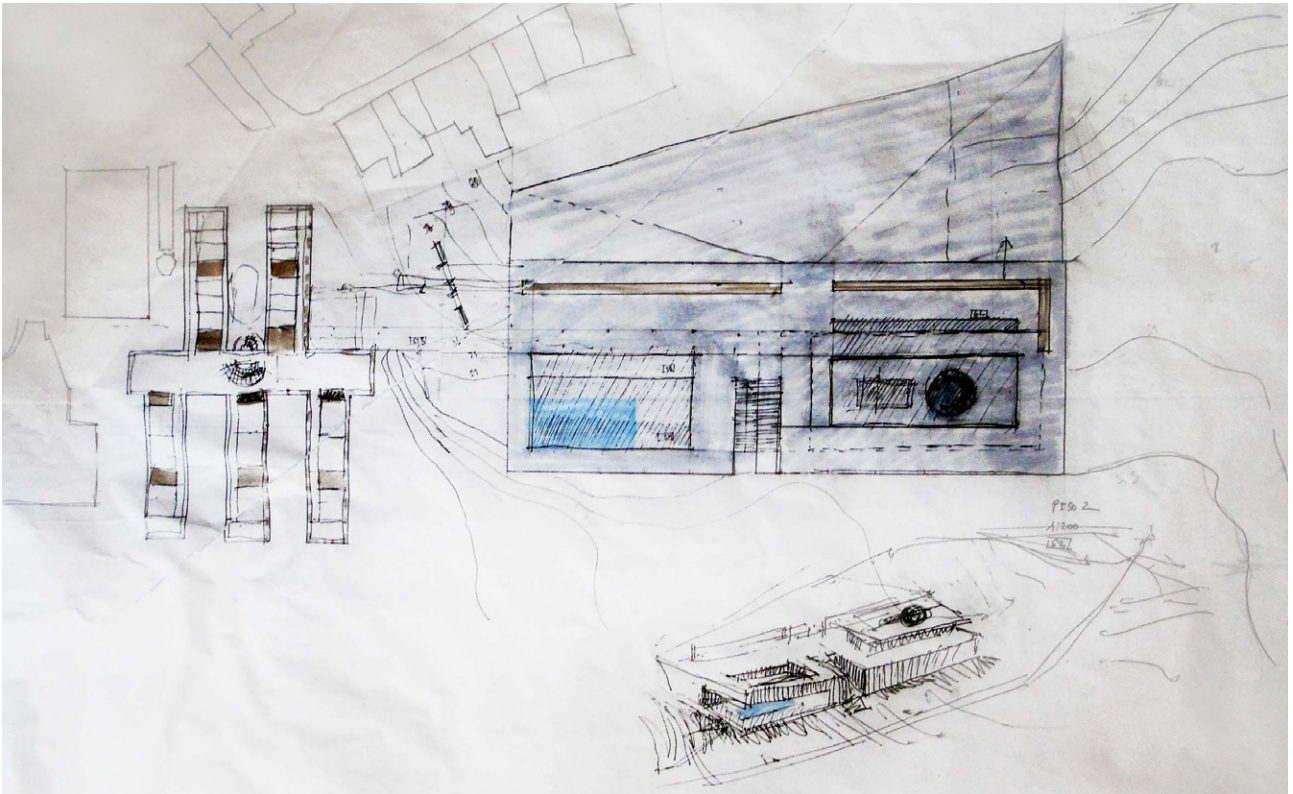




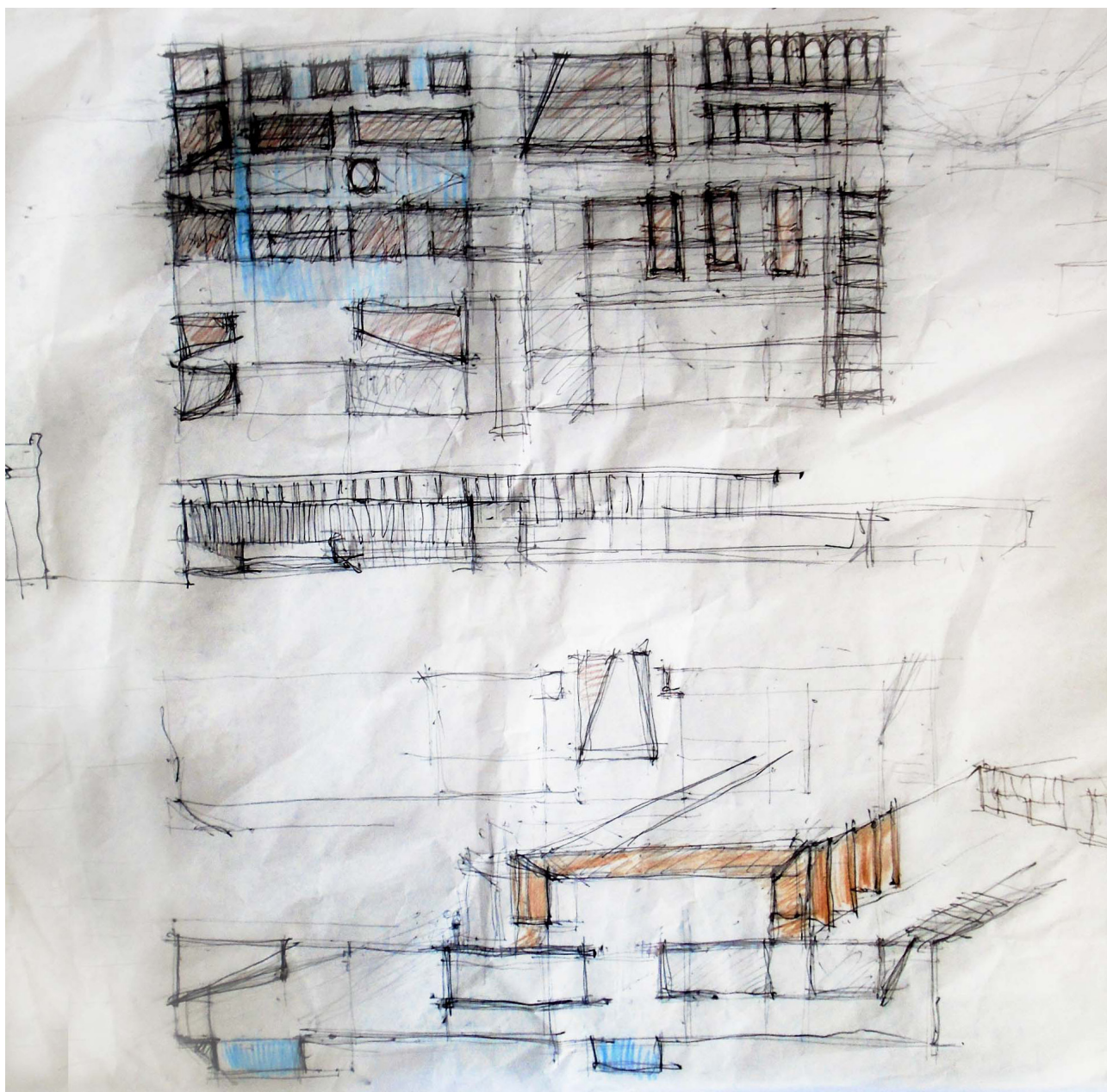
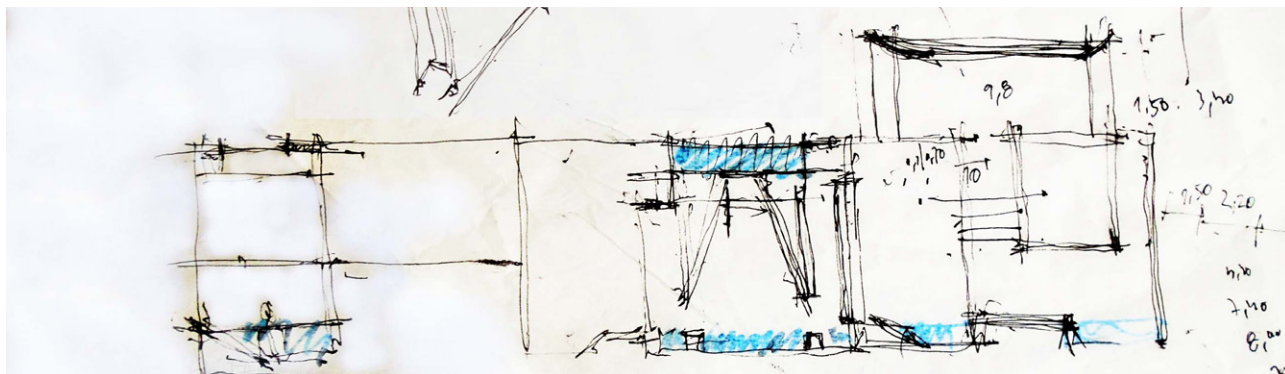
## 7.2. ESBOÇOS



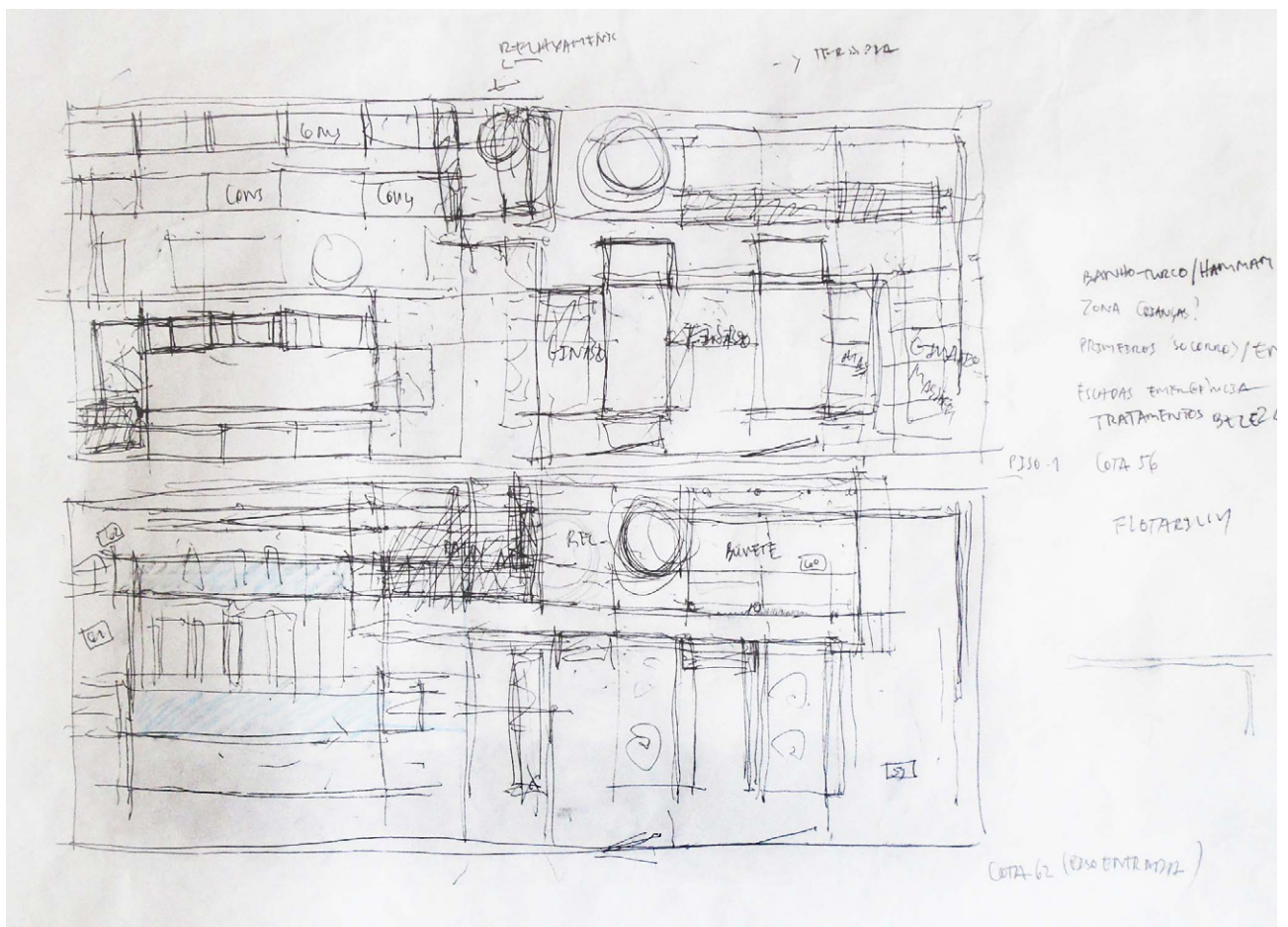
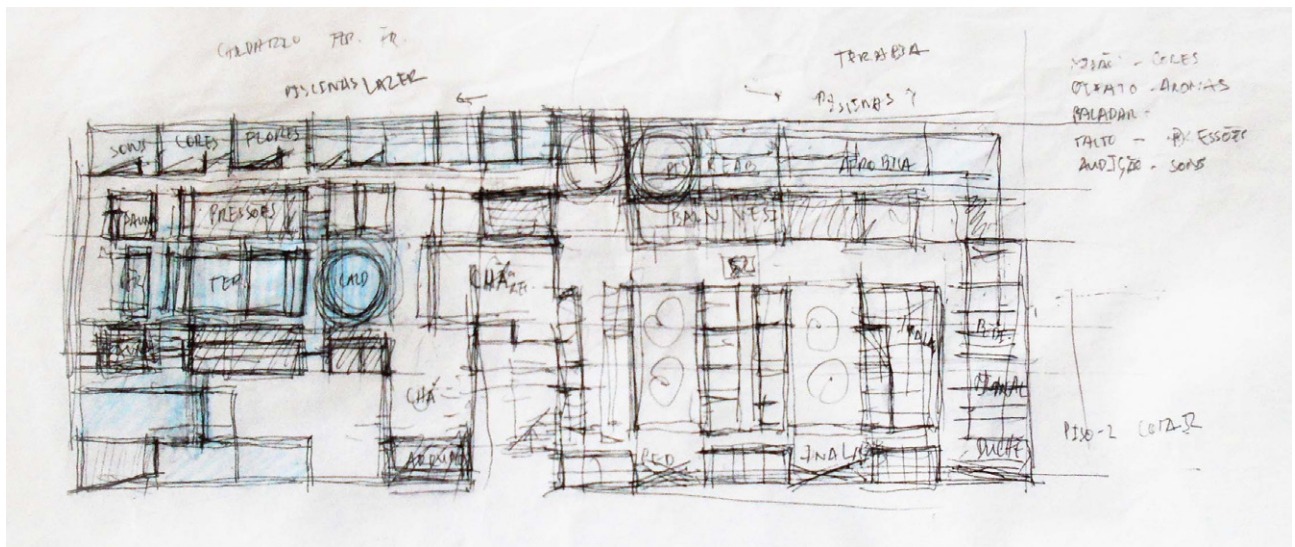


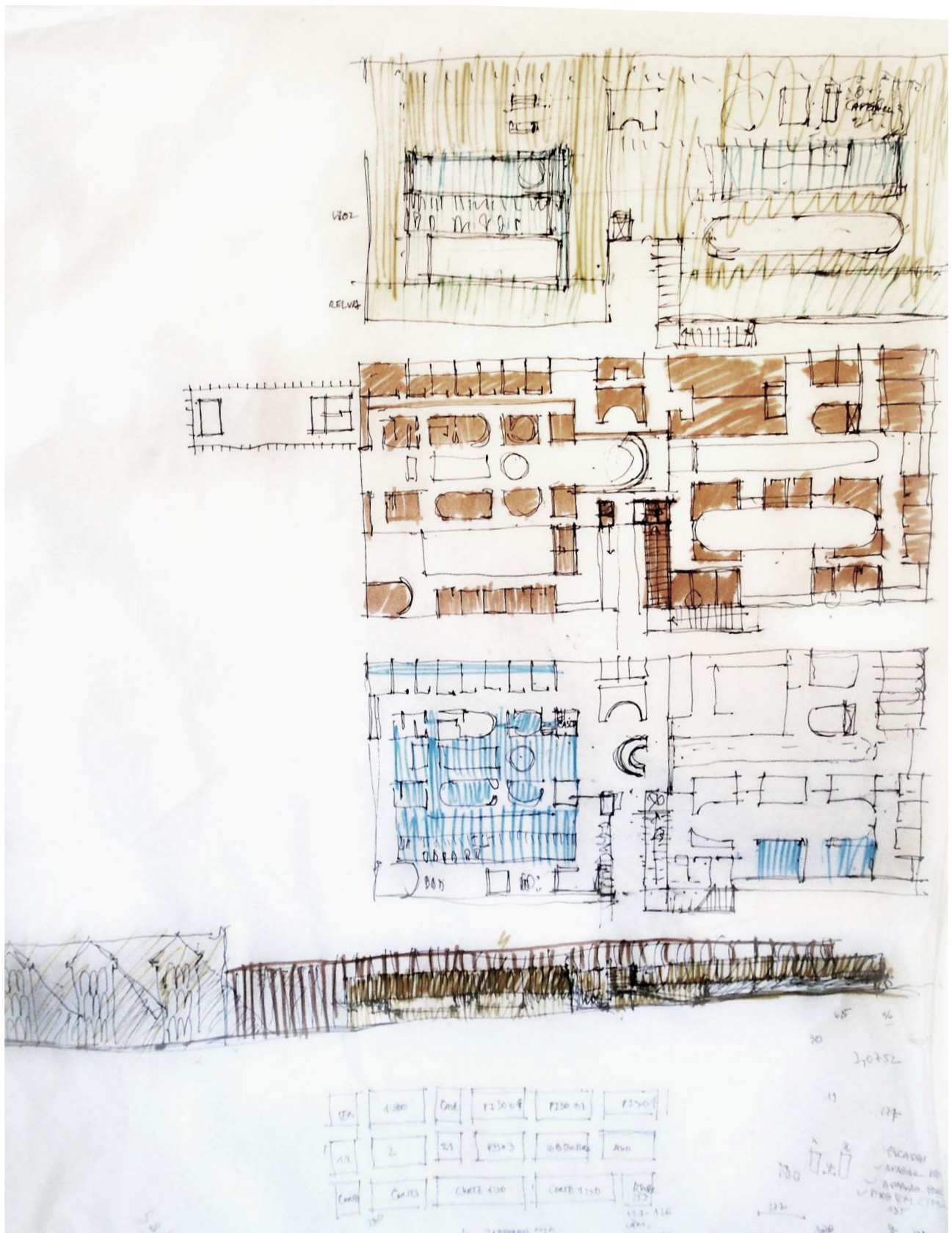




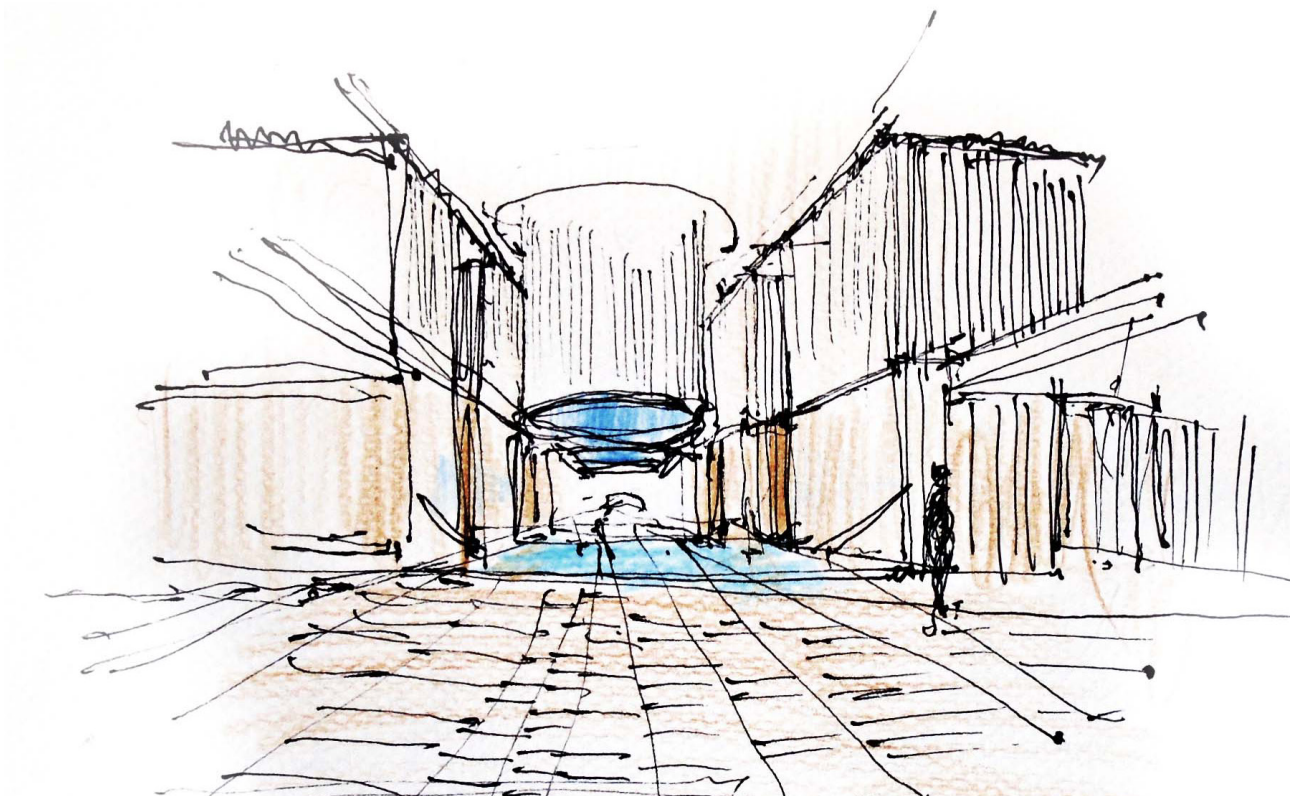
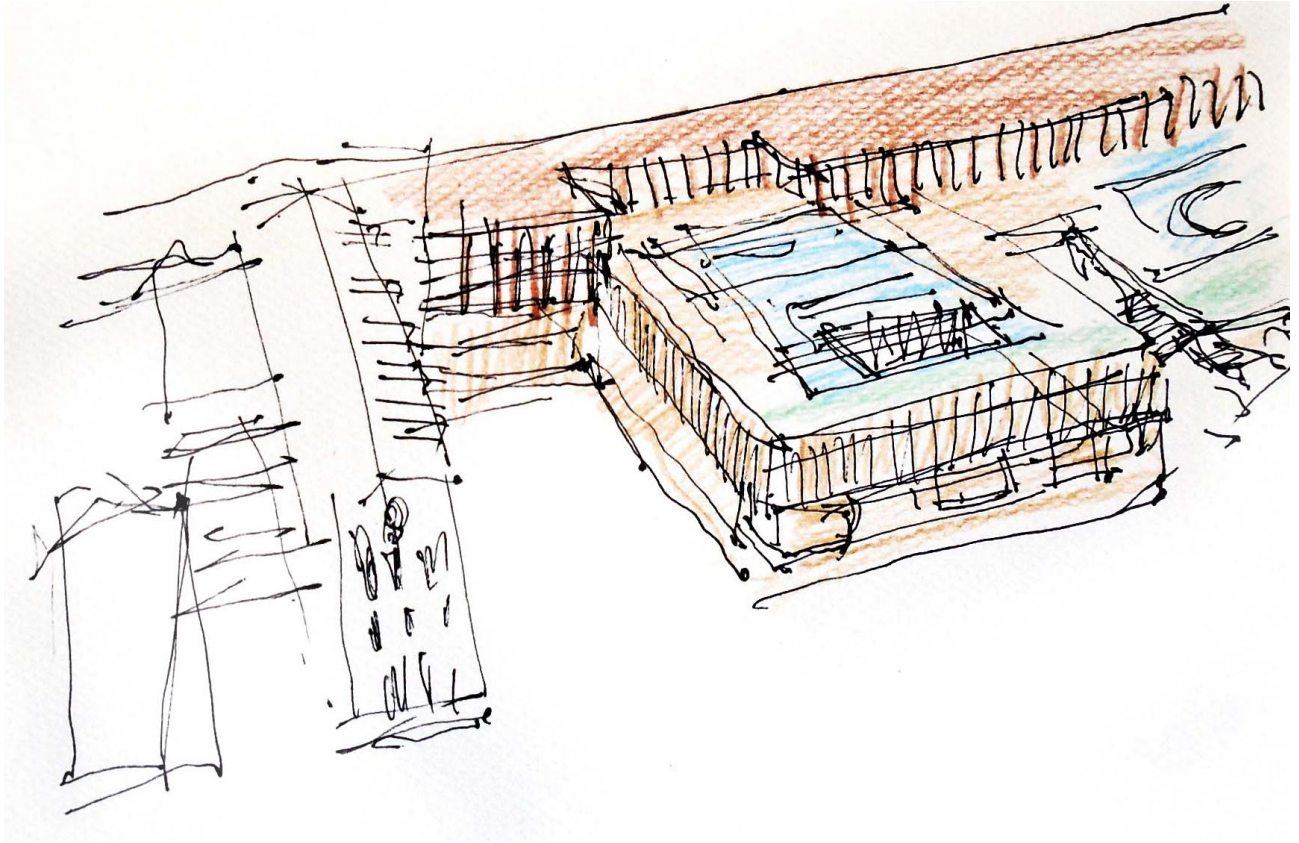






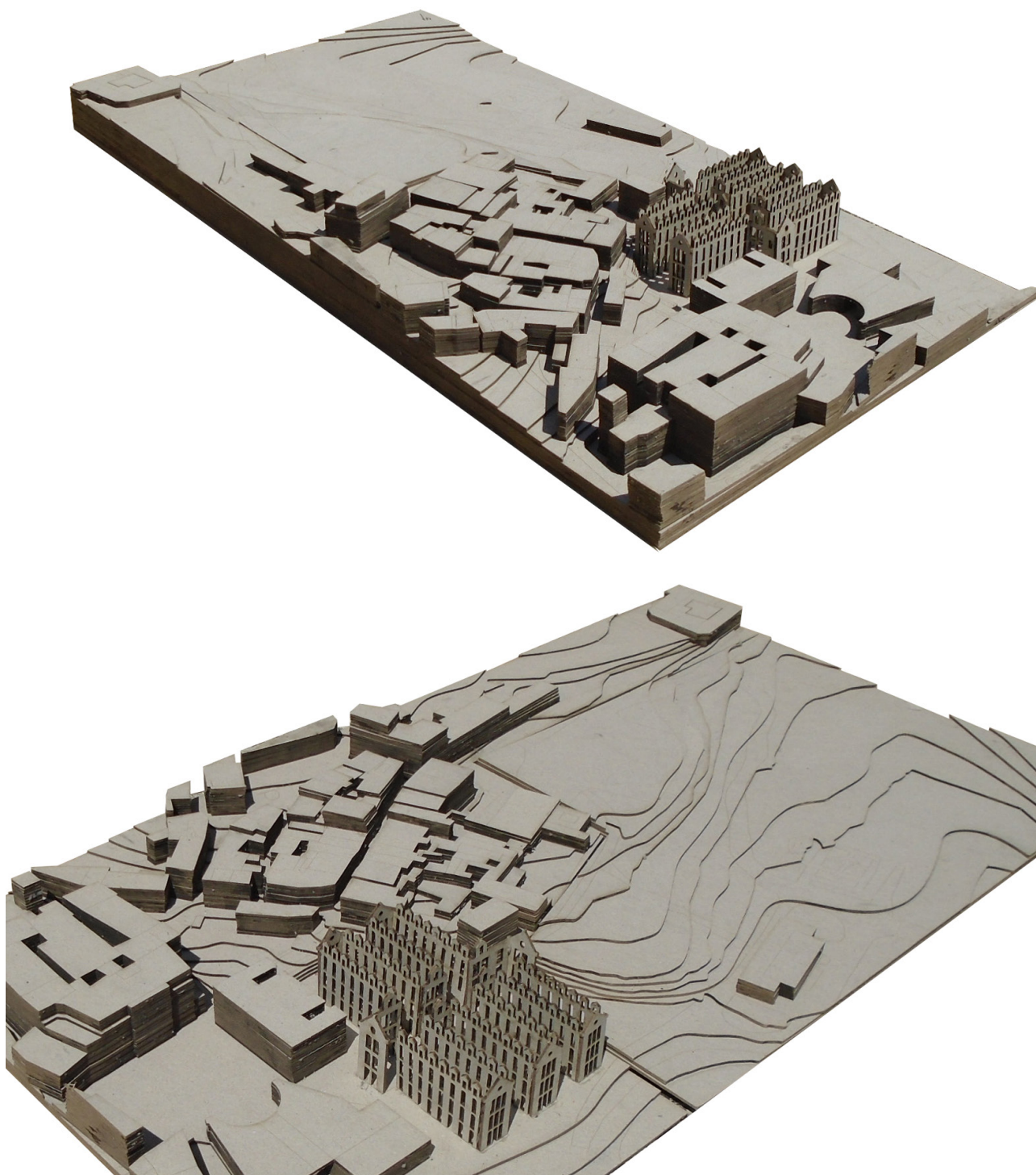




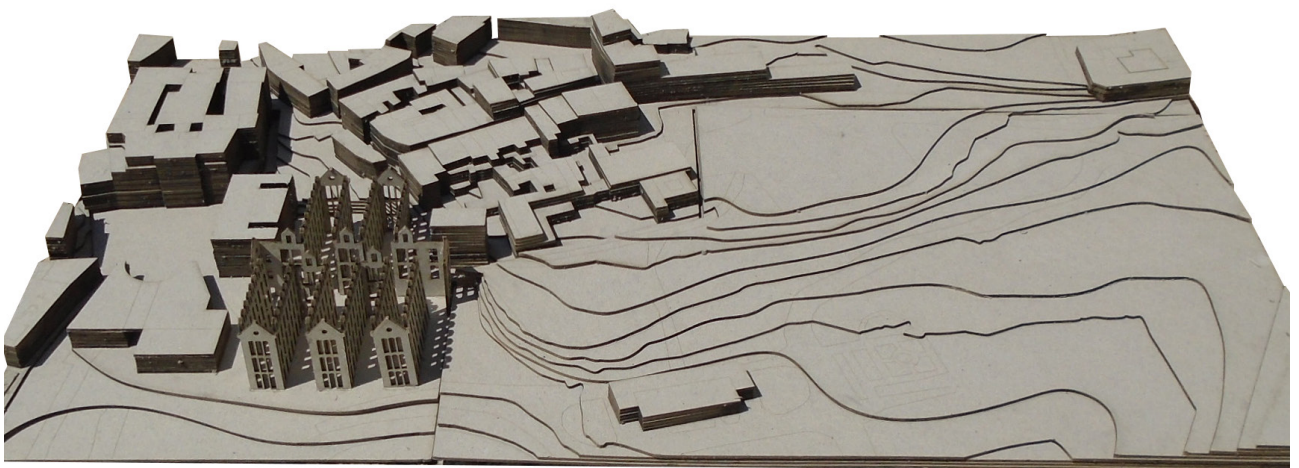
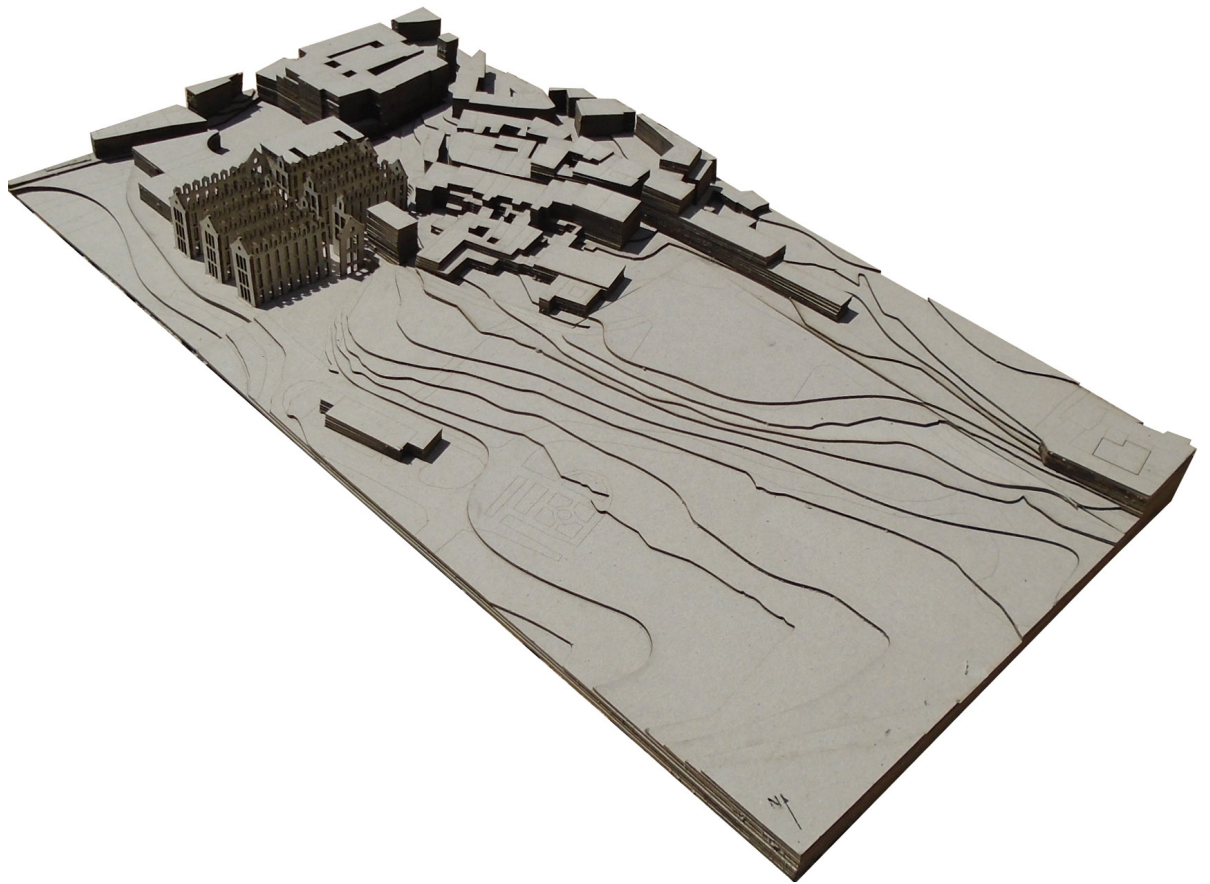


### 7.3. MODELOS

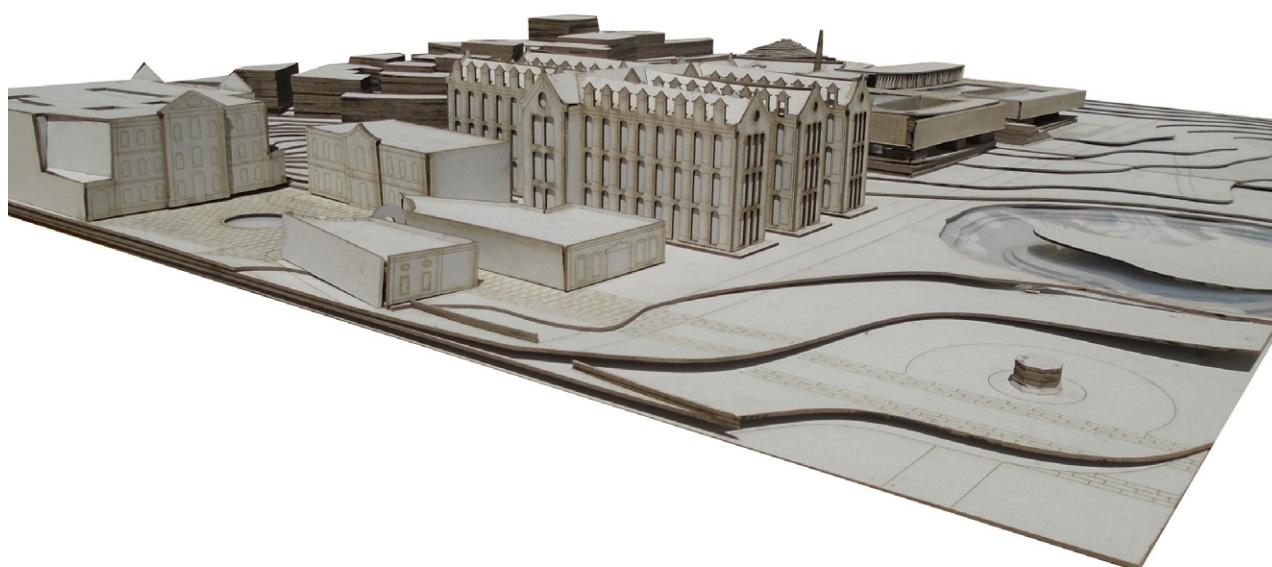
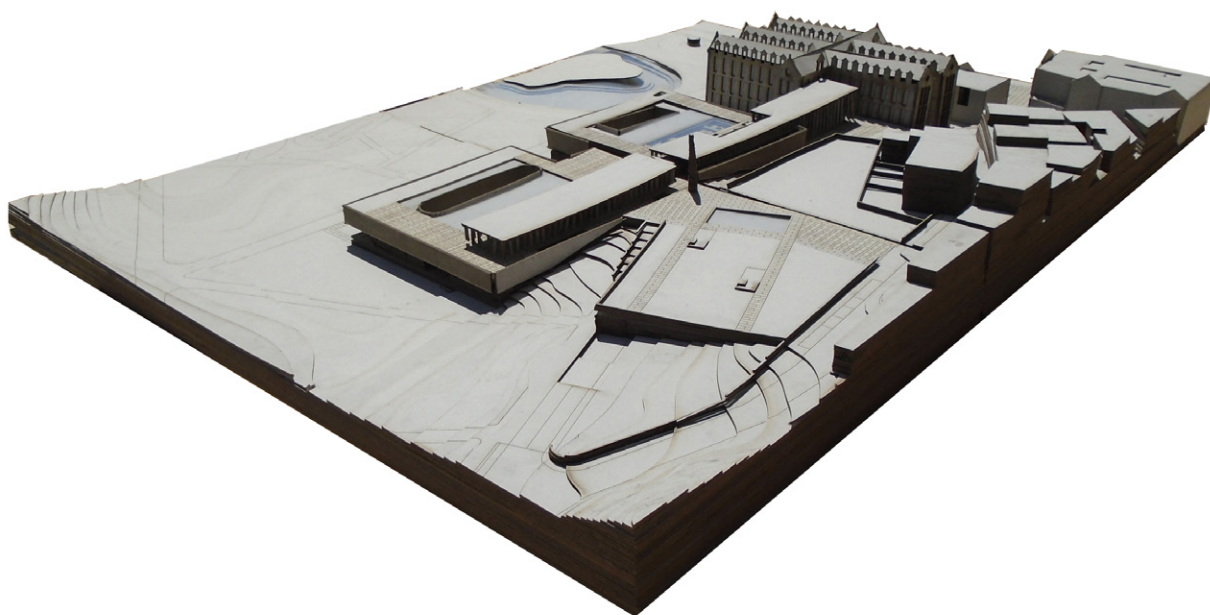
#### Modelo das pré-existências



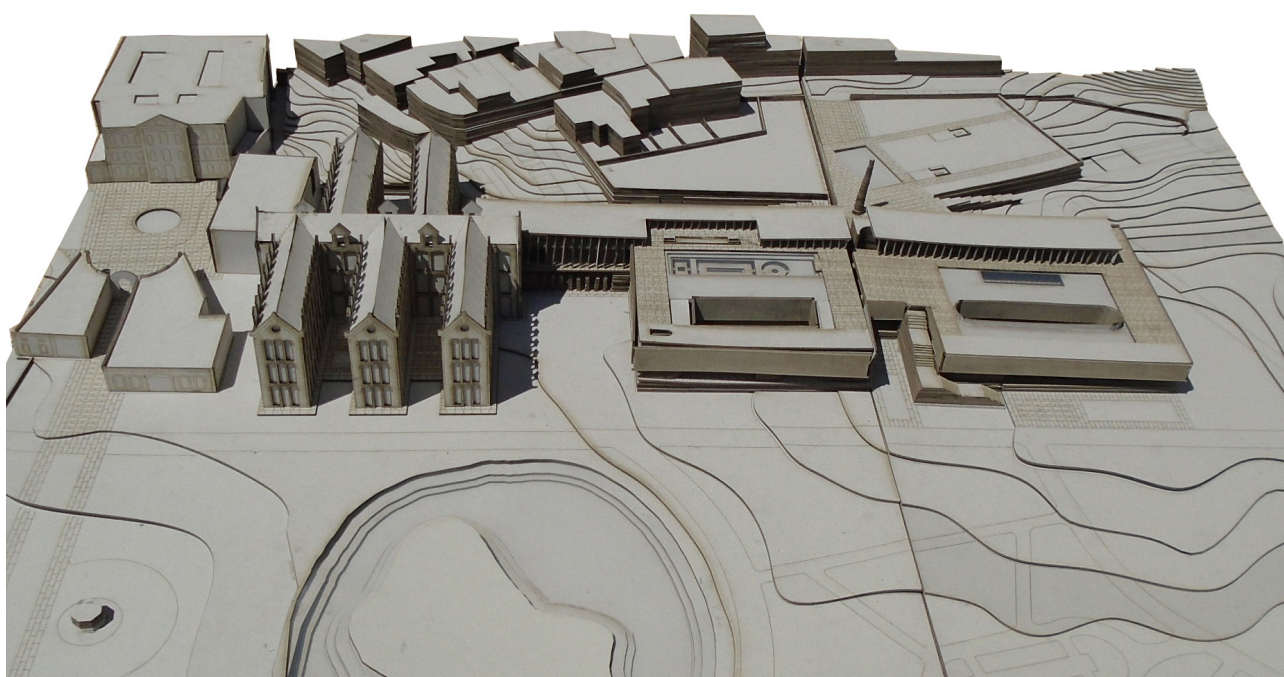
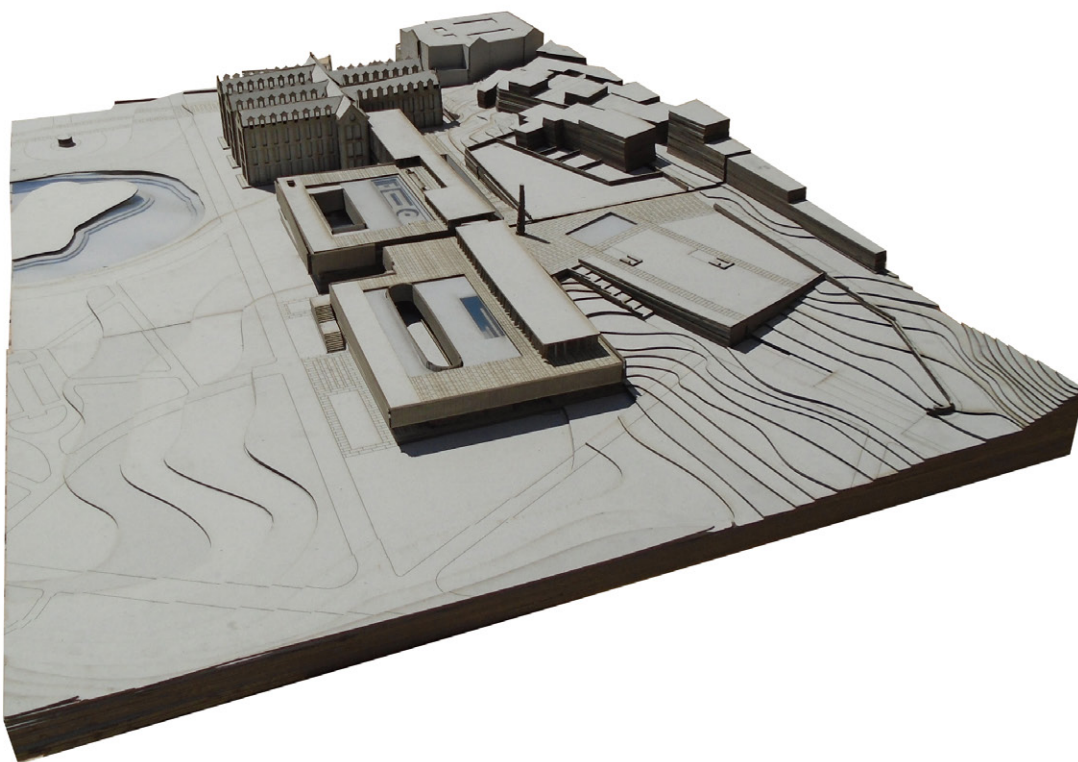




### Modelo do Projeto Final











#### **7.4. APRESENTAÇÃO GRÁFICA DO PROJETO FINAL**





LEGENDA: 01- Centro Hospitalar Centro Norte | 02- Mata Rainha D. Leonor | 03- Museu do Hospital Termal | 04- Hospital Termal | 05- Pavilhões do Parque | 06- Praça da República | 07- Ermida de São Sebastião | 08- Ermida do Espírito Santo | 09- Fábrica/Museu Rafael Bordalo Pinheiro | 10- Parque D. Carlos I | 11- Largo Conde de Fontalba

Eixo de Saúde
 Eixo Histórico
 Vias Principais
 Vias Secundárias



## DAS TERMAS À CIDADE

UMA PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO DO NÚCLEO TERMAL DE CALDAS DA RAINHA

ANDRÉ DIOGO MATEUS VENTURA | PROJETO DE FINAL DE MESTRADO | UL- FACULDADE DE ARQUITETURA  
ORIENTAÇÃO: DOUTOR ARQ. ANTÓNIO MIGUEL LEITE E DOUTORA ARQ. ANA MARTA FELICIANO

P.01

PLANTA DE ENQUADRAMENTO | 1:1000 | VISTA DA PRAÇA RAINHA D. LEONOR





**DAS TERMAS À CIDADE**

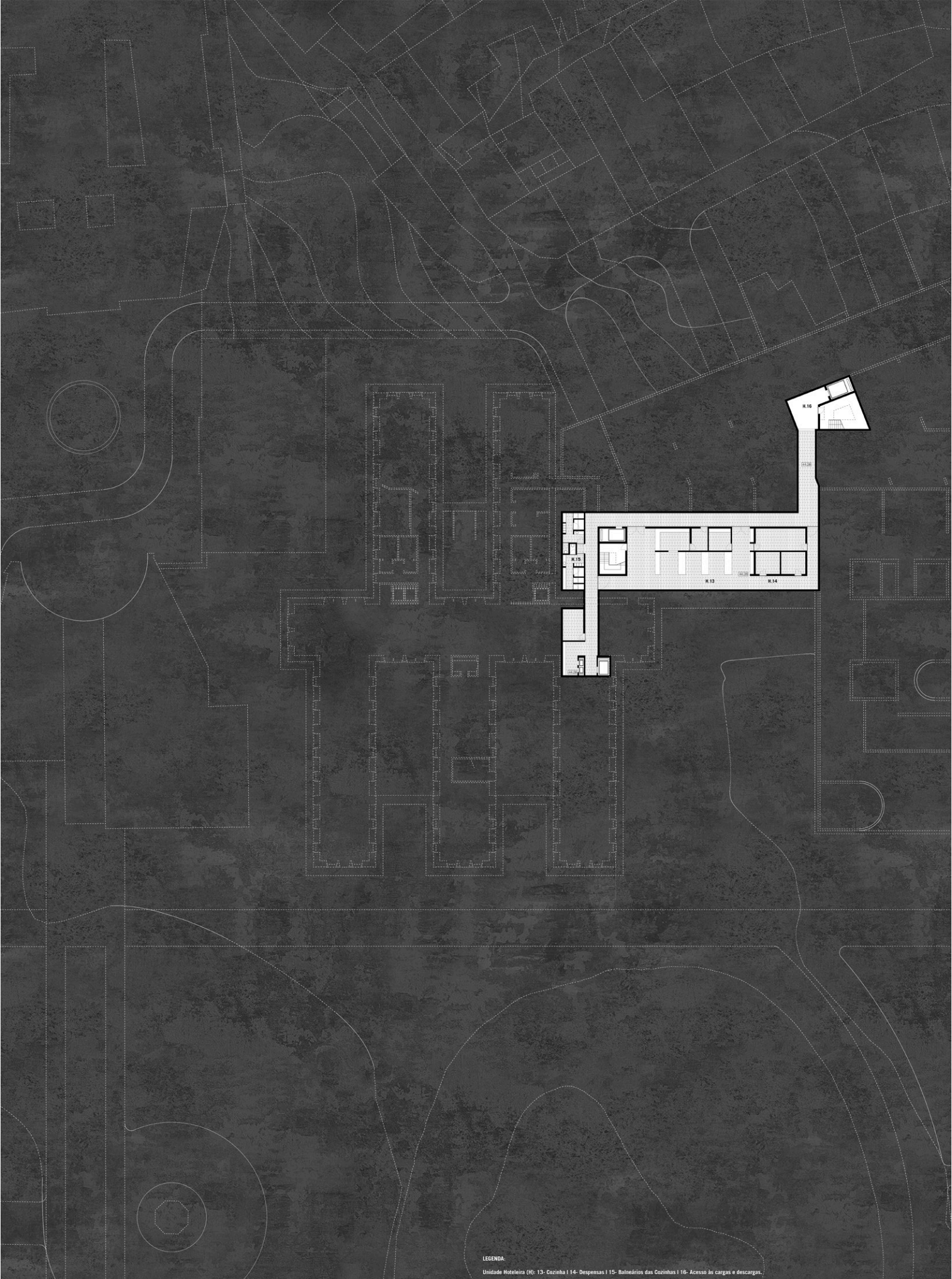
UMA PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO DO NÚCLEO TERMAL DE CALDAS DA RAINHA

ANDRÉ DIOGO MATEUS VENTURA | PROJETO DE FINAL DE MESTRADO | UL - FACULDADE DE ARQUITETURA  
ORIENTAÇÃO: DOUTOR ARQ. ANTÓNIO MIGUEL LEITE E DOUTORA ARQ. ANA MARTA FELICIANO

**LEGENDA:**

01 - Hospital Termal | 02 - Centro Recreativo e Cultural (antigo Balneário Novo) | 03 - Casa de Vidro | 04 - Pavilhões do Parque (nova Unidade Hotelaria) | 05 - Nova Unidade Termal | 06 - Estacionamento subterrâneo | 07 - Pavilhão-Restaurante | 08 - Casa dos Barcos | 09 - Museu Malhoa | 10 - Aluguer de Bicicletas | 11 - Campos de Ténis





LEGENDA

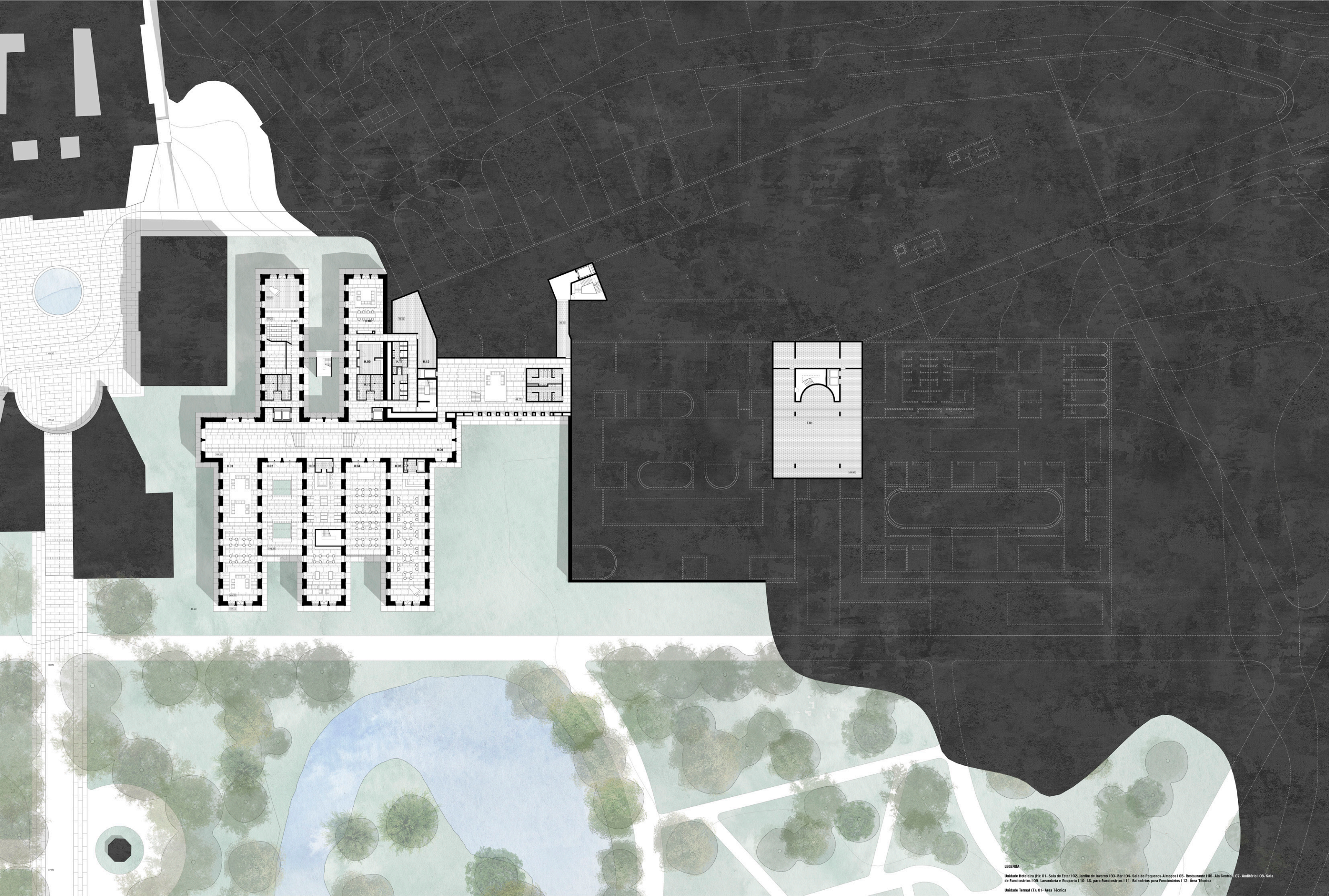
Unidade Hoteleira (H): 13- Cozinha | 14- Despensas | 15- Banheiros das Cozinhas | 16- Acesso às cargas e descargas.

**DAS TERMAS À CIDADE**

UMA PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO DO NÚCLEO TERMAL DE CALDAS DA RAINHA

ANDRÉ DIOGO MATEUS VENTURA | PROJETO DE FINAL DE MESTRADO | UL- FACULDADE DE ARQUITETURA  
ORIENTAÇÃO: DOUTOR ARQ. ANTÓNIO MIGUEL LEITE E DOUTORA ARQ. ANA MARTA FELICIANO





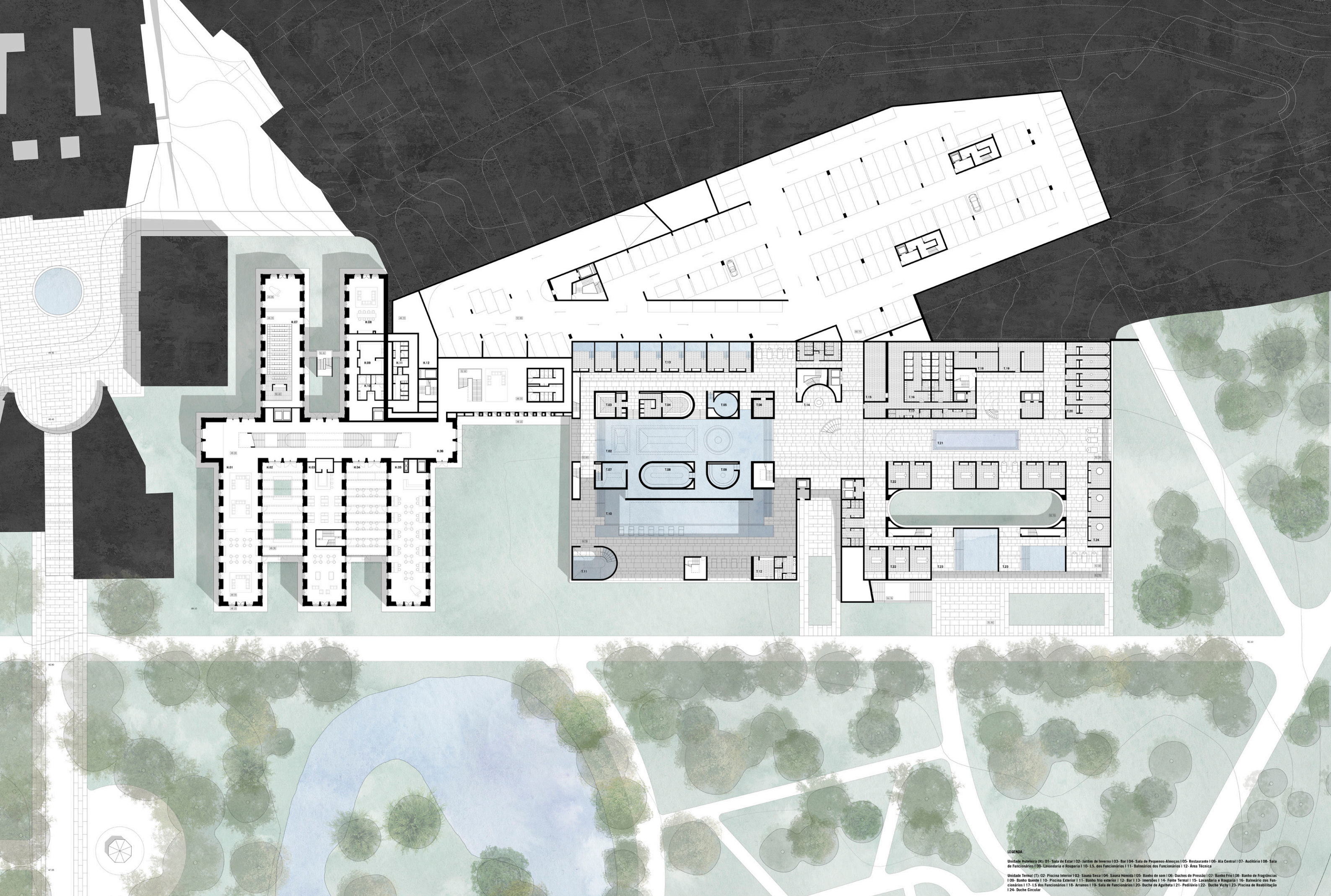
# DAS TERMAS À CIDADE

UMA PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO DO NÚCLEO TERMAL DE CALDAS DA RAINHA

ANDRÉ DIOGO MATEUS VENTURA | PROJETO DE FINAL DE MESTRADO | U.L. - FACULDADE DE ARQUITETURA  
ORIENTAÇÃO: DOUTOR ARQ. ANTÓNIO MIGUEL LEITE E DOUTORA ARQ. ANA MARTA FELICIANO

LEGENDA:  
Unidade Hotelaria (H): 01 - Sala de Estar / 02 - Jardim de Inverno / 03 - Bar / 04 - Sala de Pequenos-Almoços / 05 - Restaurante / 06 - Ala Central / 07 - Auditório / 08 - Sala de Funcionários / 09 - Lavandaria e Rouparia / 10 - L.S. para Funcionários / 11 - Balneários para Funcionários / 12 - Área Técnica  
Unidade Termal (T): 01 - Área Técnica





## DAS TERMAS À CIDADE

UMA PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO DO NÚCLEO TERMAL DE CALDAS DA RAINHA

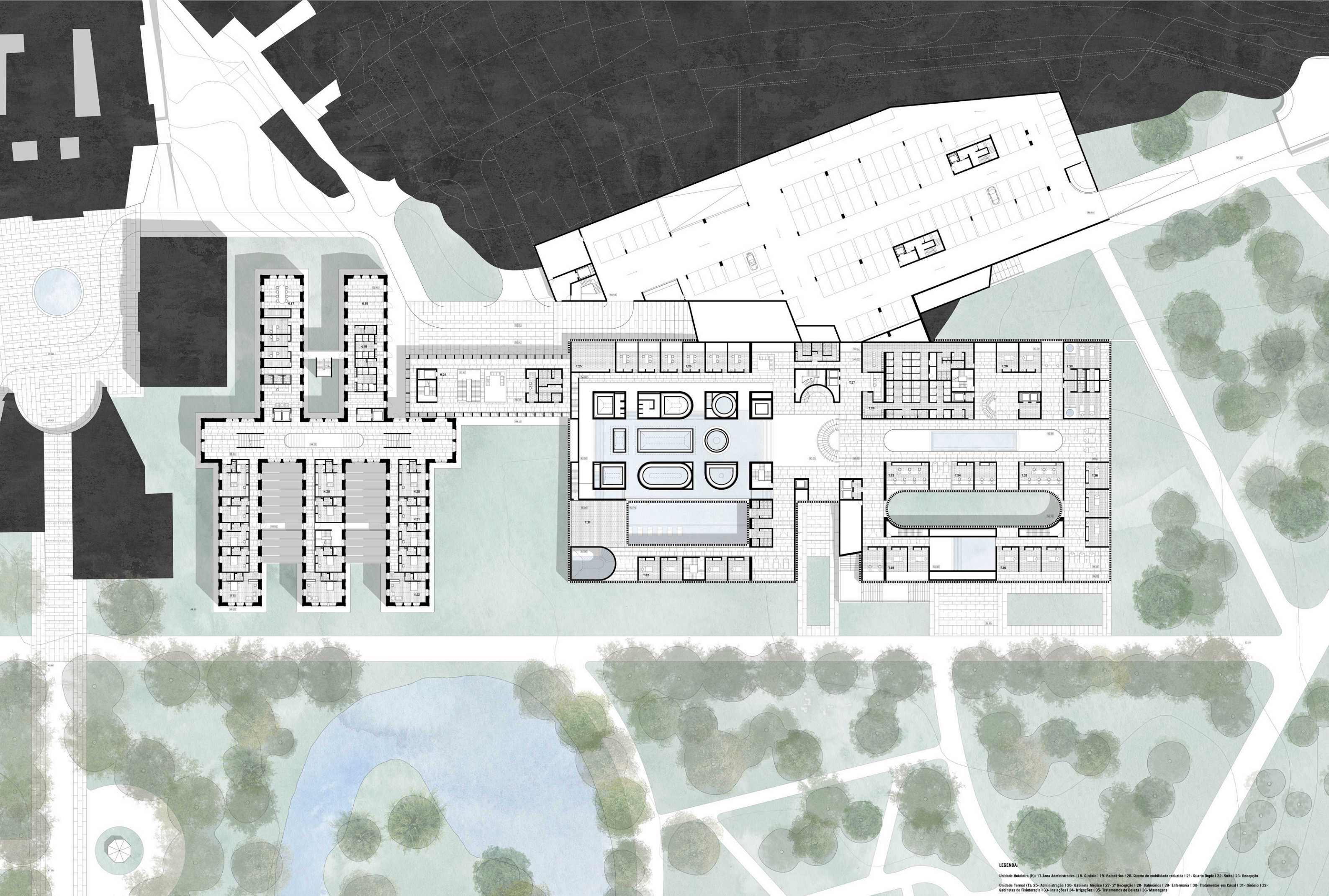
ANDRÉ DIOGO MATEUS VENTURA | PROJETO DE FINAL DE MESTRADO | UL - FACULDADE DE ARQUITETURA  
ORIENTAÇÃO: DOUTOR ARQ. ANTÔNIO MIGUEL LEITE E DOUTORA ARQ. ANA MARTA FELICIANO

### LEGENDA

Unidade Hotelaria (H): 01- Sala de Estar | 02- Jardim de Inverno | 03- Bar | 04- Sala de Pequenos-Almoços | 05- Restaurante | 06- Ala Central | 07- Auditório | 08- Sala de Funcionários | 09- Lavandaria e Rouparia | 10- L.S. dos Funcionários | 11- Balneários dos Funcionários | 12- Área Técnica

Unidade Termal (T): 02- Piscina Interior | 03- Sauna Seca | 04- Sauna Úmida | 05- Banho de som | 06- Duches de Pressão | 07- Banho Frio | 08- Banho de Fragrâncias | 09- Banho Quente | 10- Piscina Exterior | 11- Banho frio exterior | 12- Bar | 13- Imersões | 14- Fonte Termal | 15- Lavandaria e Rouparia | 16- Balneário dos Funcionários | 17- L.S. dos Funcionários | 18- Arrumos | 19- Sala de Funcionários | 20- Duche de Agulheta | 21- Pedilúvio | 22- Duche Vichy | 23- Piscina de Reabilitação | 24- Duche Circular





**DAS TERMAS À CIDADE**

UMA PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO DO NÚCLEO TERMAL DE CALDAS DA RAINHA

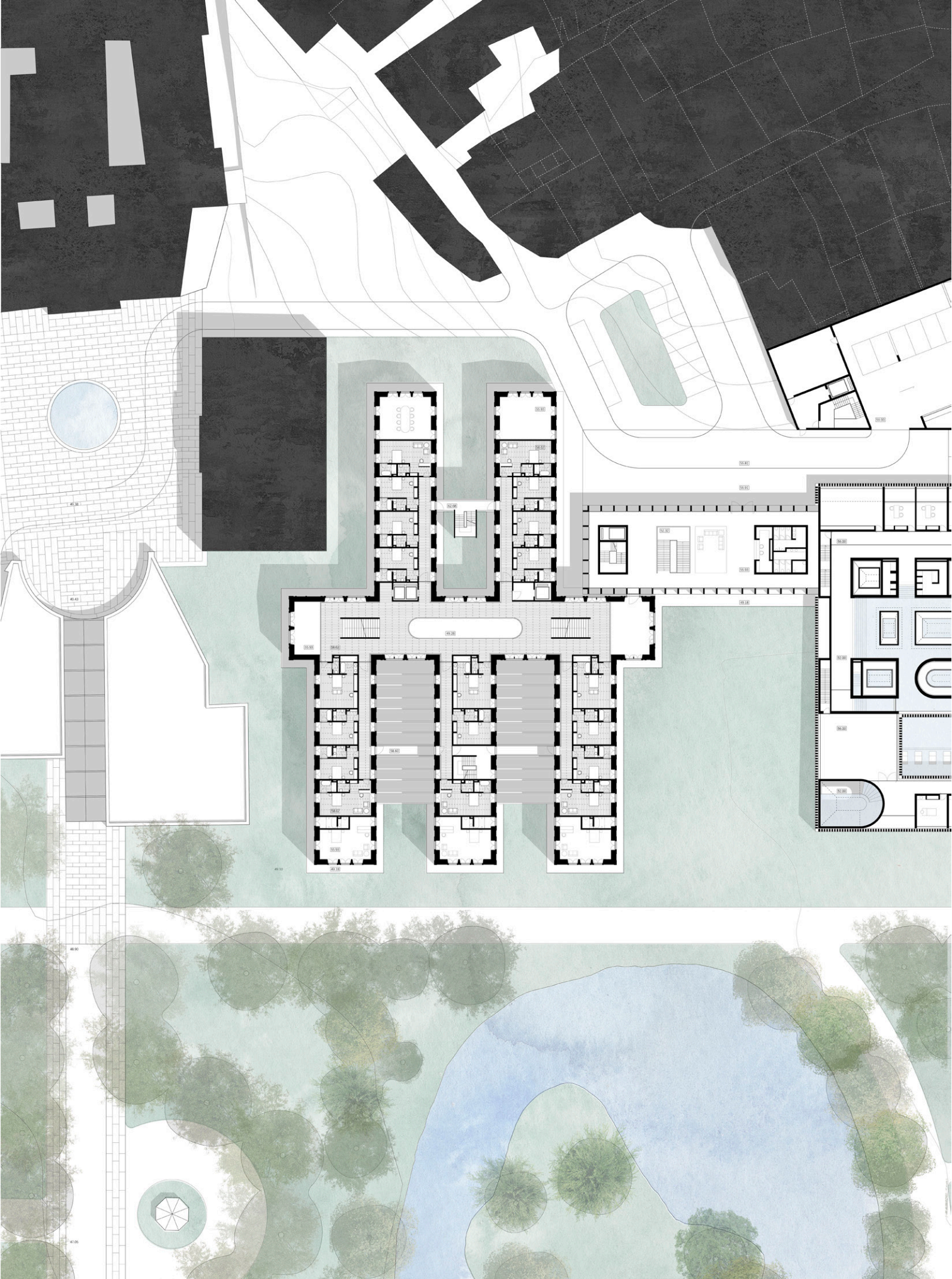
ANDRÉ DIOGO MATEUS VENTURA | PROJETO DE FINAL DE MESTRADO | UL - FACULDADE DE ARQUITETURA  
ORIENTAÇÃO: DOUTOR ARQ. ANTÔNIO MIGUEL LEITE E DOUTORA ARQ. ANA MARTA FELICIANO

**LEGENDA:**

Unidade Hoteleira (H): 17-Área Administrativa | 18- Ginásio | 19- Banheiros | 20- Quarto de mobilidade reduzida | 21- Quarto Duplo | 22- Suíte | 23- Recepção

Unidade Termal (T): 25- Administração | 26- Gabinete Médico | 27- 2ª Recepção | 28- Banheiros | 29- Enfermaria | 30- Tratamentos em Casal | 31- Ginásio | 32- Gabinetes de Fisioterapia | 33- Inalações | 34- Irrigações | 35- Tratamentos de Beleza | 36- Massagens





# DAS TERMAS À CIDADE

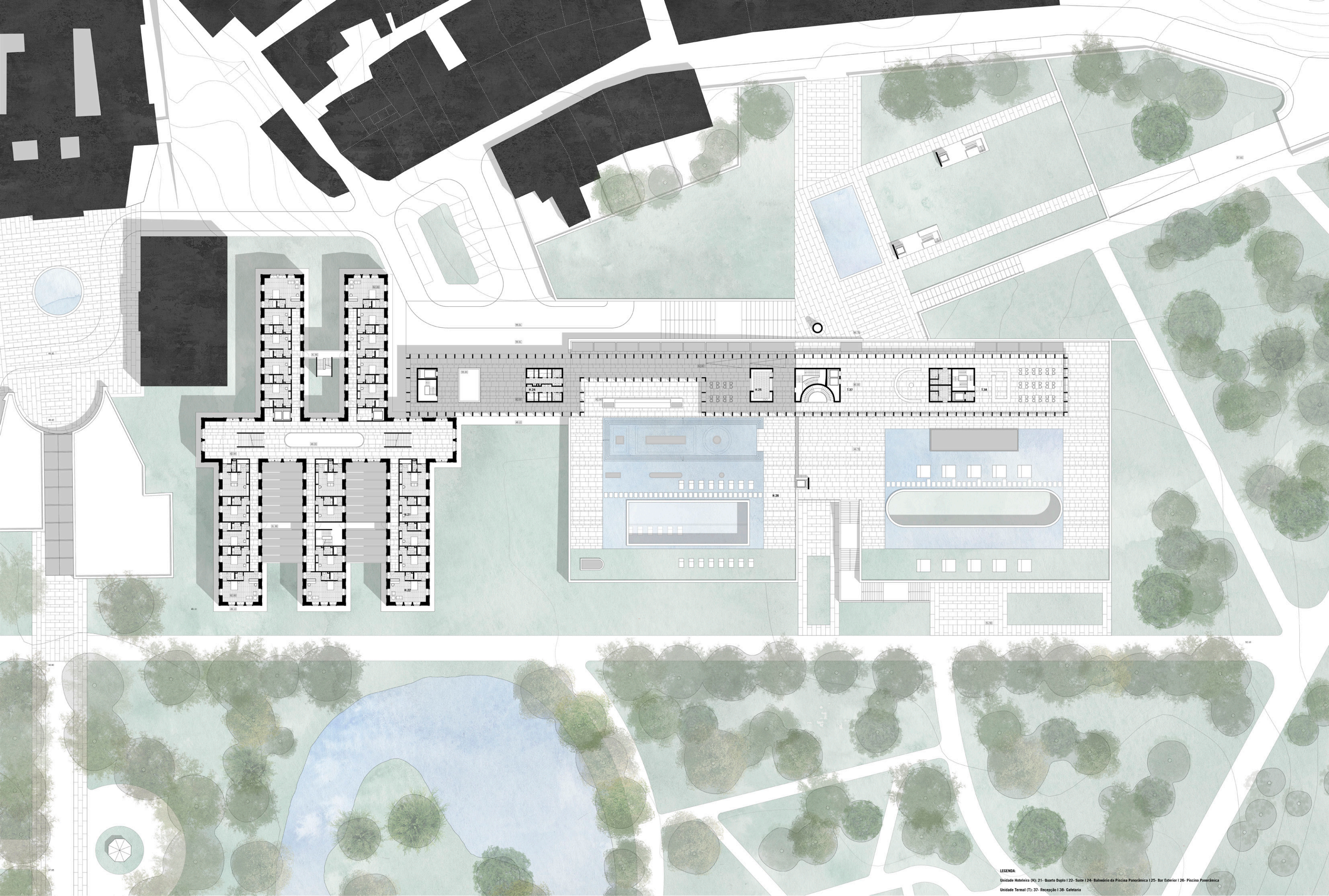
UMA PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO DO NÚCLEO TERMAL DE CALDAS DA RAINHA

ANDRÉ DIOGO MATEUS VENTURA | PROJETO DE FINAL DE MESTRADO | UL - FACULDADE DE ARQUITETURA  
ORIENTAÇÃO: DOUTOR ARQ. ANTÔNIO MIGUEL LEITE E DOUTORA ARQ. ANA MARTA FELICIANO

P.07

PLANTA DO PISO 1.1 | 1:250





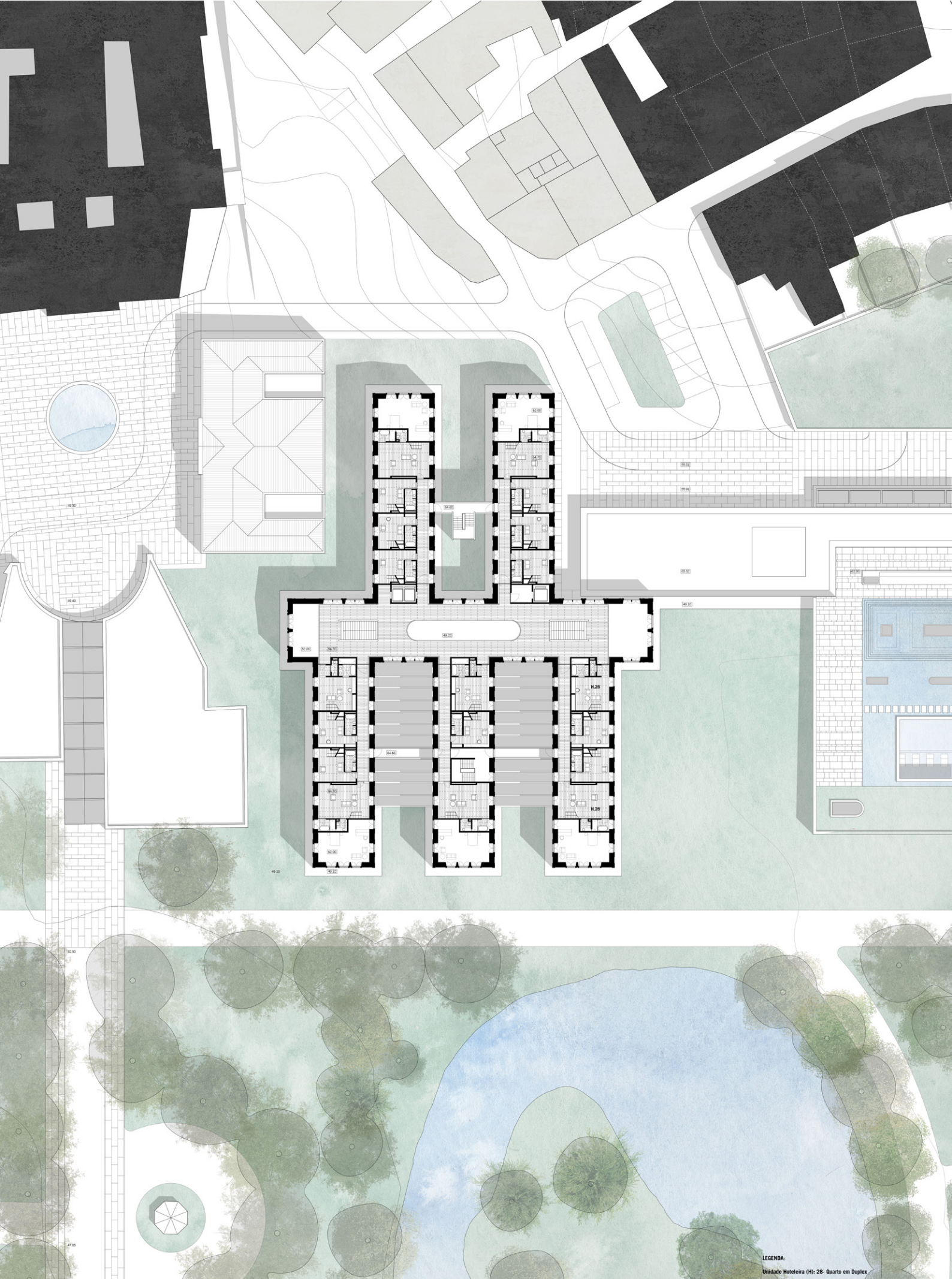
# DAS TERMAS À CIDADE

UMA PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO DO NÚCLEO TERMAL DE CALDAS DA RAINHA

ANDRÉ DIOGO MATEUS VENTURA | PROJETO DE FINAL DE MESTRADO | UL - FACULDADE DE ARQUITETURA  
ORIENTAÇÃO: DOUTOR ARQ. ANTONIO MIGUEL LEITE E DOUTORA ARQ. ANA MARTA FELICIANO

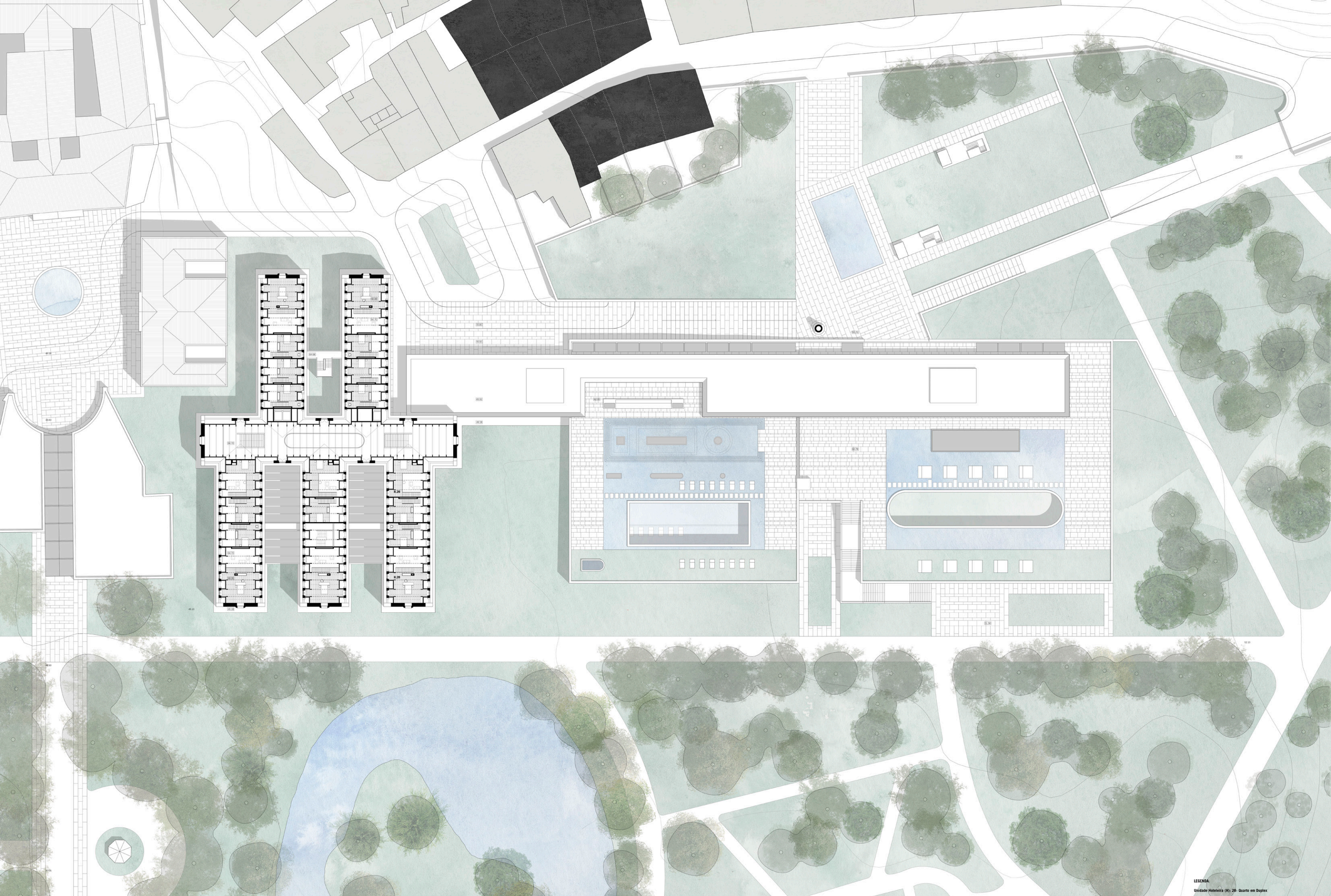
LEGENDA:  
Unidade Hotelaria (H): 21- Quarto Duplo 122- Suite 124- Banheário da Piscina Panorâmica 125- Bar Exterior 126- Piscina Panorâmica  
Unidade Termal (T): 37- Recepção 138- Cafeteria





LEGENDA:  
Unidade Hoteleira (H): 28- Quarto em Duplex





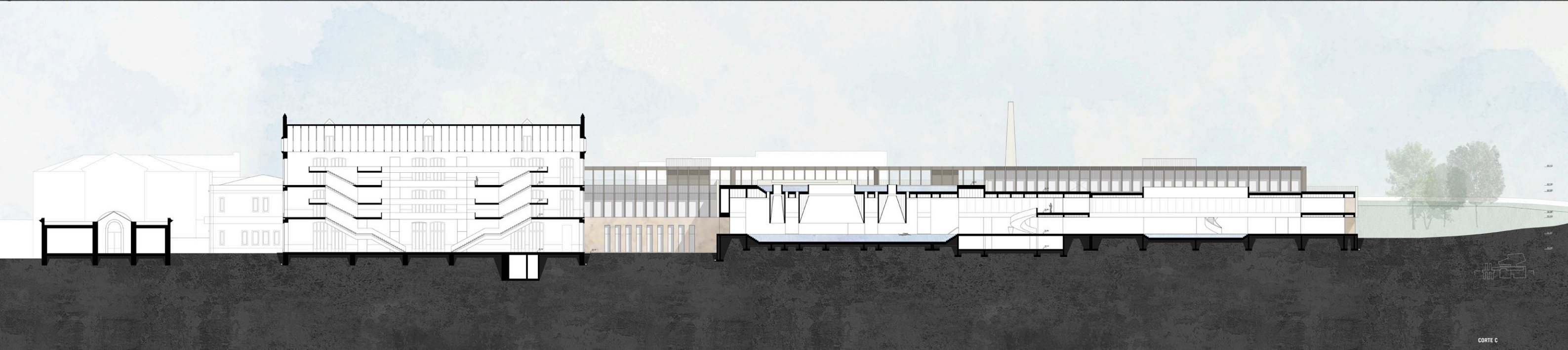
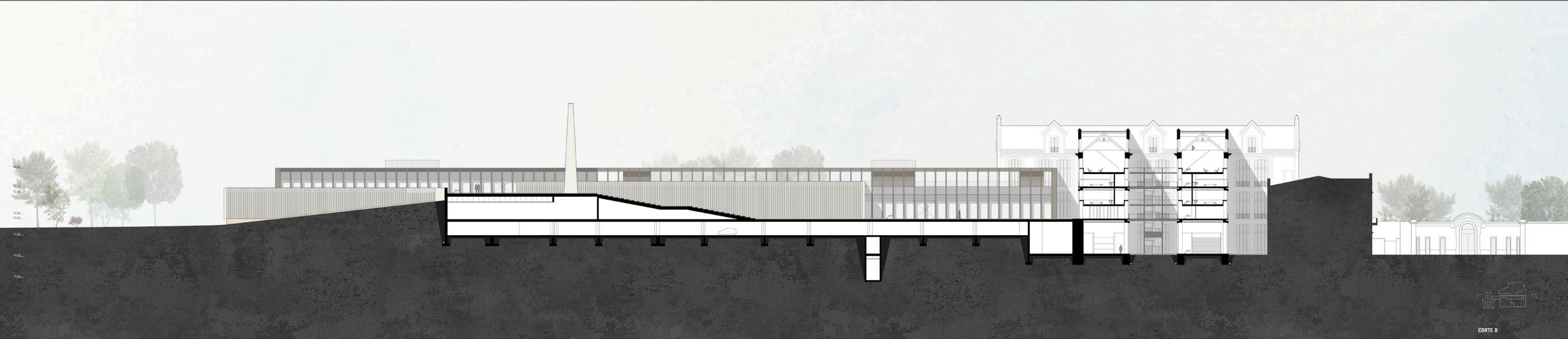
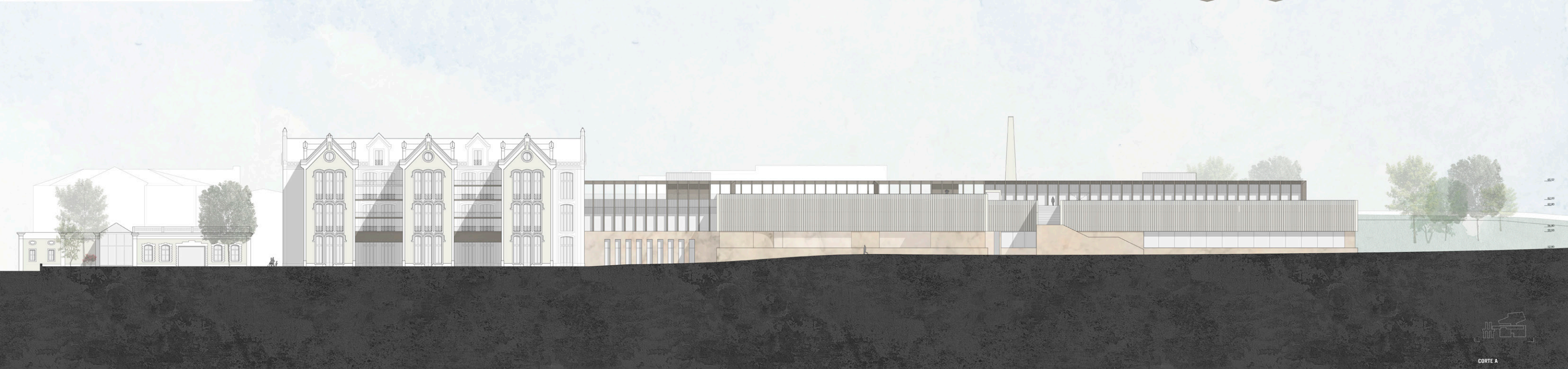
# DAS TERMAS À CIDADE

UMA PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO DO NÚCLEO TERMAL DE CALDAS DA RAINHA

ANDRÉ DIOGO MATEUS VENTURA | PROJETO DE FINAL DE MESTRADO | UL - FACULDADE DE ARQUITETURA  
ORIENTAÇÃO: DOUTOR ARQ. ANTONIO MIGUEL LEITE E DOUTORA ARQ. ANA MARTA FELICIANO

LEGENDA  
Unidade Hotelaria (H): 28 - Quarto em Duplex

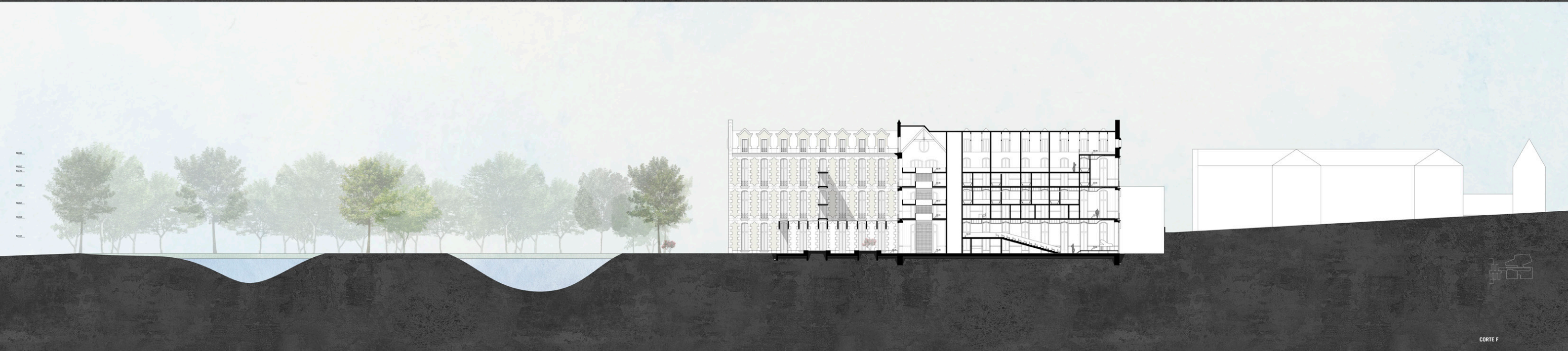
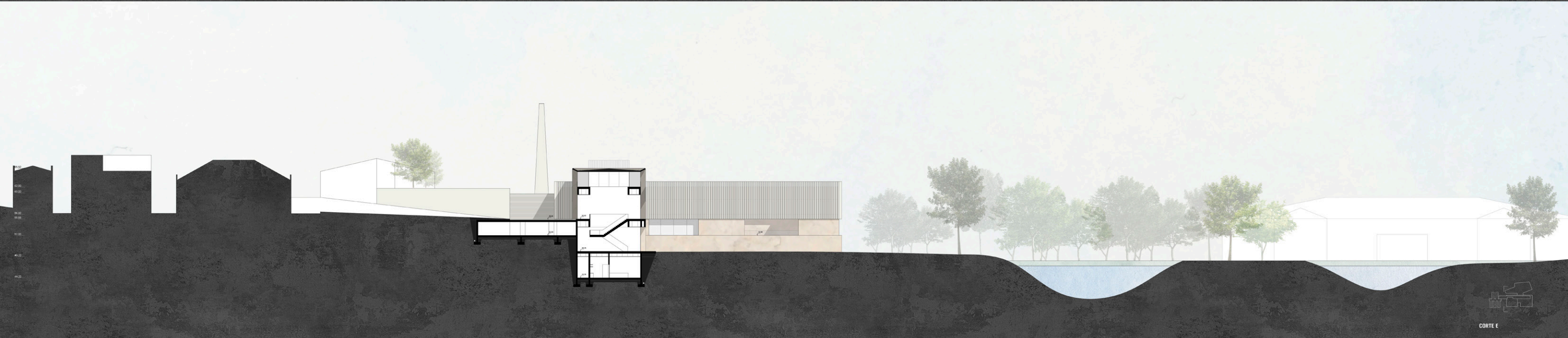




**DAS TERMAS À CIDADE**

UMA PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO DO NÚCLEO TERMAL DE CALDAS DA RAINHA  
ANDRÉ DIOGO MATEUS VENTURA | PROJETO DE FINAL DE MESTRADO | UL - FACULDADE DE ARQUITETURA  
ORIENTAÇÃO: DOUTOR ARQ. ANTÓNIO MIGUEL LEITE E DOUTORA ARQ. ANA MARTA FELICIANO





# **DAS TERMAS À CIDADE**

UMA PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO DO NÚCLEO TERMAL DE CALDAS DA RAINHA

ANDRÉ DIOGO MATEUS VENTURA | PROJETO DE FINAL DE MESTRADO | UL - FACULDADE DE ARQUITETURA

ORIENTAÇÃO: DOUTOR ARQ. ANTÔNIO MIGUEL LEITE E DOUTORA ARQ. ANA MARTA FELICIANO

**P.12**

CORTE D, CORTE E, E CORTE F | 1:250









REVESTIMENTO A AZULEJO BRANCO

REVESTIMENTO A LIOZ AMACIADO

"COLUNATA"  
ESTRUTURA METÁLICA  
REVESTIMENTO A AÇO CORTEN





**DAS TERMAS À CIDADE**  
 UMA PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO DO NÚCLEO TERMAL DE CALDAS DA RAINHA  
 ANDRÉ DIOGO MATEUS VENTURA | PROJETO DE FINAL DE MESTRADO | UEL- FACULDADE DE ARQUITETURA  
 ORIENTAÇÃO: DOUTOR ARQ. ANTÔNIO MIGUEL LEITE E DOUTORA ARQ. ANA MARTA FELICIANO



